ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU
TOMO XLV
Julho/Agosto 2004
NÚMERO 7/8

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU em Cadernos

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

Décio Nery de Lima
Prefeito Municipal

Inácio Mafra
Vice-Prefeito

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Bráulio Maria Schloegel
Presidente

Maria Teresinha Heimann
Diretora Administrativo-Financeira

Sueli M. V. Petry
Diretora Histórico-Museológica

Dirceu Bombonatti
Diretor do Centro de Publicação, Documentação e Referência em Leitura

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

Sueli Petry
Diretora

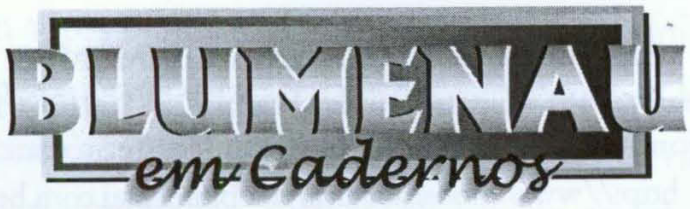
CONSELHO EDITORIAL

Cristina Ferreira *(Presidente)*
Annemarie Fouquet Schünke
Cezar Zillig, Ivo Marcos Theis,
Méri Frotscher, Urda Alice Klueger

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

© 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS
Expediente: Alameda Duque de Caxias, 64 – Caixa Postal, 425 - 89015-010 – Blumenau (SC)
Fone (0**47) 326-6990 - E-mail: funculbl@terra.com.br

Capa: Calendárdios diversos
Silvio Roberto de Braga
Revisão: Valdir A. Petry / José Rodrigues
Digitação: Fábio Araújo Supriano

EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO
Rua XV de Novembro, 161 – Centro – Caixa Postal 425 - 89010-001 - Blumenau - SC
Fone (0**47) 326-7511 - E-mail: ecmfcb@terra.com.br
http://www.fundacaoculturaldeblumenau.com.br

Ficha Catalográfica
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau – SC

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (06) 1957 -
Il.
Bimestral

ISSN 0006-5218

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto n° 1.825, de 20 de dezembro de 1907
© Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora Cultura em Movimento
"Impresso no Brasil / Printed in Brazil"

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SUMÁRIO

Apresentação 7

Documentos Originais – Artigo

A emigração de cidadãos de Kirrlach no século XIX 9
Die Auswanderung Kirrlacher Bürger im 19. Jahrhundert
Ludwig Hillebrand 10

Artigos

Pastor Dr. Paul Aldinger.
Harry Wiese 38

A pacificação dos botocudos através dos relatórios do SPI.
Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann 62

O debate acerca do espiritismo na imprensa em 1952.
Luiz Cláudio São Thiago de Melo Altenburg 75

Memórias

O Crucifixo
Alfredo Scottini 87

Pioneiros da arte fotográfica
Alberto Baumgarten 91

História & Historiografia

Almanaques e revistas publicados em alemão em
Blumenau entre 1900 e 1965.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Méri Frotscher 96

Pesquisa & Pesquisadores

Etimologia do termo Itajaí.
Lino João Antonio Dell´Antônio 114

Autores catarinenses

Uma paixão trintenária: o Contestado.
Enéas Athanázio 119

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Apresentação

Neste bimestre, a revista "Blumenau em Cadernos" procura oferecer aos leitores uma variedade de temas de relevância na atualidade que enriquecem sobremaneira a história regional e catarinense.

Inicialmente, na coluna bilíngüe **Documentos originais,** apresenta-se um texto de Ludwig Hillebrand. Este alemão, ao saber da existência de famílias descendentes de Kirrlach, Alemanha, estabelecidas em terras catarinenses, principalmente em Blumenau, Brusque e Joinville, procurou pesquisar sobre as mesmas. O resultado deste trabalho foi publicado sob o título "A emigração de cidadãos de Kirrlach no século XIX". O texto, traduzido pelo Sr. Curt Hoeltgebaum, faz parte da documentação selecionada nos arquivos da Alemanha e transferida ao Arquivo Histórico J.F.S. durante as festividades dos 150 anos de Blumenau.

Na coluna **Artigos**, o professor da Universidade Regional de Blumenau-FURB, Harry Weise, aponta para a importância do Pastor Dr. Paul Aldinger no processo da colonização da região de Hammonia (Ibirama). Trata-se de uma personalidade marcante que durante 25 anos contribuiu com sua liderança em vários setores daquela comunidade, tanto na vida religiosa, educacional e intelectual, como também no desenvolvimento econômico daquela comunidade.

Ainda na coluna **Artigos**, o mestrando do Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhan, fazendo uso de fontes contidas no acervo da família, escreve um interessante artigo sobre a pacificação dos botocudos no Vale do Itajaí.

Num outro momento, o Bacharel Luiz Cláudio Altenburg, com o texto "O debate acerca do espiritismo na imprensa de Blumenau em 1952", apresenta e analisa os debates travados através da imprensa entre o catolicismo e espiritismo, tendo como principais protagonistas o bispo católico Boaventura Kloppenburg e a escritora Castorina Lobo de São Thiago.

Na seção **Memórias**, através do texto "O Crucifixo", o professor Alfredo Scottini escreve sobre a fé religiosa dos católicos italianos de Rodeio e sua influência no cotidiano destes imigrantes.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Também em **Memórias**, o colaborador da revista, Alberto Baumgarten, através do artigo "Pioneiros da arte fotográfica", escreve sobre as atividades do fotógrafo Hans Joachim Baumgarten, um dos expoentes da fotografia em nossa cidade e região na primeira metade do século XX.

A professora doutora Méri Frotscher, na seção **História e Historiografia,** apresenta "Almanaques e revistas publicados em alemão entre 1900 e 1965". Após intensa atividade de pesquisa, leitura e análise, traduziu os títulos e elaborou a indexação dos conteúdos destes escritos com o objetivo de facilitar ao pesquisador o desenvolvimento de seu trabalho.

"Etimologia do termo Itajaí" é um texto do professor Lino João Dell´Antônio, no qual discorre sobre a etimologia indígena do termo "Itajaí", cuja palavra é tão usada na nossa Geografia e História.

Finalmente, o escritor e advogado Enéas Athanázio, em **Autores Catarinenses**, como sempre, nos brinda com suas análises sobre literatura e noticia fatos relacionados a eventos culturais.

Para os interessados em cooperar com esta revista, esperamos contar com a colaboração dos leitores e pesquisadores, através do envio de textos para as colunas Artigos, História Historiografia, Memórias, Biografias e Crônicas do Cotidiano.

Sueli Maria Vanzuita Petry
Diretora de "Blumenau em Cadernos".

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A emigração de cidadãos de Kirrlach no século XIX

Ludwig Hillebrand[1]

Sob este tema a Associação Comunitária de Kirrlach deseja trazer algumas contribuições sobre cidadãos e cidadãs que emigraram, em parte, individualmente, ou com a família toda em busca da sorte no exterior. Movidos pela pobreza, com o coração cheio de esperança, foi assim que muitos "Kirrlacher" deixaram sua pátria no século XIX. [2]

América do Norte, "terra das possibilidades sem limite" e país da imigração, atraiu muitos habitantes de Kirrlach. Ainda me lembro da época após a Segunda Guerra Mundial, quando recebíamos pacotes de parentes nos Estados

[1] Tradução: Curt Hoeltgebaum

[2] As informações se baseiam nas seguintes fontes, pesquisadas por Ludwig Hillebrand: 1 - Generallandsarchiv Karlsruhe – G.L.A. (Arquivo Estadual de Karlsruhe) – assim como anotações nos livros locais de igreja; 2 - "Das heutige Blumenau" (Blumenau de hoje), relatório da viagem do Prof. Dr. Clemens Brandenburger, publicado no jornal "Der Auslanddeutsche" (O Alemão do Exterior), ano X, nr. 1, janeiro de 1927; 3 - "Wie erging es unseren Landsleuten in Brasilien" (Como viviam nossos patrícios no Brasil), de Hermann Baier, Karlsruhe. Artigo publicado em "Mein Heimatland" (Minha Pátria), ano 24, caderno 1/1937; 4 - "Die Deutschen in Lateinamerica, Schicksal u. Leistung" (Os alemães na América Latina, destino e realização), de Helmuth Fröschle; 5- Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung in Santa Catharina (Livro Comemoração do Centenário da Emigração Alemã em Santa Catarina), Florianópolis, 1929.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Die Auswanderung Kirrlacher Bürger im 19. Jahrhundert

Unter diesem Thema möchte der Heimatverein in loser folge Beiträge bringen über Bürgerinnen und Bürger die teils alleine oder mit ihrer ganzen Familie auswanderten, um in der Fremde ihr Glück zu suchen.

Die Beiträge stützen sich auf folgende Quellen:

1. Generallandesarchiv Karlsruhe (G.L.A.), sowie Einträge in den hiesigen Pfarrbüchern.

1. Das heutige Blumenau, Reisebericht von Prof. Dr. Clemens Brandenburger, in der Zeitschrift "Der Auslanddeutsche" Jahrgang X nr. 1. Jan. 1927.

3. "Wie erging es unseren Landsleuten in Brasilien" von Hermann Beier, Karlsruhe in "Mein Heimatland", 24. Jahrgang Heft 1/1937.

4. "Die Deutschen in Lateinamerika, Schicksal u. Leistung", von Helmut Fröschle.

5. Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier deutscher Einwanderung in Santa Catharina, Florianopólis 1929.

Die Quellen wurden zusammengetragen und bearbeitet durch Ludwig Hildebrand.

Getrieben von Armut und im Herzen voller Hoffnung, so verliessen viele Kirrlacher im 19. Jahrhundert ihren Heimatort.

Nordamerika "das Land der unbegrenzten Möglichkeiten" das Einwanderungsland schlechthin, hat viele Kirrlacher angezogen. Ich kann mich noch erinnern, an die Zeit nach dem 2. Weltkrieg, als wir Pakete von unseren Verwandten aus den "Staaten" bekamen, und wohin auch heute noch Verbindungen bestehen.

Aber wer wußte von uns, daß "Kirrlacher" nicht nur nach Nordamerika, sondern auch nach Australien oder Chile, nach Algerien, Argentinien und Brasilien auswanderten. Ich war selbst überrascht, bei meinen Nachforschungen über die Familie Hauck, gleich auf drei Brasilien-Auswanderer zu stoßen. Als uns dann noch vor drei Jahren, Josef Heiler, (Bäcker-Luis-Josef) nach einer Reise durch Brasilien, die ihn auch zu den "deutschsten" Städte Brasiliens führte (wir berichteten schon einmal darüber), Unterlagen mitgebracht hatte, begann ich mich mit der Kirrlacher Auswanderung nach Brasilien näher zu beschäftigen.

Brasilien, Land der Fußballzauberer, "Pelé, die schwarze Perle", wer kennt ihn nicht oder Karneval in Rio mit seinen Samba-Tänzerinnen und ausgelassener Fröhlichkeit, das kommt uns doch allen etwas exotisch vor.

Doch zuerst noch einige geschichtliche Vorausetzungen.

Der Name "Brasil" enstand aus "brasa" das heißt "glühende Kohle".

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Unidos com os quais ainda hoje mantemos contato. Mas, quem de nós sabia que os habitantes de Kirrlach haviam emigrado, não somente para a América do Norte, mas também para a Austrália, Chile, Argélia, Argentina e Brasil? Eu mesmo fiquei surpreso quando, nas minhas pesquisas sobre a família Hauck, me deparei com três emigrantes que foram para o Brasil. Depois de ter recebido alguns dados trazidos por Josef Heiler (Padeiro Luis-Josef) após uma viagem ao Brasil, passando pelas cidades "alemãs", iniciei a pesquisa sobre emigração de Kirrlach para o Brasil.

Brasil, terra dos gênios do futebol. Quem não conhece "Pelé, a pérola negra", ou o Carnaval com suas sambistas descontraídas e alegres? Tudo nos parece exótico.

Antes, porém, algumas condições históricas.

O nome Brasil se origina da palavra "brasa". O primeiro artigo de exportação era uma madeira vermelha como brasa que os portugueses chamaram de Pau-Brasil. Nome que deu origem aos Estados Unidos do Brasil.

A República dos Estados Unidos do Brasil é formada por vinte Estados, sete Territórios e um Distrito Federal. Com seus oito e meio milhões de quilômetros quadrados, o Brasil é atualmente o maior país da América do Sul, abrangendo metade do continente (trinta e quatro vezes maior que a República Alemã).

Esse país imenso surgiu do conjunto de colônias fundadas pelos portugueses ao longo de três séculos na América do Sul. Essas terras foram ocupadas pelo príncipe regente, mais tarde rei D. João VI, quando este abandonou Lisboa e veio para o Rio de Janeiro em conseqüência da invasão napoleônica. Ele queria devolver o brilho a Portugal e transformou em 1815 as colônias sul-americanas em Reino. A economia estava apoiada nos latifúndios e na escravatura. Havia uma classe social branca, por um lado, e escravos africanos, descendentes de nativos e mestiços do outro. Uma classe média praticamente não existia. D. João VI reconhecia esta situação e,

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Der erste Exportartikel war nämlich ein Holz, das wie Kohle glühte, die Portugiesen nannten es Brasilholz. Der Name hat sich gehalten: Estados Unidos do Brasil.

"Die Republik der Vereinigten Staaten von Brasilien", setzt sich aus zwanzig Staaten, sieben Territorien und ein Bundesdistrikt zusammen. Mit seinen 8½ Millionen Quadradtkilometer an Ausdehnung, ist Brasilien einer der räumlich größten Staaten der Gegenwart; er umfaßt fast halb Südamerika. (34 mal größer als die Bundesrepublik).

Dieser Großtaat Brasilien entstand durch die Zusammenfassung aller Kolonien, die die Portugiesen im Verlauf von fast drei Jahrhunderten in Südamerika gegründet hatten. Dieser Vereinigung nahm der damaliger portugiesische Prinzregent und spätere König Johann VI. (Dom João VI) vor, der sich vor der Invasion der napoleonischen Heere 1808 von Lissabon nach Rio de Janeiro abgesetzt hatte. Er wollte Portugal in neuen Glanz erstehen lassen und schloß 1815 die Südamerikanische Kolonien zu einen Königreich zusammen. Die Volkswirtschaft stützte sich jedoch auf den Kolonialen Großgrundbesitz und die Sklaverei, da gab es eine weise Herrenschicht auf der eine Seite und Afrikanische Sklaven oder Indianerabkömmlinge und Mistizen auf der andere Seite. Eine Soziale Mittelschicht gab es so gut wie nicht. Dies erkannte Johann VI. und 1818 dachte man zum ersten Male an eine kleinbäuerliche Kolonisation mit Ausländern. Am 16 März 1820 richtete König Johann VI schließlich einen Aufruf an den verschiedensten Völker Deutschlands und anderer Staaten und bot den Einwanderern gewisse Vergünstigungen an.

Warscheinlich sprach man die Deutschen namentlich an, weil inzwischen der Thronerbe Dom Petro I mit der Tochter des letzten Kaisers des Heiligen Römischen Reiches deutscher Nation, der Erzherzogin Leopoldine verheiratet war.

Zu den ersten Kolonien gehören "Leopoldina" und "Frankental", die 1818 bzw. 1821 im Südzipfel von Bahia gegründet wurden. Die erste Niederlassung von der wir wissen, daß sie einen ausgesprochenen kleinbäuerlichen Charakter trug, war „Neu-Freiburg" bei Rio de Janeiro, 1819 mit 1600 Personen aus der Schweiz und aus Deutschland angelegt wurde. Diese ersten Einwanderer waren jedoch für den Landbau wenig geeignet und wanderten zum grossen Teil wieder ab.

Bald nach der Unabhängigkeitserklärung durch Dom Pedro, der im Widerstreit mit dem ultraliberalen Parlament in Lissabon am 7 September 1822 das neue Königreich vom Mutterland trennte und sich zum Kaiser über das Land erklärte, wurde 1824 in Rio Grande do Sul die erste Deutsche Kolonie São Leopoldo und 1825 Santa Maria gegründet. Die Kolonie São Leopoldo umfasste ursprünglich

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pela primeira vez, em 1818, se pensou numa colonização baseada numa agricultura familiar com imigrantes estrangeiros. Aos 16 de março de 1818 o Rei D. João VI dirigiu um apelo aos "diferentes povos da Alemanha e de outros Estados", oferecendo vantagens para imigrantes. Provavelmente o apelo foi mais direto aos alemães, porque o príncipe herdeiro D. Pedro I havia casado com a Princesa Leopoldina, filha do imperador do Santo Império Romano-Germânico.

Faziam parte das primeiras colônias Leopoldina e Frankental, fundadas no sul da Bahia em 1818 e 1821, respectivamente. No entanto, o primeiro assentamento que sabemos ter existido, com características de agricultura familiar, foi Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, em 1819, com 1.600 pessoas oriundas da Suíça e da Alemanha. Os primeiros imigrantes, porém, não estavam aptos para a agricultura e uma parte emigrou novamente.

Logo após a proclamação da independência por D. Pedro I, que se proclamou imperador, em 7 de setembro de 1822, devido a desentendimentos com o parlamento em Lisboa, separando assim o novo reino da pátria-mãe, foram fundadas as Colônias São Leopoldo, em 1824, e Santa Maria, em 1825, as primeiras no Rio Grande do Sul. A Colônia São Leopoldo abrangia inicialmente 1.028 lotes (cerca de 70 –75 hectares cada), podendo abrigar o mesmo número de famílias. Essa colônia é tomada como célula germinadora da colonização alemã no Rio Grande do Sul porque, a partir desta, mais tarde, foram fundadas muitas colônias.

No Estado de Santa Catarina, entre os Estados do Rio Grande do Sul e Paraná, a colonização alemã iniciou em 1828, com a fundação da Colônia São Pedro de Alcântara. Das primeiras 635 pessoas determinadas para serem colonos em Santa Catarina, 523 vieram diretamente de Bremen.

A colônia seguinte foi Rio Negro, fundada às margens do rio de mesmo nome. A primeira leva de imigrantes chegou aos 6 de fevereiro de 1829. Eram 20 famílias, contando 105 pessoas, que vieram de Trier e havi-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

1028 Grundstücke (je 70 –75 Hectar), konnte also ebenso viele Familien aufnehmen. Diese Kolonie gilt als Keimzelle für die "deutsche" Besiedelung im Staat Rio Grande do Sul, denn von ihr aus wurden später viele Töchter-Kolonien gegründet.

Im Staate Santa Catharina, dem Bundestaat zwischen Rio Grande do Sul und dem Staat Paraná, begann 1828 mit der Gründung der Kolonie São Pedro de Alcântara die "deutsche" Besiedelung. Von den ersten 635 Personen für Santa Catharina bestimmte Kolonisten, kamen 523 Personen direkt aus Bremen.

Eine der nächsten Kolonie-Gründung war Rio Negro am gleichnamigen Fluß. Der erste Kolonistentransport kam am 6. Februar 1829 in Rio Negro an. Un zwar waren es 20 Familien mit 105 Personen, welche aus Trier stammen und am 30 Juni 1828 von Bremen abgefahren waren.

Am 5 Mai 1835 wurden an den Flüßen Itajahy Assú und Itajahy Mirim, Kolonien gegründet. Als Kolonisten wurden alle einheimischen und fremden Zuwanderer angenommen, jeder ledige Kolonist erhielt ein Stück Land von 200 – 400 Morgen.

Die späteren Kolonien Blumenau und Brusque, gehörten zuerst zu dieser Kolonie "Itajahy". Zusammen mit der Kolonie Dona Francisca (Joinville) sollten diese drei im Urwaldgebiet des Küstenstreifens, im Laufe der Zeit aber die wichtigsten deutschen Kolonien von Santa Catharina werden. Die erste von ihnen wurde nach ihrem Gründer benannt, dem Pharmazeuten Dr. Hermann Blumenau aus Braunschweig und gilt als die bedeutenste deutsche kolonisatorische Leistung in ganz Südamerika.

Im Jahre 1848 gewährte ihm die Provinsregierung von Santa Catharina eine Urwaldkonzession von 220 qkm am Itajahy Assú. Am 2. Dezember 1850 landeten an Platz wo sich heute die Stadt Blumenau erhebt, die ersten deutschen, die der Gründer für die Auswanderung gewonnen hatte. Mit einer unglaublichen ausdauer und Hartnäckigkeit ertrug Dr. Blumenau mit seinen Kolonisten die ersten zehn Jahre unter Entbehrungen aller Art und harter, schwerer Arbeit.

Von der nun wachsenden Kolonie Blumenau aus drangen die Siedler allmählich in die Täler der Nebenflüße des Itajahy Assú vor. Es enstanden: Gaspar, Garcia, Itoupava und andere Siedlungen. An verschiedenen Verkehrskreuzungen die für den Einkauf un Absatz günstig lagen, entwickelten sich kleinere Ortschaften mit dorfähnlichem Charakter, die im laufe der Zeit zu Landstädchen und Munizipalsitzen (Kreismittelpunkten) heranwuchsen: Pomerode, Indaial, Timbó und "Badenfurt", neben Blumenau das Ziel vieler Kirrlacher.

Nach einen Bericht der Munizipalkammer von 1907 heißt es über Blumenau:

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

am embarcado no Porto de Bremen, de onde saíram aos 30 de junho de 1828. Em 5 de maio de 1835 foram fundadas colônias ao longo dos rios Itajaí-Açu e Itajaí Mirim. Foram admitidos como colonos qualquer morador da região e migrantes estranhos. Cada colono solteiro recebia um lote de 200 a 400 Morgos (jeiras).

As futuras colônias Blumenau e Brusque inicialmente pertenciam à Colônia "Itajaí" (sic). Junto com a Colônia Dona Francisca (Joinville), fundadas na mata atlântica, tornar-se-iam posteriormente as mais importantes colônias de Santa Catarina. A primeira delas recebeu o nome do seu fundador, o farmacêutico Dr. Hermann Blumenau, de Braunschweig, considerada a realização colonizadora mais importante da América do Sul.

Em 1848 o governo provincial de Santa Catarina concedeu a ele 220 quilômetros quadrados de mata virgem no rio Itajaí-Açu. No dia 2 de setembro de 1850 chegaram no local onde hoje é a cidade de Blumenau os primeiros alemães trazidos pelo fundador. Com incrível tenacidade e perseverança, Dr. Blumenau e seus colonos lutaram durante dez anos, trabalhando duro e pesado, sob privações de toda ordem. Da então crescente Colônia Blumenau, gradativamente, os colonos foram avançando pelos vales dos afluentes do Itajaí-Açu. Surgiram Gaspar, Garcia, Itoupava e outras povoações. Em vários cruzamentos das vias de comunicação posicionadas estrategicamente para o comércio, surgiram localidades com características de povoado, que com o tempo foram crescendo ao redor de Blumenau e se emancipando: Pomerode, Indaial, Timbó, o destino de muitos habitantes de Kirrlach.

Num artigo da Câmara Municipal de Blumenau de 1907 consta:

"A Colônia de Blumenau, que se estabeleceu na mata virgem, apresenta uma cultura completamente transferida do exterior, com todos animais domésticos e meios de transportes costumeiros, desde o carrinho-de-mão até carroça com toldo de lona. Nós encontramos animais domésticos

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"Die Kolonie Blumenau, die sich in den Urwald hineingearbeitet hat, zeig eine ins Ausland fertig übertragene Kultur, mit allen Haustieren und mit den gewohnten Transportmitteln von der Schubkarre bis zum Planwagen. Wir finden hier Haustiere: Bienen, Enten, Gänse, Hühner, Hunde, Kaninchen, Katzen, Perlhühner, Pfauen, Maultiere, Pferde, Rinder, Schafe, Schweine, Truthühner und Ziegen.

Im Jahre 1870 besaß Blumenau immerhin schon 5986 Einwohner, die fast ausschließlich Deutsche waren.

Heute ist Blumenau eine moderne brasilianische Großtadt mit rund 200.000 Einwohner, unter denen sich viele Nachkommen von Kirrlacher Auswanderer befinden (z. B. Würges). Die zweite Kolonie "Brusque", 32 km südlich von Blumenau am Itajahy Mirim, wurde am 4. August 1860 mit 54 deutschen Familien gegründet. Hier wurden unter verschiedenen Direktoren Einwanderer aus Schleswig-Holzstein, aus Pommern und hauptsächlich aus Baden (Nachkommen aus Karlsdorf, Wiesental, Weiher, Kirrlach sind mir bekannt), seßhaft gemacht. 1863 zählte diese Siedlung 938 Einwohner und 1867 schon 1458. Heute ist Brusque eine schöne Kleinstadt mit 65.000 Einwohnern. Joinville die dritte große ehemalig deutsche Kolonie, enstand 1851 nördlich vom Itajahy Tal auf Initiative des "Kolonisations-Vereins von 1848 in Hamburg", auf einer sumpfigen und wenig geeigneten Landfläche, die der Schwester des Kaisers Dom Petro II, "Donna Francisca", und ihren Gatten dem Prinzen von Joinville gehörte. Eine Siedlung die zuerst den Namen der Prinzessin und später den Namen ihres Gatten erhielt. In dieser Siedlung ließen sich schon gleich zu Anfang neben Landwirten auch Adelige, Akademiker und Intelektuelle nieder, die ihre Heimat aus politischen Gründen verlassen hatten. Zu den deutschen Einwanderern kamen Schweizer, Norweger und einige Franzosen hinzu. Diese Kolonie war von Anfang an ein Zentrum mit der stark ausgeprägter, manigfaltiger handwerklicher und kleinindustrieller Produktion. Sie ist heute eine Großtadt mit 300.000 Einwohnern.

Man kann auf Grund der Zielortsangaben in den Auswanderungsanträgen bzw. aus späteren Briefwechsel mit Ortsangaben schließen, daß sich ca. 2/3 der Kirrlacher Auswanderer in diese drei großen "deutschen Kolonien" oder von dort aus, in neu gegründete Kolonien begeben und niedergelassen haben.

Beim restlichen Drittel der Auswanderer kann man sagen, daß wiederum eine große Gruppe (verwandt, verschwägert) sich gemeinsam auf verhältnismäßig engen Raum angesiedelt haben. Diese Auswanderer sowie der Ort ihres Aufenthaltes ist durch Briefe bekannt. Hierbei handelt es sich um die Kolonie Pinhal und Rio Claro im Staate São Paulo, wobei mir nähere Informationen über diese beiden Kolonien bis heute noch fehlen, sodaß ich leider nichts über diese hier anführen kann.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tais como: abelhas, marrecos, gansos, galinhas, cachorros, coelhos, gatos, galinhas angolistas, pavões, burros, cavalos, bovinos, ovelhas, porcos, perus e cabras".

Em 1870 Blumenau já contava 5.968 habitantes, quase todos alemães. Hoje Blumenau é uma cidade brasileira moderna, com 200 mil habitantes, entre os quais se encontram descendentes dos emigrantes de Kirrlach (por exemplo, Würges).

Brusque, a segunda colônia, situada 32 quilômetros ao Sul de Blumenau, às margens do Itajaí Mirim, foi fundada em 4 de agosto de 1860, com 54 famílias alemãs. Aqui foram assentados, sob a administração de vários diretores, emigrantes de Schleswig-Holzstein, Pomerânia e principalmente de Baden (descendentes de Karlsdorf, Wiesental, Weiher e Kirrlach me são conhecidos). Esta colônia contava em 1863 com 938 habitantes e em 1867 com 1.458. Atualmente Brusque é uma cidade com 65 mil habitantes.

Joinvile, a terceira colônia alemã, surgiu em 1851 ao Norte do Vale do Itajaí, por iniciativa da "Companhia Colonizadora de Hamburgo", numa região pantaneira e imprópria para agricultura, pertencente à irmã do Imperador Pedro II, Dona Francisca e seu esposo, Príncipe de Joinville. Desde o início vieram para esta colônia, além de colonos, também nobres, acadêmicos e intelectuais que haviam deixado sua pátria por motivos políticos. Aos imigrantes alemães se juntaram suíços, noruegueses e franceses. Desde seu início, essa colônia foi um centro fortemente marcado pela produção artesanal e industrial. Hoje é uma cidade de 300 mil habitantes.

Pode-se concluir, com base nos registros dos destinos, constantes nos pedidos de emigração, e correspondências posteriores, que cerca de dois terços dos emigrantes de Kirrlach foram para estas três colônias, ou destas para novas colônias fundadas posteriormente. Da terça parte restante de emigrantes, por sua vez, pode-se dizer que um grande grupo (de

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Somit kommt man zu der Feststellung, daß die Kirrlacher Auswanderfamilien sich zwar an verschiedenen Orten, jedoch in großen Gruppen niedergelassen haben um sich dadurch das Kolonistenleben zu erleichtern.

Nur wenige Familien scheinen sich einzeln an anderen Orten niedergelassen zu haben, von denen allerdings auch nichts näheres mehr bekannt ist.

Kirrlacher Auswanderung nach Brasilien. 1860

Die Auswanderung von Kirrlacher nach Brasilien begann im Jahre 1860. Damals zog es die ersten drei jung verheirateten Familien nach Südamerika. (Die Auswanderung von Kirrlach nach Nordamerika begann schon 30 Jahre früher). Sorgen um ihre Existenz hier und die Hoffnung auf eine bessere Zukunft, waren wohl die Gründe ihrer Abwanderung. Politische Beweggründe, etwa Nachwirkungen der 1848 Revolution, hatte ihre Auswanderung vermutlich nicht. Man darf wohl annehmen, daß der Entschluß die Heimat zu verlassen nicht kurzfristig gefasst, sondern in Jahren der Unzufriedenheit geboren und herangereift war.

Die drei Familien waren:

Nr. 1 Mayer Andreas mit Ehefrau Apollonia geb. Kremer.
G.L.A. 344/773
Der Vater der Apollonia, Wendelin Kremer ist am 20.4.1861 ebenfalls nach Brasilien, siehe unter 1861 Nr. 10
Sein Bruder Heinrich Kremer ist ihnen 1865 mit seine Familie (bis auf Sohn Philipp) gefolg, siehe 1865 Nr. 3

Andreas Mayer war 1879 mit der Ehefrau des Heinrich Kremer, Namens Catharina geb. Müller, hier in Kirrlach zu Besuch. Von ihrer Rückkehr nach Brasilien gibt es zwei Briefe die sie an Philipp Kremer geschrieben haben. Auf diesem Besuch und die damit verbundene Ausreisewelle Kirrlacher Familien, sowie die Reaktion der Behörden, werde ich unter 1879 noch ausführlich zu sprechen kommen.

Nr. 2 Nuss, Andreas mit Ehefrau Barbara geb. Hoffner.
G.L.A. 344/773 sowie sein Bruder
Nr. 3 Nuss, Philipp mit Ehefrau Margaretha geb. Schuhmacher
G.L.A. 344/775

Aus einer zusammenstellung der Einwanderungen nach der "Colonia Itajahy – Brusque Ano de 1860" durch Oswaldo R. Cabral von 1958, geht hervor, dass sie zu 3 Einwanderungsgruppe der am 4. August des Jahres 1860, auf 4 Quadratleguas Land unter dem Provinzpräsidenten Francisco Carlos de Araujo Brusque, am linken Ufer des Itajahy Mirim mit 54 deutschen Familien gegründeten Kolonie Itajahy gehörten. Diese Kolonie wurde später zu Ehren des Presidenten in Brusque umbenannt.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

aparentados) se estabeleceu num espaço relativamente pequeno. Através de cartas se conhece tais emigrantes, bem como os locais onde se estabeleceram. Trata-se das colônias Binial e Rio Claro, no Estado de São Paulo. Até hoje me faltam informações mais detalhadas sobre isto, de modo que infelizmente nada posso informar sobre as mesmas.

Podemos afirmar que as famílias emigrantes de Kirrlach se estabeleceram em várias localidades, formando grandes grupos a fim de facilitar sua vida como colonos. Parece que poucas famílias se estabeleceram isoladamente em outros locais, das quais evidentemente não tenho informações.

Emigrantes de Kirrlach para o Brasil em 1860

A emigração de Kirrlach para o Brasil começou no ano de 1860. Naquela época, três famílias foram atraídas para a América do Sul. (A emigração para a América do Norte já havia começado trinta anos antes). Preocupação com sua subsistência na Alemanha e a esperança de um futuro melhor talvez tenham sido os motivos da emigração. Motivos políticos, como repercussões da Revolução de 1848, não tiveram influência para sua emigração. Mas podemos admitir que a decisão de deixar sua pátria não surgiu de repente, porém, nasceu da insatisfação e foi amadurecendo ao longo de anos.

As três famílias eram:

1. Andreas Mayer com esposa Apollonia, nascida Kremer. O pai de Apollonia, Wendelin Kremer emigrou em 20.04.1861 para o Brasil. (n.10 - 1861). Seu irmão Heinrich Kremer e família (exceto o filho Philip) lhe seguiram em 1865. (nª 3 – 1865). Andreas Mayer e Catharina, nascida Müller, esposa de Heinrich Kremer, estiveram em Kirrlach de visita em 1879. Ao retornar, escreveram duas cartas para Philipp Kremer. Esta visita e a onda de emigração de famílias de Kirrlach, assim com a reação das autoridades,

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Die drei Kirrlacher Auswanderfamilien sind dort unter den Nummern 6/ 10 / 40 aufgeführt.

6 - Nuss André - 41 Jahre, Landwirt, katolisch, geb. Baden. verh. Barbara Höfner 43 Jahre.

Kind: José (6)

10 - Nuss Felipe - 28 Jahre, Landwirt, katolisch, Baden. verh. Margarida Schumacher (27)

Kinder: André (10), Germano (7).

40 - Mayer, André - 33, Landwirt, katolisch, Baden. vehr. Apollonia Krahner (18)

Nachkommen des Andreas und der Apollonia leben heute noch in Brusque, leider nicht mehr unter den Namen Mayer, sondern durch den Namen Schlindwein dessen Vorfahren aus Karlsdorf kamen.

Mit diesen drei Kirrlacher Auswanderfamilien war nun das Tor nach Südamerika aufgestoßen.

1861

Denn nur ein Jahr später sollte die Auswanderung aus Kirrlach nach Brasilien mit 16 Antragstellern zusammen 58 Personen ihren ersten Höhepunkt erreichen. Es ist wohl anzunehmen, daß gute Nachrichten aus der Kolonie Blumenau u. Brusque, die Ermutigung dazu gab. Hier in Kirrlach hatte sich ja nichts an den schlechten Lebensverhältnissen der Einwohner geändert. Die meisten Antragsteller gaben bei ihren Anträgen an das Bezirksamt an, "sich eine neue oder bessere Existenz gründen zu wollen" was wohl nichts anderes bedeutete als, daß sie sich eine bessere wirtschaftliche Zukunft, wenn auch nicht für sich, so doch für ihre Kinder, von dieser Auswanderung und den damit verbundenen Neubegin erhofften.

Ein Grund war mit Sichercheit auch der Bürgerkrieg in Nordamerika (1861- 1865) der es den Auswanderern erschwerte dorthin zu ziehen, aber ebenso den Gemeinden die Möglichkeit nahm ihre Armen und unliebsamen Einwohner nach Nordamerika abzuschieben. Denn auch bei einigen Kirrlacher Auswanderungsanträgen findet man den Vermerk "auf Kosten der Gemeinde ausgewandert", oder "die Gemeinde zahlt die Schulden und die Überfahrtskosten." Ich habe den Eindruk die Gemeinden sowie der Staat Baden haben es sich damals sehr leicht gemacht, anstehende wirtschaftliche und soziale Probleme zu lösen.

Erwähnenswert erscheint mir auch, daß unter den Auswanderern viele uneheliche Kinder, die zwar in Kirrlach aufgewachsen und geheiratet hatten, sich dann entschlossen haben auszuwandern.

Wenn man die damalige Moral, - und Sittlichkeitsbegriffe (die leider auch

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

comentarei com mais detalhes na emigração de 1879.

2. Andreas Nuss com esposa Bárbara, nascida Hoffner, bem como seu irmão.

3. Philipp Nuss com esposa Margaretha, nascida Schuhmacher.

Num artigo escrito por Oswaldo R. Cabral, em 1958, sobre a imigração para a "Colônia Itajahy-Brusque, ano de 1860", são mencionadas três famílias imigrantes, 54 famílias alemãs, que aos 4 de agosto de 1860 se estabeleceram à margem esquerda do Itajaí Mirim numa área de quatro léguas quadradas pertencentes à Colônia de Itajaí, sob o governo da Província, Francisco Carlos de Araújo Brusque. Em honra ao presidente, essa colônia foi renomeada mais tarde para "Brusque". As três famílias oriundas de Kirrlach são mencionadas ali sob os números 6,10 e 40:

- Nuss, André – 41 anos, lavrador, católico, natural de Baden, casado com Bárbara Hoffner, 43 anos. Filho: José – 6 anos.

- Nuss, Felipe – 28 anos, lavrador, católico, Baden – casado com Margarida Schumacher, 27 anos. Filhos: André 10 e José 7 anos.

- Mayer, André – 33 anos, católico, lavrador, Baden, casado com Apollonia Krahmer, 18 anos. Descendentes de André e Apollonia ainda vivem hoje em Brusque, porém não com o sobrenome Mayer, mas Schlindwein, cujos ancestrais vieram de Karlsdorf.

O portal para a América do Sul foi aberto por estas três famílias emigrantes de Kirrlach.

Emigrantes de Kirrlach para o Brasil em 1861.

Um ano depois, a emigração de Kirrlach para o Brasil atingiu o auge, com 16 pedidos, somando 58 pessoas. Presumimos que o motivo tenham sido as boas notícias das colônias de Blumenau e Brusque. Aqui em Kirrlach, as más condições de vida de seus habitantes em nada haviam mudado. A maioria dos pedidos apresentou como motivos "buscar uma

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

heute noch von vielen heuchlerischen vertreten werden) und die damit verbundene Benachteiligungen zu Grund legt unter denen diese Mütter lebten und ihre Kinder heran wuchsen, dazu die wirtschaftliche Armut addiert, so könnte ich mit vorstellen, daß auch dies Gründe zur Auswanderung waren.

Die 16 Antragsteller des Jahres 1861 waren:

Nr. 1. Baader Augustin mit Ehefrau Brigitta geb. Hoffner und den Kindern: 1 Katharina,

2 Joseph, 3 Maria Eva, 4 Elise.

G.L.A. 344/731

Nr. 2. 3. 4. 5. Brühmüller Thomas mit Ehefrau Magdalena geb. Vogt mit ihrem 7 Kindern: 1 Margaretha, 2 Rosa, 3 Peter Joseph, 4 Johann Georg, 5 Bernhardine, 6 Johann, 7 Johanna. Mit ausgewandert sind noch zwei Geschwister des Thomas, nämlich Veronika und Augustin beide ledig.

Es wird ein Vermögen von 800 Gulden angegeben.

G.L.A. 344/738

Das Kind Johan Georg wurde im Auswanderungsantrag nicht erwähnt, ob es verstorben, oder doch nicht ausgewandert, ist nicht bekannt. Ihre Schwester Maria Eva stellte zwar zusammen mit Veronika und Augustin den Auswanderungsantrag, ist aber nicht mit ihnen ausgewandert.

Nr. 6. Fenrich, Valentin mit Ehefrau Franzisca geb. Riegel und 5 ledigen Kindern: 1 Kornel, 2 Maria Margaretha, 3 Rosa, 4 Franz Joseph, 5 Rochus.

Vermögen 600 Gulden.

G.L.A. 344/740

Sowie Sohn Ludwig siehe unter Nr. 7 und Tochter Maria Eva siehe unter Nr. 14.

Nr. 7. Fenrich, Ludwig mit Ehefrau Barbara geb. Lehn, sowie den Kindern: 1 Alexander Heiler (er stammt aus der ersten Ehe der Barbara Lehn mit Georg Fried. Heiler), und 2 Elisabeth.

Vermögen 600 Gulden.

G.L.A. 344/739

Nr. 8. Heiler Johannes I Witwer mit zwei Kindern: 1 Raimund, 2 Florian.

G.L.A. 344/74

Johannes genannt "Lederle" war er Schuster von Beruf. Er war seit 1851 Witwer, und

vermögenslos, die Gemeinde hat für ihn die Schulden beglichen und die Überfahrtskosten großtenteils übernommen. Florian wird später in einen Brief erwähnt, den Friedrich Müller aus Rio Claro im Staate São Paulo geschrieben hat.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nova, ou melhor, existência", o que não significa outra coisa a não ser um futuro melhor, mesmo não sendo para si mesmos, mas para os filhos. Com a emigração, almejavam uma nova vida.

Seguramente a Guerra Civil, na América do Norte (1861–1865), também foi um dos motivos que dificultaram a emigração para lá, impossibilitando às comunidades que empurrassem seus pobres e indesejáveis para a América do Norte. Em alguns pedidos de emigração encontram-se anotações: "Emigrado por conta da Comunidade" ou "A Comunidade paga as dívidas e a passagem". Tenho a impressão de que, desse modo, naquela época, as comunidades, assim como o Estado de Baden, acharam uma maneira fácil de resolver seus problemas sociais e econômicos. Parece-me importante ressaltar ainda que entre os emigrantes havia muitas crianças bastardas que cresceram e casaram em Kirrlach, e que, todavia, decidiram emigrar. Se levarmos em conta a moral e os costumes daquela época (que ainda hoje, infelizmente, são representados pelos hipócritas) e as condições nas quais estas mães viviam e criaram seus filhos, somando a pobreza, podemos concluir que estes também foram motivos da emigração.

As 16 pessoas que entraram com pedidos de Emigração em 1861 foram:

1. Augustin Baader com esposa Briguitta, nascida Hoffner e os filhos: Katharina, Joseph, Maria Eva e Elise.

2,3,4,5. Thomas Brühmüller com esposa Magdalena nascida Vogt e sete filhos: Margaretha, Rosa, Peter Joseph, Johann Georg, Bernardine, Johann e Johanna. Emigraram junto dois irmãos solteiros de Thomas: Veronika e Augustin. Foram declarados bens no valor de 800 Florins. O filho Johann Georg não foi mencionado no pedido de emigração, se faleceu ou não emigrou, não sabemos. Sua irmã Maria Eva consta no pedido de emigração junto com Veronika e Augustin, porém não emigrou com eles.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nr. 9. Hoffmann Georg Heinrich mit Ehefrau Elisabeth geb. Müller und zwei Kindern:

1 Genofeva, 2 Francisca.

G.L.A. 344/752

Nr. 10. Kremer Wendelin - Witwer, mit zwei Kindern: 1 Maria Catharina, 2 Xaver.

G.L.A. 344/759

Wendelin war seit 1849 Witwer und ist mit seinen Kindern zu seiner Tochter Apollonia die mit Ehemann Andreas Mayer 1860 auswanderte.

Nr. 11. Lehn Johann Baptist ledig.

G.L.A. 344/763

Johann Baptist war bei Antragstellung noch nicht verheiratet, er gibt an, mit seiner Geliebten, Karolina Siegel aus Neudorf, auswandern zu wollen.

Nr. 12. Maier Franz Damian geb. In Mingolsheim, verh. mit Maria Baader aus Kirlach.

GLA. 344/767

Franz Damian Maier ist ohne seine Ehefrau ausgewandert. Er bekam erst die Auswanderungserlaubnis nachdem sie ihre Einwilligung, und er seine Schulden beglichen hatte. (Maria Baader ist am 24.7.1870 in Kirrlach gestorben).

Nr. 13. Schuhmacher Johannes II mit Ehefrau Elisabetha geb. Tropf aus St. Leon, und ihren 7 Kindern: 1 Alois, 2 Maria Eva, 3. Lorenz, 4 Maria Josepha, 5 Carolina, 6 Regina, 7 Catharina.

G.L.A. 344/786

Der Sohn Alois war noch Soldat im 4. Infanterieregiment "Prinz Wilhelm". Er bekam die vorzeitige Entlassung unter der Aufgabe "falls er aus Amerika zurück komme, so müße er seine Restdienstzeit abdienen".

Nr. 14. Steinle Georg Heinrich mit Ehefrau Maria Eva geb. Fenrich (Eltern siehe unter Nr. 6) und drei Kindern: 1 Franzisca, 2 Maria Josepha, 3 Rosina.

G.L.A. 344/794

Zwei Geschwister des Georg Heinrich siehe unter Nr. 15 und Nr. 16 sind ebenfalls mit ausgewandert.

Nr. 15. Steinle Johann Baptist mit Ehefrau Gertrud geb. Martus.

GLA. 344/792

Nr. 16. Steinle Maria Eva ledig, mit ihrem Kind Georg Anton.

G.L.A. 344/792

Den Hamburger Passagierlisten von 1861 kann man entnehmen, daß Baader, Augustin Nr.1, Hoffmann G. H. Nr. 9, Kremer, Wendelin Nr. 10, Maier, Damian Nr. 12, sowie Riedinger, Johann (nicht aus Kirrlach stammend, jedoch

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

6. Valentin Fenrich com esposa Franzisca, nascida Riegel e cinco filhos solteiros: Kornel, Maria Margaretha, Rosa, Franz Joseph e Rochus. Bens: 600 Florins. Assim como o filho Ludwig (veja 7) e filha Maria Eva (veja nª 14).

7. Ludwig Fenrich com esposa Bárbara, nascida Lehn, e filhos: Alexander Heiler (da união anterior de Bárbara Lehn com Georg Friedrich Heiler) e Elisabeth. Bens: 600 Florins.

8. Johannes Heilser I, viúvo, com dois filhos: Raimund e Florian. Johannes era conhecido como "Lederle" (relativo a couro), pois sua profissão era sapateiro. Ele era viúvo desde 1851 e não possuía bens. A comunidade cobriu suas dívidas e contribuiu com as despesas da passagem. Florian será mencionado adiante numa carta de Friedrich Müller em Rio Claro, Estado de São Paulo.

9. Georg Heinrich Hoffmann com esposa Elisabeth, nascida Müller e dois filhos: Genoveva e Francisca.

10. Wendelin Kremer, viúvo, com dois filhos: Maria Catharina e Xavier. Wendelin era viúvo desde 1849 e emigrou com seus filhos para junto de sua filha Apollonia, casada com Andreas Mayer, emigrantes de 1860.

11. Johann Baptist Lehn, solteiro. Johann Baptist, ao encaminhar seu pedido de emigração, manifestou o desejo de emigrar com sua amada Carolina Siegel, de Neudorf.

12. Franz Damian Maier, nascido em Mingolsheim, casado com Maria Baader de Kirrlach. Franz Damian Maier emigrou sem a esposa. Obteve permissão para emigrar somente depois do consentimento da esposa e de liqüidar suas dívidas. (Maria Baader faleceu em 24.7.1870, em Kirrlach).

13. Johannes Schuhmacher II com esposa Elisabetha, nascida Tropf de St. Leon, e seus sete filhos: Alois, Maria Eva, Lorenz, Maria Josepha, Carolina, Regina e Catharina. O filho Alois ainda estava prestando serviço militar no 4º Regimento de Infantaria "Príncipe Guilherme". Sua baixa foi

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

seine Ehefrau Catharina war eine Kirrlacherin) am 25.4.1861 mit den Schiff Franklin von Hamburg abgefahren sind. In Dona Francisca (Joinville) am 18.7.1861 angekommen und vermutlich nach Blumenau weitergereist sind. Der Schiffskapitän hieß Benzin, es waren 199 Passagiere am Bord. Zwei Kinder sind am Bord geboren und 5 Personen gestorben.

Aus dem Jahre 1863 sind mir nur vier Anträge zur Auswanderung nach Brasilien bekannt diese sind:

Freidel Kornel – ledig

G.L.A. 344/742

Sein Onkel Wendelin Kremer ist 1861 nach Brasilien ausgewandert, siehe 1861 Nr. 10.

Nr. 2. Hoffmann Ludwig, 1863 nicht ausgewandert.

G.L.A. 344/754

Ludwig war bei der Antragstellung noch ledig und Soldat in einen Artellerieregiment in Gottesau und solte für seine Restdienstzeit einen ersatzmann stellen. Er wollte mit

seiner Braut Maria Eva Riegel auswandern. Einige Wochen vor der Auswanderung erlitt seine Braut jedoch einen Schlaganfall "in folge dessen sie in mehereren Gliedern lahm ist." Daraufhin hat er seinen Antrag wieder zurückgezogen. Sie heirateten jedoch 1865 und wanderten danach nach Brasilien aus, siehe unter Nr. 2.

Nr. 3. Nuss Valentin und seine Ehefrau Rosa geb. Brühmüller und ein Kind

G.L.A. 344/776

Valentin und Rosa waren bei der Antrastellung noch nicht verheiratet, auch wurde ein Kind der Rosa Brühmüller erwähnt, leiter ohne Namen. Beide heirateten jedoch am 4.6.1863, an den Tag ihrer Abreise. Valentin hatte schon zwei Cousin seiner Mutter in Brasilien, siehe unter Nr. 2 und Nr. 3. Die Eltern der Rosa Brühmüller und ihre Schwester Maria Eva sind ihnen 1865 gefolgt Nr. 1 und Nr. 15.

Nr. 4. Schuhmacher Ferdinand mit Ehefrau Genofeva geb. Heiler und ihrem 1 Jahr alten Kind Michael.

G.L.A. 344/785

Das Jahr 1865 sollte nun wieder einen größeren Teil Kirrlacher Bürger den Entschluß fassen, der Heimat den Rücken zu kehren, um ihr Glück in der Fremde zu suchen Es sind insgesamt 15 Auswanderungsanträge bekannt. Im einzelnen waren dies,

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

antecipada com a seguinte condição: "Caso retorne da América terá que concluir o tempo restante do serviço militar".

14. Georg Heinrich Steinle com esposa Maria Eva, nascida Fenrich, (veja seus pais, 6) e três filhos: Franzisca, Maria Josepha e Rosina. Dois irmãos de Georg Heinrich também emigraram (veja nºs 15 e 16).

15. Johan Baptist Steinle com esposa Gertrud, nascida Martus.

16. Maria Eva Steinle, solteira, com seu filho Georg Anton.

Pelas listas de passageiros em Hamburgo podemos concluir que Augustin Baader (nº 1), G.H. Hoffmann (nº 9), Wendelin Kremer (nº 10), Damian Maier (nº 12), assim como Johann Riedinger (não oriundo de Kirrlach, porém sua esposa Catharina nascida ali) saíram de Hamburgo aos 25.04.1861 com o navio Franklin. Chegaram no porto de Dona Francisca (Joinville) aos 18.07.1861, de onde provavelmente seguiram para Blumenau. O capitão do navio chamava-se Benzin, havia 199 passageiros a bordo. A bordo nasceram duas crianças e faleceram cinco pessoas.

Emigrantes de Kirrlach para o Brasil em 1863

No ano de 1863 apenas quatro pedidos de emigração são conhecidos:

1. Kornel Feidel, solteiro. Seu tio Wendelin Kremer emigrou em 1861 (veja nº 10 - 1861).

2. Ludwig Hoffmann. Formulou o pedido, mas não emigrou em 1863. Ludwig ainda era solteiro ao formular o pedido, prestando serviço militar num Regimento de Infantaria em Gottesau, e deveria providenciar um substituto para ficar no seu lugar. Ele queria emigrar com sua namorada Maria Eva Riegel. Semanas antes da emigração sua namorada adoeceu. Em conseqüência disto ele retirou seu pedido. Eles casaram em 1865 e então emigraram (nº 2 - 1865).

3. Valentin Nuss e sua esposa Rosa, nascida Brühmüller, e um filho. Valentin e Rosa ainda não eram casados quando formularam o pedi-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nr. 1 Brühmüller, Engelbert mit Ehefrau Catharina Magdalena geb. Brühmüller mit einem Kind.

G.L.A. 344/753

Im Pfarrbuch sind jedoch drei ledige Kinder Namens Karl, Barbara Rosina und Lorenz Anton angegeben. Welches Kind nun mit auswanderte ist nicht bekannt, vermutlich sind aber alle drei mit ausgewandert. (Keine weitere Einträge im Pfarrbuch). Tochter Maria Eva ist mit ihnen ausgewandert siehe Nr. 15. Es ist zu vermuten, daß sie alle zu ihrer im Jahr 1863 ausgewanderten Tochter Maria Rosa, verheiratete Nuss, sihe unter 1863 Nr. 3, ausgewandert sind.

Nr. 2 Hoffmann Ludwig mit Ehefrau Maria Eva geb. Riegel mit einem Kind.

G.L.A. 344/753

Hoffman Ludwig kennen wir bereits von einen Antrag aus dem Jahr 1864 Nr. 2. Er hatte damals seinen Auswanderungsantrag wieder zurückgezogen, wegen einen Schlaganfall seiner Braut! Nun stellten sie, zwischenzeitlich verheiratet und mit einem Kind, erneut einen Antrag und sind auch ausgewandert. Bei dem Kind könnte es sich aber auch um die jüngste Schwester der Maria Eva, namens Caroline handeln, denn diese ist mit noch 5 Geschwister gemeinsam mit der Familie des Hoffmann Ludwig ausgewandert, siehe Nr. 6 – Nr. 11.

Nr. 3 Kremer Heinrich mit Ehefrau Catharina geb. Müller mit ihren 4 Kindern: 1 Albert, 2 Anna, 3 Maria Johanna, 4 Ludwig.

G. L.A. 344/753

Im Auswanderungsantrag sind "5 Kinder" angegeben, aber Sohn Philipp blieb hier in Kirlach. Catharina war zusammen mit Andreas Mayer siehe 1860 Nr.1, im Frühjahr 1879 hier in Kirrlach auf Besuch. Das gab einigen Wirbel bei den Behörden, denn bei ihrer Rückreise sind viele Kirrlacher mit nach Brasilien ausgewandert.

4 Müller Elias verheiratet, Name der Ehfrau aber nicht bekannt.

G.L.A. 344/753

Nr. 5. Riegel Michael ledig

G.L.A. 344/753

Hierbei handelt es sich vermutlich um die gleiche Person wie unter Nr. 6. Es gibt kein Michael Riegel in Kirrlacher Pfarrbuch.

Nr. 6 Riegel Johann Martin ledig.

G.L.A. 344/781

Martin war zum Zeitpunkt der Antragstellung "Rekrut im Großherzoglich-Badischen- Feldartellerie-Regiment in Karlsruhe", wurde freigestellt und ist mit

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

do, mas mencionaram um filho de Rosa, porém sem nome. Casaram aos 04.06.1863, no dia em que viajaram. No Brasil já havia duas primas da mãe de Valentin (nºs 2 e 3 -1860). Os pais de Rosa Brühmüller e sua irmã Maria Eva lhes seguiram em 1865 (nºs 1 e 15).

4. Ferdinand Schuhmacher com esposa Genofeva, nascida Heiler, e seu filho Michael de um ano de idade.

Emigrantes de 1865

No ano de 1865, uma parte expressiva de cidadãos de Kirrlach deveria tomar a decisão de dar as costas à pátria e buscar a sorte no desconhecido. Ao todo são conhecidos quinze pedidos de emigração. Estes foram:

1. Engelbert Brühmüller com esposa Catharina Magdalena, nascida Brühmüller, e um filho. Nos registros da igreja constam três filhos solteiros: Karl, Barbara Rosina e Lorenz Anton. Qual dos filhos emigrou com os pais nos é desconhecido; presumimos, porém, que os três emigraram. (Não há outros registros no livro da igreja). A filha Maria Eva, casada, emigrou com os pais (nº 15). É de supor que todos tenham ido ao encontro da filha Maria Rosa, casada Nuss, emigrada em 1863. (nº 3 - 1863).

2. Ludwig Hoffmann com esposa Maria Eva, nascida Riegel, e um filho. Ludwig Hoffmann já havia sido mencionado na relação de 1863 (nº 2) que havia retirado seu pedido de emigração devido a problemas de saúde da sua amada. Agora, já casados, apresentaram novo pedido, incluindo uma criança. Esta criança também pode ter sido a irmã mais nova de Maria Eva de nome Caroline que também emigrou com mais cinco irmãs, em companhia da família Ludwig Hoffmann (nºs 6 e 11).

3. Heinrich Kremer com esposa Catharina, nascida Müller, com seus quatro filhos: Albert, Anna, Maria Johanna e Ludwig. No pedido de

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

seinen Geschwistern Nr. 7, Nr. 8, Nr. 9, Nr. 10, Nr. 11, und Nr. 2, ausgewandert.

Nr. 7 Riegel Heinrich ledig.

G.L.A. 344/780

Nr. 8 Riegel Konrad ledig.

G.L.A. 344/780

Nr. 9 Riegel Katharina Martin ledig.

G.L.A. 344/780

Nr. 10 Riegel David ledig.

G.L.A. 344/779

Nr. 11 Riegel Carolina ledig.

Kein Auswanderungsantrag im G.L.A. nur ein Eintrag im Pfarrbuch. Die Riegel-Kinder Nr. 6 – Nr. 10 geben alle an, sich nicht von ihrer Schwester Maria Eva, siehe Nr. 2, trennen zu wollen, da sie elternlos und keine Verwandte mehr in Kirrlach besitzen. Der Vormund Nikolaus Lehn aus Wiesental gab zur Auswanderung sein Einverständnis.

Nr. 12 Schmitteckert Maria ledig

G.L.A. 344/753

Maria stellte zusammen mit ihrem Vater Sebastian Schmitteckert den Auswanderungsantrag, dieser ist jedoch nicht ausgewandert. Marias Schwester war die Ehefrau des Philipp Kremer der als einziger der Familie des Kremer Heinrich hier zurück geblieben war. Es ist anzunehmen, daß Maria mit der Familie des Kremer Heinrich mit ausgewandert ist. Der Eintrag im Pfarrbuch lautet nur: "In Brasilien verheiratet".

Nr. 13 Schuhmacher Veronika ledig mit ihrem Kind Clemens.

G.L.A. 344/787

Veronika ist auf Gemeindekosten ausgewandert.

Nr. 14 Wirth Georg Michael mit Ehefrau Maria Eva geb. Brühmüller mit 2 Kindern: 1 Georg Adam, 2 Apollonia.

G.L.A. 344/753

Die Eltern der Maria Eva sind ebenfals mit ausgewandert siehe Nr. 1. Ihre Schwester Maria Rosa war bereits 1863 nach Brasilien ausgewandert, siehe unter 1863 Nr. 3.

Nr. 15 Wirth Joseph mit Ehefrau Barbara geb. Bitz aus St. Leon mit 3 Kindern.

G.L.A. 344/753

Joseph Wirth wanderte im Jahre 1854 nach Nordamerika aus, konnte aber dort nicht Fuß fassen, kehrte 1864 enttäuscht und verarmt zurück. Wurde hier

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

emigração constam cinco filhos, mas o filho Philipp permaneceu em Kirrlach. Catharina em companhia de Andreas Mayer (nª 1 - 1860) estiveram de visita em Kirrlach na primavera de 1879. A visita causou rebuliço entre as autoridades locais, pois, quando de regresso para o Brasil vieram acompanhados de muitos emigrantes de Kirrlach.

4. Elias Müller, casado; o nome da esposa não consta.

5. Michael Riegel, solteiro. Provavelmente a mesma pessoa que consta no nª 6, logo adiante. Não há nenhum outro Michael Riegel nos registros da igreja.

6. Johann Martin Riegel, solteiro. Por ocasião do pedido de emigração Martim era recruta no Regimento de Artilharia de Campo do Grão-Ducado de Baden em Karlsruhe. Foi licenciado e emigrou em companhia de seus irmãos. (nºs 2, 7, 8, 9, 10 e 11.)

7. Heinrich Riegel, solteiro.

8. Konrad Riegel, solteiro.

9. Catharina Riegel, solteira.

10. David Riegel, solteiro.

11. Carolina Riegel, solteira. Não há pedido de emigração no Arquivo Estadual de Karlsruhe, apenas um registro no livro da igreja. Os filhos Riegel (nºs 6 a 10) manifestaram nos seus pedidos de emigração que não queriam separar-se da irmã Maria Eva (nº 2), pois eram órfãos e não possuíam mais parentes em Kirrlach. Seu tutor Nikolaus Lehn, de Wiesental, concedeu-lhes a permissão.

12. Maria Schmitteckert, solteira. Maria incluiu seu pai Sebastian Schmittecker no pedido de emigração, mas este não emigrou. Catharina, irmã de Maria, era esposa de Philipp Kremer, o único da família de Heinrich Kremer que permaneceu aqui. É possível que Maria tenha emigrado com a família de Heinrich Kremer. No registro da igreja consta somente "casada no Brasil".

13. Veronika Schuhmacher, solteira, com seu filho Clemens.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

aber auch nicht gerne aufgenomen, was aus Schriftwechsel der Gemeinde mit dem Bezirksamt hervorgeht. So daß er vermutlich aufs neue enttäuscht, der Heimat wieder den Rücken kehrte. Ich komme bei der Amerikaauswanderung auf diesen besonderen Fall ausführlich zu sprechen.

Aus einer Zusammenstellung von Hermann Baier "Wie erging es unseren Landsleuten in Brasilien", veröffentlicht in "Mein Heimatland" Heft 1/1937, geht hervor, daß vom Bezirk Bruchsal in der Zeit von 1858 – 1865 um die 1000 Personen nach Brasilien auswanderten.

Unter Kirrlach finden wir die Angabe "mindestens 104 Personen". In Wiesental war es vermutlich nicht anders als in Kirrlach, denn auf der gleichen Seite weiter unten heißt es, "In Wiesental waren es 112 (Day, Eichelberger, Frank, Gentner, Garssel, Haas, Heger, Heissler, Knebel, Machauer, Mahl, Maier, Oswald, Reiter, Renner, Sälzler, Scharf, Schuhmacher, Schweickert, Seider, Vogel, Weckerle, Weckner, Weiss, Wehmuth).

Die Anzahl der auswanderungswilligen ist umso bemerkenswerter, als das legale Sich-Herauslösen aus der Heimat keineswegs eine einfache Prozedur war. Der auswanderungswillige brauchte die Erlaubniss seiner Regierung, ferner einen vom zuständigen Bezirks.-bzw. Oberamt ausgestellten Reisepaß mit Sichtvermerken für die Durchreiseländer. Er durfte keine Schulden hinterlassen; seine Auswanderungsabsicht mußte früzeitig in der Presse mitgeteilt werden, damit sich gegebenenfalls noch Gläubiger melden konnten. Bei kurzfristiger Abreise war ein Bürge zu stellen. Die Besitzverhältnisse mußten geregelt werden, zurückbleibendes Gut war zu verkaufen oder zu versteigern; vom mitgenommenen Vermögen war eine Nachsteuer zu entrichten; für die Reise und Existenzgründung in der Fremde waren Geldmittel aufzubringen.

Folgend, der Auswanderungsantrag des ledigen Kornel Freidel, von der Antragstellung beim Bürgermeisteramt bis zur Erteilung der Auswanderungspapiere.

1. Mündliche Antragstellung beim Bürgermeister, dieses schrieb an das Bezirksamt.

Großherzoglich Hochll. Bezirksamt!

Gehorsamster Bericht des Bürgermeisters zu Kirrlach

Die Auswanderung des ledigen Kornel Freidel von hier in das Kaiserreich Brasilien betr. N379.

Der ledige Kornel Freidel von hier 21 ½ Jahre alt hat sich entschlossen mit dem hiesigen Bürger Ferdinand Schuhmacher nach Brasilien auszuwandern. Bittsteller hat im Jahre 1862 der Constription Genüge geleistet Zug Nr. 36 und

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Veronika emigrou por conta da comunidade.

14. Georg Michael Wirth com esposa Maria Eva, nascida Brühmüller com dois filhos: Georg Adam e Apollonia. Os pais de Maria Eva também emigraram (nº 1). Sua irmã Maria Rosa já havia emigrado para o Brasil. (nº 3 - 1863).

15. Joseph Wirth com esposa Barbara, nascida Bitz de St. Leon, com três filhos. Joseph havia emigrado em 1854, para a América do Norte, não conseguindo firmar pé lá, retornando em 1864, frustrado e empobrecido. Na Alemanha não foi bem recebido. Desiludido, deu novamente as costas à pátria.

Um artigo escrito por Hermann Baier, "Wie erging es unseren Landsleuten in Brasilien" (Como viviam nossos patrícios no Brasil), publicado em "Mein Heimatland" (Minha Terra Natal), Caderno 1/1937, consta que da região de Bruchsal, entre 1858–65, emigraram para o Brasil em torno de 1.000 pessoas.

Referente a Kirrlach consta que emigraram no mínimo 104 pessoas. Em Wiesental a situação não era diferente de Kirrlach. Na mesma página, logo abaixo, consta que em "Wiesental" os emigrantes eram 112 (Day, Eichelberger, Frank, Gentner, Grassel, Haas, Heger, Heissler, Knebel, Machauer, Mahl, Maier, Oswald, Reiter, Renner, Sälzler, Scharf, Schuhmacher, Schweickert, Seider, Vogel, Weckerle, Weckner, Weiss, Wermuth).

O número dos pretendentes à emigração é expressivo, considerando que o procedimento legal para deixar a pátria não era simples. O pretendente precisava do consentimento do governo e da autoridade regional. Da autoridade local, um passaporte constando os Estados a serem atravessados na saída. Não podia deixar dívidas pendentes. A pretensão de emigrar devia ser divulgada pela imprensa com antecedência, para que possíveis credores pudessem manifestar-se. Desejando agilizar o processo, tinha

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

wurde wegen Untauglichkeit militärfrei. Da derselbe keine uns bekannte Schulden hat, so könnte die Anberaumung einer Liquidation unterbleiben. Da von diesseits kein Einwand gegen die Auswanderung vorliegt, so ersuchen wir Gr. Hochll. Bezirksamt, da Bittsteller die Mittel zur Auswanderung besitzt, demselben die Auswanderungserlaubnis ertheilen, und die nöthigen Reiseschriften ausfertigen zu wollen.

Kirrlach 12 Mai 1863
Riegel Bürgermeister

2. Vorsprache beim Bezirksamt in Philippsburg.
Geschehen
Philippsburg den 12 Mai 1863
Vor
Gr. Amtmann Eschborn

Heute Nächmittag erscheint der ledige Kornel Freidel von Kirrlach und wiederholt sein Gesuch um Auswanderungserlaubnis nach Brasilien. Nachdem man ihn gemäß Erlasses Großh. Ministeriums des Innern vom 11 April 1861 N3762 von der genannten Auswanderung, insbesondere nach Rio Janeiro und den nördlichen Provinzen abgerathen erklärt er: "Ich bestehe auf meinem Vorhaben„.

Urk. d. Unterschrift.
Kornel Freidel

3. Das Bezirksamt setzte nun das Datum der Schuldenliquidationstagfahrt fest".

Beschluss 2699

3.1 Folgendes Ausschreiben in das Amtsverkündigungsblat u. allgemeine Anzeigeblat, "Der ledige Kornel Freidel will nach Brasilien auswandern. Etweige Forderungen an denselben sind in auf Mittwoch d. 20 d. Mts. Vorm. 10 Uhr dahier anberaumt Tagfahrt anzumelden, ansonst dem Gesuch stattgegeben würde.

3.2 Anschlag diese Anfforderung an die Amtstafel und die Ortstafel in Kirrlach.

3.3 Vorladung des Bittstellers auf den genannten Tag.

3.4 Reprod.
Gr. Bez. Amt
Eschborn

4. Bei der Tagfahrt wurden nun alle Gläubigerforderungen verhandelt, und der Auswanderer mußte für ihre Begleichung aufkommen.

Philippsburg den 20 Mai 1863

Bei der heutigen Tagfahrt ist Niemand erschienen, der eine Forderung an

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que apresentar um fiador. A situação com relação a bens tinha que estar regularizada. Bens que ficavam para trás tinham que ser vendidos ou leiloados. Incidia imposto sobre valores que o emigrante levava consigo. O mesmo tinha que estar provido de meios financeiros para a viagem e subsistência no exterior.

Segue o pedido de emigração de Kornel Freidel, solteiro, desde o requerimento na Prefeitura até a concessão dos documentos da emigração:

1. Pedido verbal na prefeitura e encaminhamento à autoridade regional:

Ao Grão Ducado. Comarca Regional.

Memorando do prefeito de Kirrlach referente à emigração do jovem Kornel Freidel, daqui para o império brasileiro.

O jovem Kornel Friedel, 21 anos e meio de idade, decidiu emigrar para o Brasil na companhia de Ferdinand Schumacher, cidadão daqui. O solicitante foi considerado inapto para o serviço militar e dispensado em 1862. Como o mesmo não tem dívidas, os proclames por liqüidação podem ser dispensados. Não havendo empecilho para emigração e o solicitante dispondo dos meios financeiros, pedimos conceder-lhe a permissão e providenciar a respectiva documentação. Kirrlach, 12 de maio de 1863. Riegel – Prefeito.

2. Entrada do pedido na repartição em Philippsburg:

Philippsburg, 12 de maio de 1863.

Perante: Eschborn – Chefe de Repartição.

Hoje à tarde compareceu o jovem Kornel Freidel, de Kirrlach, reiterando seu pedido de emigração para o Brasil. Depois de desaconselhado pelo Ministério do Interior em 11 de abril de 1861, sobre a emigração, especialmente para o Rio de Janeiro e Províncias do Norte, ele esclarece: "Eu persisto no meu propósito".

Assinado: Kornel Freidel

3. A Comarca Regional agora determina a data para cobertura das

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

K. Freidel anzumelden hätte. Dem Letzteren welcher erschienen war hat man die Inserationskostenrechnung des Heidelberger Journals zur Bezahlung ausgestellt Belegblatt u. Rechnung des allgemeinen Anzeigeblatts ist bis jetzt nicht eingekommen.

Beschluß: Wiedervorlage in 8 Tagen bis wohin man den Gesuchsteller wieder einbestellt hat

Gr. Bez. Amt
Philippsburg 1 Juni 1863

5. Kornel Freidel legt heute die Quittung des Heidelberger Journals vor.
Beschluß
1.) Reisepaß anszufertigen
2.) Auswanderungserlaubnis zu ertheilen.
3.) Eintrag in die Tabellen
4.) Anweisung der Sparteln
Gr. Bez. Amt

6. Nach der Bezahlung der Sparteln (Schreibgebühren) wurden dann dem Auswanderungswilligen die Papiere vom Bürgermeisteramt ausgehändigt. Nun konnte er auswandern.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

despesas relativas à viagem:

3.1. Publicar o seguinte teor nos Boletins da Repartição Pública:

O jovem Kornel Freidel deseja emigrar para o Brasil. Eventuais reclamações referentes deverão ser apresentadas quarta-feira, dia 20 deste mês, às 10 horas da manhã, a fim de conceder-lhe a autorização e marcar a data da viagem.

3.2. Afixar esta notificação no quadro de editais da comarca e da localidade de Kirrlach.

3.3. Citação do requerente no dia mencionado.

Repartição de Eschborn

3.4. No dia citado foram negociadas as despesas que o emigrante teria que cobrir.

Philippsburg, 20 de maio de 1863.

Neste dia não compareceu nenhum credor de K. Freidel. A este último que compareceu foi solicitada a liqüidação das despesas com publicações no Jornal de Heidelberg. A conta das publicações ainda não havia chegado.

Resolução: Novo comparecimento em oito dias.

Philippsburg, 01 de junho de 1863.

5. Kornel Freidel apresentou hoje o recibo de pagamento das despesas com publicações no Jornal de Heidelberg.

Resolução:

1. Providenciar passaporte.
2. Conferir autorização para emigração.
3. Efetuar registros.
4. Comprovação do pagamento de taxas.
6. Após o pagamento das taxas, o órgão municipal entregou a documentação ao pretendente.

Agora ele podia emigrar.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Pastor Dr. Paul Aldinger

Harry Wiese[1]

Artigo

Vida e Obra

Considerações iniciais

No momento em que a IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, de Ibirama, comemorou seu Centenário de Fundação, em 22 de maio de 2004, enaltece ao pesquisador escrever sobre o Pastor Dr. Paul Aldinger, o primeiro professor e o primeiro pastor daquela comunidade. Alerta-se, contudo, que é impossível relatar e escrever as ações e as palavras de uma personalidade como o Dr. Aldinger em apenas algumas páginas. Ainda mais complexo se torna o ato de escrever, em poucas linhas, a vida de uma personalidade que permaneceu em Hammonia[2] em torno de um quarto de século e que, ainda hoje, é relembrada pela comunidade ibiramense. Procurou-se, assim, resumir o texto e relatar os fatos mais relevantes, para que os membros da Comunidade Evangélica de Ibirama e a população de forma geral, possam conhecer, mesmo de forma sucinta, a grandeza de seu primeiro intelectual.

Não é errôneo afirmar que a história propriamente dita da Igreja Evangélica de Ibirama começou com a vinda do Pastor Dr. Paul Aldinger.

[1] Professor da FURB e UDESC.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Antes dele, o Pastor Max Ziegel, da Comunidade Evangélica de Indaial, vinha duas vezes ao ano, à antiga colônia, para ministrar os ofícios religiosos[3]. Isso leva à reflexão de que desde a chegada do primeiro imigrante havia a prática efetiva da vida religiosa em Hammonia; todavia, somente em 22 de maio de 1904 foi fundada a Comunidade Evangélica[4]. Esta é a data que os evangélicos de confissão luterana de Ibirama têm como a do início de suas atividades eclesiásticas. Foi, também, a data de referência para as comemorações de seu centenário, que há pouco tempo se comemorou festivamente.

Quem era Dr. Paul Aldinger?

O Pastor Dr. Paul Aldinger chegou a Hammonia em 16 de junho de 1901[5], em companhia de 47 imigrantes. Hospedou-se no Rancho dos Imigrantes[6], fato que praticamente todos os recém-chegados tinham que enfrentar. Pouco tempo após, iniciou a construção do seu *Palmenhof* (Quinta das Palmeiras)[7], num terreno de 120 hectares, localizado no lado direito do Rio Itajaí do Norte, ou Rio Hercílio, portanto, no lado oposto em relação ao local do início da colonização. A construção do *Palmenhof* não aconteceu por acaso. Quando ainda vivia na Alemanha, já confidenciara a amigos o seu projeto de construí-lo em algum lugar do mundo. Percebe-se que Dr. Aldinger não veio a Hammonia para ser pastor. Nos primeiros tempos, dedicou-se inteiramente à agricultura e à pecuária, como competia a praticamente todos os imigrantes, na época. De acordo com Martin Braunschweig, em seu *Relatório de Viagem*, de 1907, *"...nos primeiros anos, o Dr. Aldinger foi um autêntico colono que retirava o seu sustento da terra"*. [8]

Paul Aldinger nasceu em Heutingsheim Ludwigsburg, no Estado livre de Baden[9], em 23 de agosto de 1869. Quando emigrou da Alemanha tinha 32 anos. Era solteiro e jamais se casou. Essa condição lhe permitiu uma maior mobilidade nos diversos segmentos de sua atuação, na igreja, na escola e na comunidade de forma geral.

O Pastor Dr. Paul Aldinger tomou importantes iniciativas e deu ritmo à história de Hammonia. Deixou marcas de sua passagem, pois ainda hoje é pesquisado e estudado de forma intensa por acadêmicos e historiadores. É de se perguntar, então, o que esse intelectual veio fazer em Hammonia, em plena mata virgem? A tentativa de responder a este e a outros questionamentos pretende-se conseguir no decorrer desta escritura.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Assim, para uma melhor compreensão da questão em andamento, faz-se necessário relembrar aspectos históricos daquela época. Na juventude de Paul Aldinger, a Alemanha viveu um tempo de euforia, pois conseguiu a unificação política dos Estados, através da atuação do chanceler Otto von Bismarck. Havia, então, no meio acadêmico, uma discussão acirrada, entre outras, a respeito da necessidade da Alemanha possuir ou não colônias pelo mundo, como acontecia com muitos países da Europa. O jovem Paul Aldinger viu com muito entusiasmo esse tipo de discussão e interessou-se intensamente por ele.

De 1885 a 1887, estudou Teologia no Seminário Teológico Evangélico de Blaubeuren. Logo após, de 1888 a 1892, continuou seus estudos teológicos na Universidade de Tübingen. Em 1895, alcançou o título de Dr. Phil, com a defesa da tese *Besetzung der deutschen Bistümer unter Papst Innozenz IV* (A nomeação dos bispos alemães, sob o papa Inocêncio IV).

Após a conquista do título de doutor, trabalhou, por um curto período, com o professor Karl Lamprecht, na Universidade de Leipzig. Lamprecht era um renomado historiador alemão. Nesse período, entrou em contato com membros da diretoria do *Alldeutscher Verband* (Liga Pangermânica) para inteirar-se dos objetivos e ações dessa instituição.

Para a compreensão do motivo que levou o Dr. Paul Aldinger a vir para Hammonia, há a necessidade de considerar que em 1896, Friedrich Fabri fundou, em Witzenhausen, a *Evangelischer Hauptverein für deutsche Ansiedler und Auswanderer* (Sociedade Central Evangélica para Colonos Alemães e Emigrantes). O objetivo da sociedade era criar uma organização que através da prestação de informações e de contínuos cuidados viesse a estabelecer imigrantes alemães em países que fossem favoráveis para a vida econômica e social, bem como do ponto de vista nacional-alemão e evangélico.

No dia 1°. de maio de 1899, o Dr. Aldinger assumiu o cargo de administrador da Sociedade Central Evangélica, em Koblenz. Ocupou, também, a docência na Escola Colonial de Witzenhausen, no Werra, nas proximidades de Göttingen. Viajou por vários lugares da Alemanha e proferiu um grande número de palestras. Em 1900, visitou colonos alemães na Hungria, Bessarábia, Galícia e Rússia. Adquiriu, assim, experiência para o seu plano maior: estabelecer-se em algum lugar na mata virgem no Sul do Brasil.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Dr. Paul Aldinger embarcou em maio de 1901. Chegou a Hammonia em 16 de junho do mesmo ano. Ele veio a serviço da Sociedade Colonizadora Hanseática *"e estava convencido de que a igreja teria que trabalhar em parceria com o projeto de colonização"*.[10]

Vista geral dos primeiros tempos da Colônia Hammonia - Primeiros anos do Século XX.

Para a concretização da parceria entre a igreja e a Sociedade Colonizadora Hanseática, o Pastor Dr. Paul Aldinger pretendeu adquirir experiência para poder aplicá-la, mais tarde, nas áreas alemãs da África, ou em outros países do mundo.

Dentro dos propósitos colocados, se percebe que a vinda do Dr. Paul Aldinger a Hammonia tinha dois propósitos majoritários: em primeiro lugar, desejou adquirir conhecimentos para a dura lida nas atividades na mata virgem para, posteriormente, poder colaborar mais intensamente com a *Evangelischer Hauptverein für deutsche Ansiedler und Auswanderer*, com relação à preparação de futuros imigrantes para Hammonia e outras zonas coloniais alemãs. O segundo propósito consistiu na criação de uma escola no meio da mata virgem. *"Aldinger se propunha a fundar uma escola na selva*

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

(Urwaldschulle), para receber os recém-egressos da Escola Colonial de Witzenhausen e prepará-los para um trabalho bem-sucedido no subtrópico".[11] De acordo com o mesmo autor, a escola deveria, também, formar os filhos de colonos teuto-brasileiros para se tornarem professores nas futuras escolas particulares alemãs da colônia. *"Instalado no Palmenhof, Aldinger dirigiu uma escola para formação de professores e de formação agrícola (Landwirtseminar), que ele queria transformar num centro de experimentação (Versuchanstalt)".*[12] Contudo, o sonho de transformá-lo em centro de experimentação jamais se concretizou. O consulado alemão não deu respaldo ao projeto, pois alegou que já existia uma unidade em Indaial e que não havia necessidade de outra em Hammonia. A estação de *Hammonia seria, então, uma espécie de "campus avançado" para todos os que passassem por esta formação.*

Não demorou e a escola, não o centro de experimentação, foi implantada na sua propriedade *Palmenhof.* Este educandário foi por ele considerado uma espécie de sucursal da Escola Agrícola de Witzenhausen, da Alemanha. Além da escola, todas as instalações do *Palmenhof* foram construídas pelo Dr. Aldinger. *"Aldinger construiu sua casa com suas próprias mãos, à sombra das palmeiras".*[13]

Em janeiro de 1902, o filósofo e teólogo Dr. Paul Aldinger fundou a primeira Escola Particular Alemã de Hammonia, em parceria com a Sociedade Colonizadora Hanseática. Tornou-se, também, seu primeiro professor. A escola foi instalada no Rancho dos Imigrantes e contou, inicialmente, com 15 alunos. Percebe-se a grande preocupação de Aldinger e da recém-criada comunidade, em relação ao ensino e à educação dos filhos dos colonos. Assim, Dr. Aldinger atravessava diariamente o Rio Hercílio, de canoa, mais tarde de balsa, para lecionar aos alunos no Rancho dos Imigrantes. Assim, um colono que morava no outro lado do Rio Hercílio foi o primeiro professor de Hammonia e que modestamente ensinava numa pequena clareira aberta na mata virgem. A inexistência de material didático, biblioteca, local e dependências inadequadas foram substituídas e compensadas por um professor de altíssimo nível. Hammonia, na época, uma recém-fundada colônia, já contava com duas escolas. Esse fato, ainda hoje, merece o apreço e admiração de muitos.

Quando Paul Aldinger chegou a Hammonia, encontrou, aqui, imigrantes alemães já instalados, ou em vias de instalação, nas suas colônias.[14]

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

É conveniente lembrar que os imigrantes evangélicos que para cá vieram, nos primeiros tempos da colonização, trouxeram uma rica herança religiosa. No baú, um móvel especial, havia, quase sempre, uma bíblia, um catecismo, um livro de orações e um hinário. De acordo com os registros, os imigrantes trouxeram o livro de cantos com hinos de sua tradição de origem. Assim, havia cancioneiros da Pomerânia, da Saxônia, da Westfália, da Baviera, de Hollstein, da Prússia, da Turíngia, da Silésia, da Renânia, da Suíça (imigrantes de Neu-Zürich, hoje Presidente Getúlio) e de outros lugares.

Aqui, em Hammonia, cantavam as canções nos lares e no Rancho dos Imigrantes. Em muitas regiões do interior, pois os imigrantes se estabeleceram ao longo dos rios e ribeirões, como Cocho, Taquaras, Neu-Berlin, Sellin e Rafael; um pouco mais tarde, Neu-Bremen (Dalbérgia), Neu-Zürich (Presidente Getúlio) e Scharlach (José Boiteux),[15] e mesmo no centro de Hammonia, formaram-se pequenas *Hausgemeinden* (comunidades domiciliares), nas quais os colonos vizinhos se reuniam para encontros religiosos, principalmente para cantar, rezar e compartilhar as alegrias e as preocupações, da dura lida, na nova terra. As comunidades do lar, ou domiciliares, eram verdadeiras células vivas de uma espiritualidade ativa. A partir destas atividades religiosas, formaram-se grandes laços de solidariedade que resultaram em interações de boa vizinhança. Em pouco tempo, as canções das várias regiões da Alemanha tornaram-se comuns, pois os imigrantes, como já se disse, eram provenientes de lugares diferentes. O mesmo processo aconteceu com a língua. Como os imigrantes eram provenientes de vários lugares, falavam dialetos diferentes. Para uma comunicação mais eficiente, optaram em falar a língua alemã culta (Hochdeutsch), que praticamente todos conheciam. Em função do exposto, os dialetos eram falados em casa e, com o passar do tempo, ficaram em segundo plano e hoje não são mais falados.

Um ano e cinco meses após a sua chegada, no dia 2 de novembro de 1902, os habitantes de Hammonia convidaram o Dr. Paul Aldinger, colono do *Palmenhof*, para ser o seu pastor. Assim, formou-se uma comunidade evangélica, embora, ainda, sem estatutos e sem diretoria. Os primeiros cultos também foram realizados no Rancho dos Imigrantes. Se em outras localidades havia a precariedade de meios para uma prática religiosa evangélica eficiente e competente, por estarem desprovidos de apoio eclesiástico, entregando a manutenção

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de sua religiosidade a leigos que faziam o possível para mantê-la, em Hammonia foi diferente, pois o Dr. Paul Aldinger não só era pastor, mas doutor em Teologia e Filosofia pela Universidade de Tübingen, da Alemanha.

Num texto sucinto como este é impossível escrever tudo o que se conhece sobre o Dr. Paul Aldinger. Registrem-se, então, os fatos mais relevantes, como já foi dito. O jornal *Mitteilungen*[16], órgão vinculado à *Sociedade das Escolas Alemãs de Santa Catarina,* em outubro de 1917, escreveu o seguinte texto, que bem caracterizou o caráter e a filosofia de vida do Inspetor Escolar: *"Em Hammonia, o negro, o antigo escravo, o trabalhador, está sentado à mesa com o inspetor escolar. Ele é amigo e conhecido de toda a juventude".*[17]

Para atingir a todos os membros da comunidade, bem como as comunidades vizinhas, Dr. Aldinger fundou o jornal *Der Hansabote* (O Mensageiro da Hansa), em 8 de outubro de 1904. Esse jornal circulou mensalmente e continha quatro páginas. Inicialmente, circulava como anexo do jornal *Der Urwaldsbote*, de Blumenau. *Der Hansabote* adquiriu sua independência em 1905, tornando-se o informativo pioneiro de Hammonia. Circulou ininterruptamente em língua alemã, até setembro de 1913. Era dedicado especialmente aos assuntos agrícolas, eclesiásticos e escolares. Paralelamente aos temas principais, encontra-se uma enorme quantidade de assuntos publicados que tinham como objetivo aumentar e modernizar a produção agrícola de Hammonia. Hoje, admira-se a coragem e a competência daqueles que, num ambiente inóspito, no meio da mata virgem, conseguiram construir escolas, igrejas e até fazer circular um jornal.

O Dr. Paul Aldinger foi um grande incentivador da agricultura e da pecuária. Os textos publicados no *Der Hansabote* confirmam esse fato. Ele teve uma obsessão pela questão dos laticínios. *"Prova disto foi a introdução da fábrica de laticínios sob sua orientação, que durante vários anos foi o sustentáculo econômico da colônia, pois os valores auferidos com a exportação de laticínios ultrapassavam em muito os dos demais produtos".*[18] O seu constante envolvimento com as causas da produção e industrialização do leite rendeu-lhe um apelido bem característico: "Pastor Queijeiro". Theobaldo Costa Jamundá, também, referiu-se à questão: *"E aquela (exposição de gado) mereceu texto bilíngüe, inteligente, explicativo e divulgador, assinado por R. Marmein. E essa é prova fundamental de uma consciência sobre melhoramento zootécnico de gado leiteiro. E tal prova fundamenta por que o Pastor Dr. Paul Aldinger praticou a implantação da agroindústria*

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

laticinista".[19]

A respeito da simplicidade e humildade do Pastor Dr. Paul Aldinger, o livro *Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier deutscher Einwanderung in Santa Catarina* (Livro em Memória do Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina), em 1929, registra o seguinte:

> Ele mesmo contou uma história engraçada que se repetiu várias vezes. Foi neste tempo quando sua propriedade *Palmenhof* já era bem conhecida na Europa. Acontece que vieram imigrantes novos em Hansa-Hammonia. Logo queriam ver a obra do Dr. Aldinger a cujo respeito tinham ouvido tanto. Espiaram onde pudessem encontrar a fazenda magnífica com edifícios pomposos que tinham criado na sua imaginação. Mas que desilusão, encontraram unicamente algumas barracas e depósitos rústicos. Então queriam visitar o célebre doutor na sua plantação. Este trabalhou em trajes simples, somente com calça e camisa, como colono qualquer em sua roça. Os visitantes não o reconheceram, e sucedeu mais de uma vez que ele mesmo podia ouvir a pergunta delicada: - Queira informar-me, por favor, onde encontramos o Sr. Dr. Aldinger? E, apresentando-se, gostou sempre destas fisionomias que refletiam abertamente uma decepção tremenda.(...).[20]

Principal casa comercial e moradia nos primeiros tempos da Sociedade Colonizadora Hanseática - Início do Século XX.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Para que não faltasse entretenimento cultural nas horas de folga dos imigrantes, o Dr. Aldinger criou uma biblioteca. Na época, levando em consideração as condições da colônia, a biblioteca foi considerada grande. Os livros foram conseguidos através de doações vindas da Alemanha. De acordo com o viajante Wilhelm Lacmann, esta biblioteca foi criada *"para não deixar o espírito do erro dialogar com os colonos"*. [21]

Dr. Aldinger foi um homem de princípios e jamais se deixou abater em função das arbitrariedades que a sociedade lhe impôs. No final de 1902, recebeu uma comunicação oficial e confidencial de Hamburgo, informando-lhe que a Sociedade Colonizadora Hanseática tinha problemas financeiros e que poderia chegar à falência. Em razão desse fato, recomendaram-lhe desistir de seu projeto. Aldinger, então, questionou: *"Não era justamente agora o meu dever de pastor ficar?"* Esse teor somente chegou a público no dia 8 de agosto de 1920, na prédica de despedida, quando o Pastor Aldinger apresentou o relatório intitulado *Die ersten zwei Jahrzehnte der Kolonie und Gemeinde Hansa-Hammonia* (As Duas Primeiras Décadas da Colônia e da Comunidade (Evangélica) de Hansa-Hammonia).

Em 1904, Dr. Aldinger criou o *Schulverband Hansa* (Liga de Escolas da Hansa). No Distrito do Rio Hercílio, associaram-se as escolas de Hammonia, Sellin, Rafael, Neu-Bremen, Neu-Zürich e Scharlach. A Liga logo se associou às entidades superiores, porém, pela distância e organização, permaneceu isolada, formando um pólo educacional praticamente autônomo. Em 13 de agosto de 1905, os alunos de Hammonia, compreendendo as escolas de Sellin, Rafael, Taquaras, Neu-Bremen, Neu-Zürich e a sede, reuniram-se no Hotel e Restaurante Lämmermeir, em Neu-Berlin, no período vespertino, numa grande festa de confraternização, sob a coordenação do Pastor Dr. Paul Aldinger. Compareceram 103 alunos, acompanhados de seus professores, pais e amigos. Foram apresentadas peças teatrais, canto e música e muitas diversões, incluindo a brincadeira de subir no pau-de-sebo. Após o café, os alunos foram presenteados. Fato interessante foi que durante os festejos estavam hasteadas, lado a lado, as bandeiras brasileira e alemã. Ao escurecer, todos procuraram o caminho de retorno, a pé, a cavalo, ou de carroça, da mesma forma como vieram. Foi o primeiro encontro estudantil de Hammonia. Encontros desse tipo foram organizados por vários anos seguidos.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Em meados de 1903, os membros da Comunidade Evangélica de Hammonia, sob a liderança do pastor, decidiram construir uma igreja, que servisse também de escola. *"Na colonização alemã também houve uma íntima conexão entre igreja e escola. A vida em comum destes núcleos populacionais, a partir de uma base comum de produção, girava fundamentalmente em torno da igreja e da escola".*[22] A construção foi concluída no ano seguinte. Quando aquela igreja ainda estava em construção, o viajante e escritor Wilhelm Lacmann deixou a seguinte descrição: *"Desde a passagem da balsa eu havia cavalgado aproximadamente duas horas, quando vislumbrei por entre o verde da floresta um grande esqueleto de madeira. Era a igreja de Hammonia em construção".*[23] Na construção daquela igreja/escola, os imigrantes e a Sociedade Colonizadora Hanseática participaram ativamente. A inauguração aconteceu em 22 de maio de 1904, quando também ocorreu a oficialização da comunidade evangélica de Hammonia, com a aprovação de seu estatuto. Para os evangélicos, esse dia foi a data da fundação de sua comunidade. O enunciado que segue bem denota a importância daquele templo: *"(...) estamos diante da igreja de Hammonia.*

Pastor Aldinger com seus alunos. Nos fundos a igreja-escola que atendia os colonos e as crianças. Início do Século XX.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Um templo alegre, embora modesto, mas suficiente para o serviço divino".[24]

Depois da instalação do imigrante em sua colônia, a vida social era, praticamente, ausente. Assim, o culto dominical passou a ocupar um espaço importantíssimo. Da igreja vinha o consolo através das palavras do Pastor e das canções cantadas com entusiasmo acompanhadas pelo harmônio[25]. As palavras do pastor e as canções eram antídotos contra a solidão. *"Um harmônio acompanha o canto e os fiéis escutam atentos e piedosos as palavras do pastor. São palavras ditadas de coração para corações. Uma hora de edificação para todos".*[26] O harmônio foi doado por Ferdinand Missler, de Bremen, em 1904.[27]

A distância isolava; todavia, os colonos procuravam subterfúgios para vencê-la. *"Quase uma hora de caminho até a igreja. Mas nem se nota a distância, distraído que se vai com a beleza da paisagem circundante, com as belas plantações e as casinhas limpas e alegres dos colonos, ao longo do caminho, e antes que eu espere, estamos diante da igreja de Hammonia".* [28]

Um momento muito especial era o pós-culto. Conversava-se entusiasticamente sobre os fatos ocorridos na colônia. Narravam-se os avanços da colonização, os plantios e as colheitas; os prejuízos, as doenças, a questão indígena etc. *"Depois do ofício, ainda uma conversa aqui e ali, com esse ou aquele, um pulo até o escritório da Sociedade Colonizadora para indagar se não chegou correspondência da pátria*[29] *e, depois, a caminhada de regresso à casa".* [30]

É importante questionar sobre o método utilizado pelo Dr. Aldinger com referência ao ensino religioso nas escolas particulares alemãs, de Hammonia, visto que o professor era o próprio pastor. A metodologia aplicada foi a tradicional. Consistia em decorar, reter na memória, textos bíblicos, hinos, orações etc. O Pastor Flos deixou um importante registro: *"A respeito de decorar existe uma marcante sentença: Que a religião deve ser, por assim dizer, mais aspirada e sentida do que ensinada e aprendida; é uma exigência muito bonita, mas que conduz ao empobrecimento espiritual. Um conhecimento firme da história bíblica, de palavras bíblicas e de hinos é um tesouro precioso para toda a vida. Assim o ensino estava perfeitamente coordenado, e pais e alunos estavam satisfeitos".*[31]

Em 1904, o Dr. Paul Aldinger, em companhia do Dr. Karl Alexander von Wettstein e Fritz Kühne, participou dos estudos para a implantação de uma ferrovia elétrica de 76.000 metros, entre Blumenau e

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Hammonia, com a possibilidade de estender-se até a Colônia Lucena, hoje Itaiópolis. A queda d'água do Rio Itajaí-açu, cuja força foi estimada em 25.000 cavalos-força, impulsionaria o trem. A ferrovia, com locomotiva a vapor, foi construída alguns anos depois, em 1909, mas de forma diferente. Todavia, valeu o esforço à procura de uma solução para os problemas da época.

No dia 13 de agosto de 1905, Dr. Aldinger foi eleito diretor da *Spar-und Darlehns-Verein Hansa* (Associação de Crédito e Poupança), instituição por ele fundada. O capital inicial era de 3.000$. A primeira diretoria dessa instituição financeira ficou assim constituída: Diretor: Pastor Dr. Paul Aldinger; Diretor-substituto: Dr. Ernest Sappelt; Tesoureiro e Contador: Guido Kurth; Auxiliadores: Richard Bahr, Georg Schüz, Franz Hoppe e Julius Koschel; Presidente do Conselho Fiscal: Diretor Ferdinand Mörsch; Substituto do Presidente: Max Zierhold; Auxiliares: Emil Bendrath, Max Grothe e Cornelius Bohnert.[32] Os estatutos foram publicados no jornal *Der Hansabote,* em 2 de setembro do mesmo ano.

O Dr. Aldinger foi, ainda, diretor da *Landwirschaftlichen Hilfsvereins Hansa* (Caixa de Auxílio Agrícola Hansa). Também, por volta de 1905, com a participação efetiva do Dr. Aldinger, foram fundadas em Hammonia uma Sociedade de Ginástica, uma Sociedade de Canto e a *Wirtschaftliche Genossenschaft,* ou seja, uma cooperativa.

O envolvimento do Pastor Dr. Aldinger nas causas da colonização e nas causas comunitárias - e é bom que se diga, Aldinger não veio a Hammonia para ser pastor - trouxe-lhe uma série de aborrecimentos. Sua liderança e atuação, no campo espiritual e social, provocaram a ira de uma minoria que passou a fazer-lhe oposição. As queixas contra o Dr. Aldinger estavam fundamentadas em três pontos essenciais: sua conduta em relação à governanta do *Palmenhof,* à propaganda em torno de sua Escola Colonial e da Colônia Hammonia de forma geral e ao antigo diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática, Ferdinand Mörsch.

De acordo com Braunschweig, as acusações não tinham procedência. Até vários adversários do pastor afirmaram tratar-se de injustiças praticadas contra Aldinger. Com referência à governanta, escreveu: *"Esta senhora foi retirada da lama, juntamente com seus filhos, através do pastor Dr. Aldinger"* e agora *"mantém este solteirão totalmente sob o seu chinelo"*. Também,

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

segundo Braunschweig, não há nada que comprove o fato de que Aldinger tenha feito qualquer propaganda enganosa em relação à sua escola e à Colônia Hansa. Sobre seu relacionamento de amizade com o ex-diretor Mörsch, justifica o mesmo autor, era uma forma de conseguir apoio para a realização de seus sonhos. Os empréstimos que conseguiu, através de Mörsch, não afetaram suas atividades eclesiásticas.

O próprio Pastor Braunschweig, no dia 31 de julho de 1907, veio a Hammonia, enviado do *Oberkirchenrates* (Conselho-mor da Igreja) em Berlim e *Zentralvorstandes* do *Gustav-Adolf Verein* (Presidente da Obra Gustavo-Adolfo), de Leipzig. Veio conhecer a realidade da Igreja Evangélica de Hammonia. Permaneceu até o dia 3 de agosto, fazendo um amplo levantamento eclesiástico da comunidade liderada pelo Pastor Dr. Paul Aldinger.

Há, ainda, um outro fato histórico relevante que necessita ser explicitado para a compreensão das críticas lançadas sobre o Dr. Aldinger. Em 1901 foi fundada a *Kolonistenbund* (Liga dos Colonos), sob a liderança de Julius Radeck, e a partir de 1904, por Karl Keim. Essa liga fazia oposição à Sociedade Colonizadora Hanseática. Grande número de seus sócios era social-democrata, e exigiram da colonizadora participação nos lucros e reconhecimento de uma série de direitos humanos. Como o Dr. Aldinger tinha estreitas ligações com a Sociedade Colonizadora Hanseática, também foi duramente criticado. *"Estes colonos, portanto, não entendiam o silêncio do seu pastor frente ao diretor Mörsch e sua forma desumana de administrar"*[33].

Havia também uma polêmica sobre a questão indígena, pois como se sabe, nos primeiros anos de colonização havia intensos atritos entre brancos e índios, com baixas para ambos os lados. Dr. Aldinger foi acusado de organizar e participar de uma excursão contra os bugres. Parece ser esta uma acusação sem provas concretas. Dr. Aldinger sempre se considerou um missionário entre os bugres. Sobre esta excursão há detalhes que livram o pastor dessa acusação, aliás, bem ao contrário, se percebe o seu envolvimento a favor da questão indígena. Eis a afirmação: *"Outra expedição ocorreu em 1908, organizada pelo Pastor Dr. Paul Aldinger e colonos de Nova Zürich, nas matas adjacentes ao Rio Krauel. Embora esta expedição não tinha o objetivo de encontrar e civilizar índios, tiveram a oportunidade de observá-los de longe. Importa, hoje, a impressão deixada sobre os filhos da selva"*.[34]

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Sobre a mesma expedição o Pastor Flos escreveu: *O tronco, mais largo do que um homem, e reto até a copa, foi escalado por R. Hergert, que nos comunicou os acidentes do terreno à nossa volta e que a duas ou três horas de viagem, num mato saía uma coluna de fumaça. Provavelmente um acampamento de bugres à nossa frente. Estes extensos pinheirais, longe da civilização, eram até agora o lugar mais seguro para os indígenas, fornecendo-lhes alimento em profusão, e reclusão. Dever-se-ia tentar conservar este lugar, amansar os índios e fazer deles um povo agricultor, do povo guerreiro e caçador que são, transformá-los em criadores. Seria um belo e humanitário ato cristão. A reserva seria uma espécie de museu ao ar livre, devendo porém estar sob legislação especial. Não tenho nenhuma vontade de levantar minha mão para transformar índios em vagabundos beberrões.*[35]

Em 1910 e 1911, em virtude de novos aborrecimentos em razão de ataques de índios, o Dr. Paul Aldinger utilizou o jornal *Der Hansabote* e

Grupo de crianças e imigrantes recém-chegados em frente ao Hotel Marx- Colônia Hammonia. Primeiras décadas do Século XX.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

recomendou que se buscasse uma solução pacífica para o problema. Participou de nova expedição, juntamente com Dr. Raul Abbot. A ação do Dr. Aldinger, naquela época, foi fundamental para que se estabelecesse a paz entre colonizadores e indígenas. Mobilizou todos os esforços, embora sem sucesso, para a instalação de um posto missionário-cultural nos limites da colônia.

No dia 11 de junho de 1908, o Pastor Dr. Paul Aldinger, após sete anos de permanência em Hammonia, regressou à Alemanha para visitar familiares, amigos e autoridades. Chegou a Bremen no dia 26 de julho, onde se encontrou com o Dr. Heinrich Wiegand, Diretor Geral da *Norddeutsche Lloyd,* que demonstrou grande interesse sobre o andamento da colonização em Hammonia e se mostrou entusiasmado em vir ao Brasil, na ocasião da inauguração da Estrada de Ferro Santa Catarina.[36] Visitou o Prefeito Dr. Pauli para agradecer-lhe as doações para a escola da Neu-Bremen. Visitou Ferdinand Missler, a quem Dalbérgia (Neu-Bremen), hoje, ainda atribui a denominação de Alameda Missler à sua principal rua. Em Hamburgo, visitou a *Hansahaus,* para falar com o Diretor Föhr.[37] Visitou, também, Hermann Stolz[38], Senador de Comércio em Hamburgo e Membro do Conselho Fiscal da Sociedade Colonizadora Hanseática. Em homenagem a Hermann Stolz, foi dado o nome de Stolzplateau a uma localidade do município de Dona Emma.[39] Encontrou-se, ainda, com altos funcionários do Governo Alemão. Retornou a Hammonia em 23 de maio de 1909. Foi festivamente recebido na casa da Direção da Sociedade Colonizadora Hanseática, que estava enfeitada com bandeiras e palmas. Os membros da diretoria da Comunidade Evangélica, Arno Läsker, Wilhelm Fredel e Karl Engelhardt, foram ao seu encontro. Durante o tempo em que esteve na Alemanha, Aldinger realizou 37 sermões, palestras e seminários, sempre relacionados com os trabalhos da colonização de Hammonia. Assim que retornou, efetuou 30 batismos. Eram crianças nascidas e vindas a Hammonia durante sua ausência.

O Pastor Dr. Paul Aldinger tinha grande facilidade para conseguir recursos financeiros para a igreja e escolas particulares alemãs. Ele conseguiu verbas, principalmente, da Sociedade Colonizadora Hanseática, Consistório Evangélico, Sociedade Gustavo Adolfo, Conselho Superior Eclesiástico de Berlim e Associação para a Germanidade no Exterior.

No dia 23 de janeiro de 1914, por deliberação do Conselho Geral

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

da Comunidade Evangélica de Hammonia, as duas entidades, Igreja e Escola, que até então tinham uma direção comum, passaram, cada uma, a ter a sua independência administrativa e financeira. Vida própria para cada entidade já fora sugerido por Karl Rickmann, em 1909. Em face dessa separação, a escola recebeu 1:982$340 (um conto novecentos e oitenta e dois mil trezentos e quarenta réis). A propriedade, antes comum às duas entidades, foi transferida para a Comunidade Evangélica Geral, com exceção do cemitério, sinos e do terreno para a construção da nova igreja[40], que passaram a pertencer à Comunidade Evangélica, além da importância de 1:156$000 (um conto e cento e cinqüenta e seis mil réis). Ficou também estabelecido que o antigo prédio que serviu de igreja e escola fosse remodelado, para servir de casa paroquial.

Não se tem conhecimento de que o Pastor Dr. Aldinger tenha pregado em Língua Portuguesa. Sabe-se que o pastor falava muito mal o vernáculo; contudo, sabia do valor dessa língua, que mais cedo ou mais tarde, de uma forma ou de outra, substituiria em parte ou no todo, a Língua Alemã na igreja, nos lares e na comunidade em geral.

Prova do que se afirma acima está na implantação dos cursos extracurriculares em Hammonia. No dia 1°. de abril de 1907, iniciou-se, na sede da colônia, Neu-Bremen e Sellin, a aula noturna, uma espécie de Curso Complementar, para alunos maiores. Inicialmente, em Hammonia, matricularam-se 5 alunos. A baixa freqüência justificou-se em função das enormes distâncias e perigos sempre à vista. Os professores eram o Pastor Dr. Paul Aldinger e o Professor Arthur Müller, na sede; Carl Klahr em Neu-Bremen e o Prof. Stokel, no Sellin. Além das disciplinas de Matemática, Redação, Contabilidade, Geometria e Entendimentos de Cultura e Atualidades, foram ministradas aulas de Português.

No Relatório da *Sociedade Escolar Hansa*, sob o título *Escola de Aperfeiçoamento,* há fatos relevantes sobre o ensino da Língua Portuguesa: "*Partindo do pensamento de que se faria necessário conservar e complementar o que foi aprendido durante o breve período escolar, foram instalados em Hammonia e Neu-Bremen cursos de aperfeiçoamento; na primeira localidade, em dias úteis durante o período escolar; na segunda, um curso noturno duas vezes por semana, com carga horária de 4 horas. Português: baseado no 'Sabe fallar portuguez'* ".[41]

Sabe-se que os docentes não dominavam bem o vernáculo. Prova

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

documental da dificuldade de ensinar e falar a Língua Portuguesa encontra-se nos relatos de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, o pacificador dos índios botocudos e fundador da Reserva Indígena Duque de Caxias, de José Boiteux, por ocasião de uma homenagem prestada a uma autoridade do SPI – Serviço de Proteção aos Índios: "*No início das apresentações e cumprimentos, o 'Pfarrer' (Pastor Dr. Aldinger) conduziu à presença do Sr. Miranda (Manuel Miranda, Subdiretor do Serviço de Proteção aos Índios - SPI) duas meninas loiras, trazendo a tiracolo uma faixa com as cores nacionais e na mão um 'bouquet' de flores. A primeira pronunciou: Sse...cha pen findo, no Hansa, e no Hammonia... e então entregou as flores; a outra repetiu a mesma frase, com a mesma dificuldade. Calcule-se o que não custou ao Pastor fazer decorar às meninas estas palavras, pois de português nada sabem*".[42]

Com referência ao próprio pastor, Hoerhan assim registrou as dificuldades: "*Na mesa do jantar tomou a palavra o "Pfarrer" que, num português horrível, saudou em nome das colônias o Sr. Miranda, combatendo os que não compreendiam o nobre fim do SPI (...)*[43] *Acabado o jantar, as crianças da escola cantaram, sob regência do Pastor, o Weist Du wie viel Sterne stehen, em português. No meio da cantoria, o Sr. Miranda pediu-me para traduzir aquele belo canto alemão.* [44]

No jornal *Der Hansabote*, de 17 de março de 1906, há o registro de que o Secretário do Governo do Estado doou um bom número de livros em português para as escolas de Hammonia. Mais tarde, em 1917, o Deputado Federal Lebon Régis elogiou o Dr. Aldinger e o seu envolvimento com a Língua Portuguesa. Na época, temia-se o "perigo alemão". Dr. Aldinger é mencionado como exemplo de alguém que não mede esforços para inteirar-se da cultura brasileira. O deputado Lebon Régis assim se referiu à questão:

> Dos pastores protestantes allemães do meu Estado, Sr. Presidente, devo destacar um, o Dr. Aldinger, cujo procedimento de certo será agradável ao sentimento nacional. O Dr. Aldinger exerce o cargo de Inspetor das escolas mantidas pela Sociedade Colonizadora Hanseática, na Colônia Hansa. Entendeu que devia saber o português, estudou-o theoricamente, e, durante as férias escolares, em annos sucessivos, viajou, muitas vezes a pé, pelos núcleos de população nacional, a fim de praticar o nosso formoso idioma, como me dizia ele.
>
> Fez, mais ainda: fez com que dous de seus professores, o Dr. Müller e o Sr. Jené, estudassem também a nossa língua, e, quando os julgou habilitados theoricamente,

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> por meu intermédio, solicitou um auxílio ao governo do Estado, para que pudesse residir algum tempo na capital e adquirir a prática necessária de nossa língua. O auxílio foi concedido, os professores estiveram por mais de dous mezes na capital; iam todos os dias, duas vezes à minha casa, e lá ficavam das sete às dez da manhã e das sete às dez da noite, lendo ou conversando em portuguez; ouviam as aulas da Escola Normal e ainda achavam tempo para ir à casa do professor de portuguez que se prestou. [45]

Além de sua laboriosa atividade já descrita, foi também escritor fecundo. Colaborou na imprensa alemã e teuto-brasileira, em almanaques e revistas. Dedicou-se com carinho à história da colonização alemã no Brasil. Publicou no *Deutsche Post* (Correio Alemão) uma série de artigos sobre a colonização alemã em Santa Catarina. As suas principais obras foram:

Das Itajahy-Tal (O Vale do Itajaí) – Deutsche Siedlung im Brasilianischen Urwald: Blumenau und Hansa. Hamburgo: 23 páginas, 22x14 cm, H. O. Persiehl, 1909. *Die Kolonie Hansa* - (A Colônia Hansa) – Potsdam - Stiftungsverlag. *Die Kolonieschule* (A escola da colônia) - In: Kalender für die Deutschen in Brasilien. São Leopoldo: Rotermund & Cia., 1915, p. 116 e 117. *Die Methode der Bäuerlichen Wald-Gebirgskolonization in Süd Brasilien.* (Métodos de colonização da mata virgem no sul do Brasil). In: Südamerikanische Rundschau, nº. 6 e 7 de 1º. de setembro e 1º de outubro de 1904. *Dr. Lauro Müller* - Der deutschbuertige Staatsmann Brasiliens. In: Kalender für die Deutschen in Brasilien, 1928, 34 páginas. Reproduzido no "Der Urwaldsbote", em 1938, em separata deste. *Kirche uns Schulbericht* - (Relatórios da igreja e escola) - über den District Itajahi-Hercílio für das Jahr 1914. (Manuscrito de 10 páginas, no Arquivo do Instituto Hans Staden) - São Paulo. *Deutsche Mitarbeit in Brasilien* (Colaboração do trabalho dos alemães no Brasil). Curitiba: 1923, 88 páginas. Trata do auxílio alemão ao desenvolvimento do Brasil. *Wie die Kaingangs den Mais erhielten* (Como os Kaingangs conservavam o milho). In: Heimat Lesebuch. Rotermund & Cia. Também publicado no Kalender für die Deutschen in Brasilien, Rotermund, 1915. *Zur Geschichte der Kolonisation mit Deutschen am unteren Itajahi* (Para o histórico da colonização dos alemães no Baixo-Itajaí). Artigo no Blumenauer Zeitung, nº. 7, ano ?? 41, 23 de janeiro de 1923. *Eine deutsche Festgabe zur Zentenarfeir* (Edição extra para os festejos do centenário). Artigo no

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Blumenauer Zeitung, nº. 24 de 23 de março de 1922, primeira página. *Die Serra als Höhenkurort* (Uma estação de repouso nas montanhas). Blumenauer Zeitung, nº. 45, de 12 de junho de 1922, 1ª. página. *7. September 1822* (7 de setembro de 1822), Blumenauer Zeitung, nº. 70, de 7 de setembro de 1922, 1ª. página. *Die Bedeutung der Kolonie Hansa in der Geschichte der deutschen Auswanderung nach Brasilien*[46] (O significado da Colônia Hansa na história da emigração alemã para o Brasil). Blumenauer Zeitung, nº. 82, de 19 de outubro de 1922, 1ª. página. *Unterstützte Einwanderung nach Brasilien* (Imigração subvencionada para o Brasil). Blumenauer Zeitung, nº. 85, de 30 de outubro de 1922, 1ª. página. *Der Aufstand der deutschen Soeldner - 1828* (Levante dos Mercenários Alemães em 1828). *Kaiser Dom Pedro II als Sohn einer deutschen Mutter* (O Imperador D. Pedro II como Filho de uma Mãe Alemã). *Die deutsche Frau in Brasilien* (A Mulher Alemã no Brasil). *Die Kolonie Hansa in Brasilianischen Staate Santa Catarina* (A Colônia Hansa no Estado Brasileiro de Santa Catarina). *August Comte und seine Lehre, der Positivismus* (Augusto Comte e sua Doutrina, o Positivismo).

Escreveu ainda poemas, canções, peças teatrais e ensaios, inspirados na vida colonial, que foram publicados em vários jornais e anuários da época. Especialmente para os habitantes de Hammonia escreveu a peça *A Colonização da Hansa.* Esta obra foi representada pelos seus alunos.

Considerações Finais

Em 1920, o Pastor Aldinger foi substituído no pastorado. No dia 14 de novembro foi empossado o Pastor Hermann Grimm. O novo pastor recebeu a bênção dos pastores Bornfleth e Neumann, que eram delegados da Associação das Igrejas Evangélicas de Santa Catarina[47]. A posse aconteceu no dia 6 de outubro de 1920.

Diante da situação, o Dr. Aldinger permaneceu diante da direção e inspeção das escolas particulares alemãs. Colaborou exaustivamente na questão da adaptação das escolas às novas determinações do governo brasileiro.

A atuação do Pastor Dr. Paul Aldinger na Colônia Hammonia se estendeu até o dia 3 de julho de 1927, quando regressou definitivamente para a Alemanha. Na época, contava com 57 anos de idade. Estabeleceu-se na localidade de Kleinbottwar, onde continuou suas atividades pasto-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

rais. Mesmo distante de Hammonia, ainda contribuiu efetivamente nas situações e questões da colonização, principalmente no Sul do Brasil.

Convém relembrar que o Dr. Aldinger iniciou suas atividades em Hammonia, em 1902, em uma modesta escola, com 15 alunos matriculados e uma Comunidade Evangélica de aproximadamente 50 membros. Após 25 anos de atuação, deixou uma Associação Escolar com 25 escolas e uma matrícula aproximada de 1.000 alunos. No campo eclesiástico deixou em torno de 6.000 membros evangélicos.[48]

No seu retorno à Alemanha, foi ainda pastor em Kleibottwar, durante 17 anos. Durante o período, dedicou-se ao fortalecimento do *Deutschtum* (germanidade) no exterior. Divulgou suas idéias na imprensa e através de palestras, como colaborador do *Deutsches Ausland Institut* (Instituto Alemão para o Exterior), com sede em Stuttgart.

Faleceu no dia 29 de dezembro de 1944, vítima de um derrame cerebral e foi sepultado em Heutingsheim, sua cidade natal.

No dia 16 de maio de 1999, a Comunidade Evangélica de Ibirama instituiu e inaugurou o *Acervo Histórico Pastor Dr. Paul Aldinger*. Ali se encontram alguns de seus objetos pessoais, documentos, fotos e móveis por ele utilizados.

De acordo com Prien, o Dr. Paul Aldinger foi um *"legítimo pioneiro, como missionário, pastor, professor e colaborador no processo de desenvolvimento da região"*. [49] Jamundá, também, teve um entendimento idêntico: "*Dr. Paul Aldinger está entre os maiores ativadores do progresso na área cultural do teuto-brasileiro*".[50]

E, ainda, é justo acrescentar que o Dr. Aldinger era, principalmente, um conselheiro, uma pessoa que falava do coração para corações. Com a sua presença, os imigrantes e colonizadores de Hammonia tiveram sua luta mais branda e sua fé mais forte.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EHLERT, H. Comunidade Evangélica de Ibirama. Blumenau: Tipografia e Livraria Blumenauense, 1954.

FLOS, M. H. Unsere Väter. São Leopoldo: Rotermund e Cia., 1961.

KLUG, J. O Pastor Dr. Paul Aldinger e a Hansa Hamônia. In: FERREIRA, C. & FROTSCHER, M. (org.) Visões do Vale: perspectivas historiográficas recentes. Blumenau: Nova Letra, 2000.

KREUTZ, L. O Professor Paroquial e Imigração Alemã. Florianópolis/ Porto Alegre: UFSC-UFRGS, 1991.

JAMUNDÁ, T. C. Ao Redor do Dr. Blumenau (VII). In: Blumenau em Cadernos, Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1992.

LACMANN, W. Cavalgadas e impressões no sul do Brasil. In: Blumenau em Cadernos, Blumenau: Fundação Casa dr. Blumenau, 1997.

LACMANN, W. Ritte und Rasttage in Südbrasilien. Berlin: Verlag Dietrich Reimer, 1906.

LIVRO CAIXA nª I, II, III e IV da Sociedade Colonizadora Hanseática, Arquivo Histórico de Ibirama.

LUCAS, V. Katanghara: Reminiscências do Passado. Texto mimeografado.

WEINGÄRTNER, N. 150 anos de Presença luterana no Vale do Itajaí. Blumenau: Editora e Gráfica Odorizzi, 2000.

WILLE, O. Minha imigração para Hansa-Hammonia – hoje Ibirama. In: Blumenau em Cadernos. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1994.

WIESE, H. De Neu-Zürich a Presidente Getúlio: uma história de sucesso. Rio do Sul: Editora Nova Era, 2000.

WIESE, H. A Inserção da Língua Portuguesa na Colônia Hammonia. Ibirama: Edigrave, 2003.

NOTAS DE FIM

[2] Primeira denominação de Ibirama. Foi, também, a antiga denominação da cidade de Hamburgo, da Alemanha.

[3] No Livro Caixa da Sociedade Colonizadora Hanseática encontram-se os registros de valores pagos ao Pastor Ziegel, para cobrir as despesas com a sua vinda a Hammonia. A partir desses dados é possível registrar as datas aproximadas da realização desses cultos.

[4] Ibirama foi fundada no dia 8 de novembro de 1897, pelo Diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática, Alfred Wilhelm Sellin e pelo engenheiro Emil Odebrecht.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

[5] O historiador João Klug registra o dia 21 de junho de 1901 como a data da chegada do Dr. Paul Aldinger a Hammonia.

[6] Em abril de 1898 foi iniciada a construção do Rancho dos Imigrantes, com a finalidade de acomodar os colonos, nos primeiros tempos, até que construíssem sua cabana na propriedade adquirida. A construção estava a cargo de Gottlieb Reif e custou 15:500$000. O rancho localizou-se, aproximadamente, onde hoje está o prédio do correio. Foi concluído em 1899, possivelmente em janeiro. No início, também serviu de igreja e escola. Tinha 90 metros de comprimento e podia abrigar muitas famílias. "*O referido barracão tinha capacidade para acolher cem famílias*" (ALBERSHEIM, 1962, p. 30).

[7] Tradução do historiador Valberto Dirksen. Também é traduzido por *Fazenda das Palmas, Fazenda das Palmeiras* e *Pátio das Palmeiras.*

[8] KLUG, J. O Pastor Dr. Paul Aldinger e a Hansa Hamônia. In: FERREIRA, C. FROTSCHER, M. (Org.). Visões do Vale, Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 96.

[9] A fusão do Estado de Baden com Württenberg aconteceu somente no ano de 1954, formando o atual Estado de Baden-Württenberg.

[10] KLUG, J. O Pastor Dr. Paul Aldinger e a Hansa Hamônia. In: FERREIRA, C. FROTSCHER, M. (Org.). Visões do Vale, Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 95.

[11] Idem, ibidem, p. 94.

[12] Idem, Ibidem, p. 101.

[13] Idem, Ibidem, p. 96.

[14] Cada colônia possuía em torno de 25 hectares de terra.

[15] Os primeiros imigrantes de Neu-Zürich eram suíços e seguiam a religião batista.

[16] Mitteilungen des deutschen Schulvereins für Santa Catarina (Comunicações da Associação Escolar de Santa Catarina) circulava mensalmente e foi editada pela Sociedade Escolar Alemã para Santa Catarina, com sede em Blumenau, pela Tipografia Urwaldsbote. O primeiro número apareceu em janeiro de 1906.

[17] Blumenau em Cadernos, nº. 7, 1997, p. 47. Tradução de Annemarie Fouquet Schünke.

[18] KLUG, J. O Pastor Dr. Paul Aldinger e a Hansa Hamônia. In: FERREIRA, C. FROTSCHER, M. (Org.). Visões do Vale, Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 98.

[19] JAMUNDÁ, T. C. Ao Redor do Dr. Blumenau (VII). In: Blumenau em Cadernos, Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1992, p. 418.

[20] WIESE, H. De Neu-Zürich a Presidente Getúlio: uma História de Sucesso. Rio do Sul: Nova Era, 2000, p. 229-230.

[21] LACMANN, W. Cavalgadas e impressões no sul do Brasil. In: Blumenau em Cadernos, Blumenau: Fundação Casa dr. Blumenau, 1997, p. 89.

[22] KREUTZ, L. O Professor Paroquial e Imigração Alemã. Florianópolis/ Porto Alegre: UFSC-UFRGS, 1991, p. 58.

[23] LACMANN, W. Aputd WIESE, p. 131-132.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

[24] Der Hansabote, 1905.

[25] Para muitos colonos de Hammonia, o harmônio tocado na igreja era a única música que podiam ouvir. Hoje, o harmônio do Dr. Aldinger encontra-se no Museu da Comunidade Evangélica de Ibirama.

[26] *Der Hansabote,* 1905.

[27] A rua principal de Dalbérgia (Neu-Bremen) tem a denominação de Alameda Missler, em homenagem a Ferdinand Missler.

[28] *Der Hansabote*, 1905.

[29] Entende-se melhor a questão da pátria interpretando um valioso provérbio alemão: "*Heimat ist, wo unsere Toten schlafen und ihre Gedanken wachen"* (Pátria é onde nossos mortos dormem e seus pensamentos velam sobre nós). Mas como entender esta situação se os antepassados ficaram na Alemanha? E se a *Heimat* veio ao Brasil no coração dos imigrantes? Um sentido mais subjetivo sobre a *Heimat* encontra-se em MÜLLER (1998, p. 26): *"Quando se diz, pois, que pátria está onde dormem nossos antepassados, no nosso caso está se afirmando que os mesmos estão sepultados em nossos corações. Este é o túmulo, a cova como dizemos em nosso linguajar cotidiano, aquela mesma cova onde plantamos as sementes, onde enterramos as mudas do futuro. Não podemos transplantar a Vaterland, mas trazemos junto ao coração a Heimat, porque nosso coração é o essencial do que somos".*

[30] *Der* Hansabote, 1905. De acordo com o texto *"Domingo de Colono",* publicado em Blumenau em Cadernos, em 1968, trata-se de um relato de um colono domiciliado em Hammonia. A identidade do autor, infelizmente, permanece desconhecida.

[31] FLOS, M. H. Unsere Väter. São Leopoldo: Rotermund e Cia., 196, p.193.

[32] Optou-se pelo registro da nominata da diretoria para dar ao leitor um panorama das lideranças da época.

[33] KLUG, J. O Pastor Dr. Paul Aldinger e a Hansa Hamônia. In: FERREIRA, C. FROTSCHER, M. (Org.). Visões do Vale, Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 106.

[34] WIESE, H. De Neu-Zürich a Presidente Getúlio: uma História de Sucesso. Rio do Sul: Nova Era, 2000, p. 70.

[35] FLOS, Pastor. *Unsere Väter* (Nossos Pais). Publicação do Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná. Curitiba. Tradução de Ivo von Wangenheim.

[36] A vinda de Heinrich Wiegand a Hammonia não aconteceu, pois faleceu no dia 29 de março de 1909.

[37] Föhr havia ocupado o cargo de Albert Wilhelm Sellin, fundador de Hammonia.

[38] Hermann Stolz fez uma significante doação à comunidade Evangélica de Hammonia. Com o dinheiro foi comprada a madeira para a torre da primeira igreja, inaugurada em 1904. Essa igreja, construída em tipo de enxaimel, tinha a torre de madeira. No jornal *Der Hansabote,* de 12 de novembro de 1904, p. 2, encontra-se o seguinte verso: *"Zum Turme das Holz/ Das stiftet Herr Stolz/ Das Dach hat geblecht/ Her Kommerzierrat Sp.".*

[39] As terras do município de Dona Emma pertenciam à antiga Colônia Hammonia.

[40] Local onde foi construída a atual Igreja Martin Luther.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

[41] *DER HANSABOTE,* 28/03/1908. Tradução de Brigitte Kretzschmar.

[42] HOERHANN apud LUCAS, s/d, p. 07.

[43] Percebe-se nas palavras de Aldinger seu entendimento sobre a questão indígena, pois havia quem duvidasse de sua posição em relação aos mesmos. A mesma postura assumiu o pastor em outras ocasiões.

[44] HOERHANN apud LUCAS, s/d, p. 07.

[45] REGIS, apud KLUG, 2000, p. 103.

[46] O texto traz interessantes informações sobre a proibição da emigração para o Brasil.

[47] No dia 6 de outubro de 1920, a Comunidade Evangélica de Hammonia, como foi decidido em 3 de setembro de 1916, filiou-se ao *Evengelischen Gemeinde-Verband* (Associação das Igrejas Evangélicas) de Santa Catarina, bem como ao *Evangelischen Oberkirchenrat* (Conselho-Mor das Igrejas Evangélicas), em Berlin.

[48] Dados segundo PARET, aputd KLUG, 2000, p. 107.

[49] PRIEN, apud KLUG, J. . O Pastor Dr. Paul Aldinger e a Hansa Hamônia. In: FERREIRA, C. FROTSCHER, M. (Org.). Visões do Vale, Blumenau: Nova Letra, 2000, p. 106.

[50] JAMUNDÁ, T. C. Ao Redor do Dr. Blumenau (VII). In: Blumenau em Cadernos, Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1992, p. 418.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A pacificação dos botocudos através dos relatórios do SPI

Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann[1]

Artigos

Este artigo tem como objetivo mostrar e discutir a pacificação dos botocudos - mais conhecidos como Xokleng - iniciada pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) em Santa Catarina no ano de 1914. O texto foi baseado na literatura antropológica a respeito do tema, assim como na pesquisa dos relatórios originais entre 1916 e 1918, elaborados pela chefia do SPI. Os relatórios eram escritos mensalmente e suas cópias enviadas à sede principal do SPI, localizada na antiga capital do Brasil, a cidade do Rio de Janeiro. Por este motivo permaneceram alguns destes relatórios na família de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, principal personagem no primeiro contato amistoso entre botocudos e não-indígenas e chefe deste órgão catarinense durante quarenta anos. O assunto também está sendo estudado na dissertação de mestrado do autor deste artigo, sendo delimitado entre 1912 a 1927. Para fins de esclarecimento, usamos a nomenclatura Botocudo, pois trabalhamos em uma época na qual a denominação Xokleng havia sido sugerida, mas não tida como consenso entre os que estudavam e debatiam o assunto. Não

[1] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História – UFSC e bolsista do CAPES.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

utilizamos a palavra pacificação e seus derivados entre aspas porque os entendemos como ato de promover a paz, ao considerar que os indígenas e os regionais viviam em uma constante guerra. Portanto, pacificação não é compreendida como domesticação ou "amansamento", como sugerem alguns antropólogos e demais cientistas. No entanto, as aspas serão colocadas nos vocábulos civilização e civilizada, pelo fato dos mesmos serem exaustivamente requisitados para fins de segregação, ao mesmo tempo em que serviam para comparar e classificar os indígenas como selvagens, bárbaros, mal-educados, vagabundos e infinitos termos pejorativos. Em suma, o artigo se inicia com a declaração do pacificador ao antropólogo Darcy Ribeiro, quando este esteve no Posto Indígena Duque de Caxias em 1953. Eduardo, nesta época, sofria desilusões por acreditar que ao invés de salvar o povo Botocudo da extinção, ele acabou contribuindo para este fim.

Tenho um arrependimento negro de ter tirado esta gente da mata. Pra que pacificá-los se não podíamos protegê-los?[2] Com estas palavras Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, em depoimento a Darcy Ribeiro, traduz a trágica tentativa do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), em retirar o povo Botocudo de seu ambiente natural, para transformá-los em agricultores "civilizados". Nesta época, Hoerhan havia se afastado da liderança do SPI, cargo ocupado por quarenta anos, desde o ano de 1914. Eduardo Hoerhan contrariou a vontade de seus pais ao ingressar no SPI aos dezesseis anos de idade, como fotógrafo oficial deste órgão em 1912. Nesta época o SPI passava por uma crise de descrédito perante o governo e a opinião pública em decorrência dos exagerados gastos do tesouro público, sendo ainda acusado de inoperante. Para tentar mudar esta situação, Cândido Rondon, responsável por este serviço em nível nacional, organizou a expedição do Capitão Olímpio Bandeira, com o objetivo de pacificar os botocudos de Santa Catarina. No início do ano de 1913 esta expedição chegou a Joinville, onde se estabeleceu. Por seu administrador ter cometido diversos erros, a expedição estava fadada ao fracasso e então Eduardo Hoerhan, por se destacar dos demais membros da comitiva, tornou-se líder. Este personagem, em setembro do ano posterior, junto da equipe do SPI, recebeu a tarefa de encontrar os botocudos, localizados no território do Vale do Itajaí, a fim de atraí-los para uma área longe daqueles que os estavam exterminando.[3] Como se sabe, este povo estava destinado ao desaparecimento total devido aos

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

freqüentes assaltos praticados em suas comunidades, por matadores financiados pelo próprio governo estadual. A justificativa para a sua extinção era que os indígenas atrapalhavam o progresso das colônias situadas aos arredores de suas terras. O governo nacional, neste período, recebia grandes levas de imigrantes provenientes principalmente da Itália e Alemanha. Os líderes destas nações recém-centralizadas politicamente pressionavam nosso Estado, para que garantisse a segurança dos emigrados nas constantes fricções interétnicas[4]. Caso contrário, estes países europeus ameaçavam suspender a emigração, o que tornaria incompleta a ocupação do território sul-brasileiro. Sobre o colono, Sílvio Coelho dos Santos destaca as palavras de Darcy Ribeiro:

> Quando defrontam com um grupo indígena sua tendência é despojá-lo violentamente de seu território, ou quando possível, diligenciar para colocá-lo a seu serviço. As frentes de economia pastoril são formadas por populações constituídas por crescimento vegetativo composta de grupos familiais, que avançam através das áreas inexploradas à procura de novas pastagens. Agem diante do índio essencialmente pela contingência de limpar os campos de seus habitantes humanos para entregá-los ao gado e evitar que o índio, desprovido de caça, a substitua pelo ataque em seus rebanhos (...) [5].

Com esse rápido processo de ocupação imigrante, o indígena passou a não ter mais escolhas para garantir a sua sobrevivência nas matas. No local onde antes havia abundância de caça e alimentos coletáveis, tornou-se cada vez mais difícil competir com seus concorrentes brancos. Os imigrantes precisaram desmatar para construir suas casas e preparar os terrenos para as práticas agrícolas. Como os botocudos eram freqüentemente hostilizados e temidos pela maioria dos habitantes dos centros urbanos e agricultores, passaram a tratar os colonos como inimigos. Os freqüentes confrontos étnicos acontecidos, de certa forma foram previsíveis, pois quando o Brasil abriu suas portas para acolher os imigrantes, seus governantes possuíam pleno conhecimento das comunidades indígenas presentes nos territórios a serem ocupados. A propaganda feita no exterior, exaltando as belezas naturais de nossa terra, assim como sua incrível fertilidade, destinada a atrair novos ocupantes estrangeiros, possivelmente ignorou a existência dos botocudos. Afinal, era apenas um detalhe a ser eliminado com o intuito de não desencorajar àqueles que estavam dispostos a emigrar para o

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sul do Brasil.

Aqueles que estão habituados a estudar a História do Brasil, seja no colégio, na universidade ou apenas em leituras informais, costumam perceber uma certa rotatividade. Isto no sentido de conquistar terras, explorá-las, fazer com que a população local assimile a nova cultura imposta, quando não exterminá-la por completo. No caso dos indígenas em questão, estes passaram pelos dois processos. Primeiro, pela ocupação de suas melhores porções de terras pelos colonizadores europeus, e depois pelo trabalho de integração proporcionado através do Serviço de Proteção aos Índios. Sobre isso Sílvio Coelho dos Santos escreveu:

> Os Xokleng somente a partir de 1850, data da fundação de Blumenau e marco do início da colonização dos vales litorâneos de Sta. Catarina, começaram a travar contato sistemático, se bem que belicoso, com os imigrantes europeus que se localizavam em seus territórios tradicionais. A sua pacificação se iniciou em 1914, quando um grupo foi "atraído" no Alto Vale do Itajaí, no Norte, e aldeado em Duque de Caxias.[6]

A freqüência dos ataques era contínua, pois ambos os lados se agrediam como forma de retaliação. Aqui citamos parcialmente a experiência de Eduardo narrada por ele mesmo - deste primeiro contato em 22 de setembro de 1914 -, redigida em uma missiva no ano de 1921 para Luiz Bueno da Horta Barboza, na época chefe nacional do SPI:

> [...] Examinado minuciosamente tudo, encontrou mais adiante, nas cinzas de uma destas fogueiras, grandes rastos de homens, indubitavelmente recentíssimos. Dispertando-lhe a attenção este importante achado, quiz Eduardo, mostral-o ao interprete, que ficára atraz, mas no momento em que se voltava a chamal-o, subitamente ouvio um formidavel brado. Virando-se, instantaneamente, para verificar donde este partia, vio saltar de traz de um tronco de arvore, um homem inteiramente nú, armado de arco e flechas. De cima de um pequeno morro em frente, na beira do matto, este indio de grande estatura, com voz atroadora e gestos ameaçadores, fazia-lhe um grande 'discurso'. Logo em seguida, mais dois homens, tambem nús e armados de arco e flechas, saltaram de traz de outros troncos, ficando a direita e a esquerda do primeiro, encotando então os trez, um formidavel vozerio por completo incomprehensivel. [...] Tendo avançado uns cincoenta passos, forem porem Eduardo intimado a parar, pelos indios que exaltados, collocaram as flechas nos seus arcos, estirando-os com pontaria feita. [...] Dirigiu-se então

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> Eduardo, a elles, em lingua dos indios paranáenses, porem, sem resultado. [...] Chamou então Eduardo, o indio Preiê, que ficára atraz, a certa distancia, perguntando-lhe se entendia alguma cousa, ao que este lhe respondeu que não. [...] Avançou resolutamente Eduardo, para a frente e vendo que os indios iam-no flechar, sacou o paletot e a camisa, mostrando-se com o tronco nú e os braços estendidos, falando n´outra lingua indigena que tinha aprendido.[7] Os indios, com seus arcos sempre retezados, promptos a desferir suas flechas, no minimo instante, attenderam a attitude de Eduardo, que seguidas vezes repetiu a mesma phrase, na outra lingua. Por fim, calaram-se os indios escutando attentamente conversando, depois, em voz baixa entre sí. O indio de grande estatura, perguntou então, claramente:
>
> - Hôliké, o que significa, - como é, repita.
>
> Eduardo, que entendera esta palavra, repetiu novamente toda a phrase, o mais nitidamente possivel. Os indios, que o escutavam, conversaram entre sí, em voz baixa, novamente, rindo-se por fim, um delles. Sempre fallando, quis approximar-se mais dos indios, sendo porem, outra vez ameaçado, pelos indios, que de novo, começaram a fallar, uma phrase que terminava sempre em – "ti-púuu", batendo elles na coxa esquerda. Pela palavra (onomatopaica), e pelo gesto que faziam, comprehendeu Eduardo, que se referiam ao seu facão que trazia na cintura, do qual nem mais se lembrava. Este facão tinha cabo e guarnição de metal branco, que brilhava no sol, julgando por isso os indios, tratar-se de uma arma de fogo: "ti" = artigo o, e "púuu", = tiro, estampido. Tirou o facão da bainha, e segurando-o pela ponta da lamina, lhes disse: - Kôniáhama, tipúuu tom. = é um facão, não uma arma de fogo. E com isto quis, entregar-lhes o mesmo, como prova de amizade, dizendo: - Amonem, Amonem tchóro, = quero vos dar, procurando approxiamr-se dos indios.[8]

Assim começou a confraternização do Serviço de Proteção aos Índios com os botocudos. O total desconhecimento cultural destes indígenas por parte dos engajados do serviço proporcionou o acontecimento do fato inesperado descrito na citação acima. Pensou-se que os Kaingáng do Estado do Paraná poderiam ser utilizados como intérpretes para facilitar o contato com os botocudos. Como podemos perceber, estes indígenas, pertencentes a comunidades diferentes, não compartilhavam o mesmo idioma, apesar de alguns anos mais tarde ficar conhecido que os dois grupos lingüísticos se originam do mesmo tronco Jê. Eduardo Hoerhan logrou seu sucesso por ter se antecipado e se dedicado a aprender esta língua indígena

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

através do dicionário elaborado pelo Dr. Hugo Gensch. Dr. Gensch era alemão e atuava como médico na cidade de Blumenau. Em 1908 publicou uma monografia[9] que narrou sua experiência como pai adotivo de uma menina Botocudo. Esta criança foi capturada pelos caçadores de indígenas e posteriormente adotada pelo médico. Dr. Gensch incluiu em seu trabalho um pequeno dicionário botocudo-alemão ao qual Eduardo teve acesso e pôde decorar seu vocabulário, como ele mesmo explica na citação.

Passados alguns dias do primeiro contato, Eduardo não mais deixou de se aproximar dos indígenas. Ele teve a oportunidade de conviver diretamente com eles em sua comunidade pelo período de um ano e nove meses. Conseguiu depois de muito esforço convencer os botocudos a mudarem o seu acampamento para um local mais próximo do posto às margens do rio Plate.[10] Quando o contato pacífico foi estabelecido em 1914, não aconteceu imediatamente a aceitação por parte dos indígenas de conviverem com brancos e em um território determinado. A partir deste momento os botocudos limitariam o seu direito de ir e vir por toda a extensão das matas. Por um lado, perderiam em grande parte a sua liberdade, mas por outro, estariam livres de serem mortos pelos bugreiros[11] - ainda atuantes em determinadas áreas - ou até mesmo pelos colonos regionais.

Quando o Serviço de Proteção aos Índios foi criado em 1910, no âmbito de ideais nacionalistas, teve como mentor o militar positivista Cândido Mariano da Silva Rondon. Rondon possuía ascendência indígena matogrossense e estava convicto de que a única forma de salvar os povos indígenas de seu desaparecimento seria integrá-los à sociedade "civilizada". Mentalidade que deveria ser seguida por todos os chefes de postos espalhados pelas matas brasileiras. Em um primeiro momento foi preciso criar postos específicos de atração, com equipes, aos indígenas não contatados. Para atraí-los das vastas florestas do território brasileiro aos postos, foram usados gramofones que emitiam música a quilômetros de distância. Os postos de atração eram localizados em ambientes estratégicos, geralmente altos e próximos aos rios. No caso de Santa Catarina, foram construídos três, às margens dos rios Dollmann e Plate. Para o antropólogo Sílvio Coelho dos Santos, uma vez feito o contato pacífico com os botocudos, o SPI estava apenas preparado para organizar as equipes e os postos de atração. Passado este primeiro momento:

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> Até a contratação, todo mundo sabia. "Bom, faz assim, faz assado, tem estratégia, vai lá, abre uma clareira, faz uma roça, deixa presente e tal, dá sinal de amizade, bota música. Então essas coisas já estavam mais ou menos construídas. Mas depois da contatação, o que fazer? E no caso Xokleng, trata-se de um grupo nômade caçador. Quer dizer, é diferente se fosse um grupo que já tivesse uma vida sedentária, produção agrícola, o grupo tinha, digamos assim, uma base geográfica de vivência e o contato se dava de uma outra forma. No caso Xokleng não; por eles serem nômades, eles tinham uma flexibilidade muito grande de correr o território da altura quase de Curitiba até Porto Alegre. Que era o território mais ou menos tradicional deles.[12]

Através de alguns relatórios registrados pelo líder do SPI entre os anos de 1916 a 1918, pode-se perceber a extrema dificuldade de ambos os lados – Serviço de Proteção aos Índios e botocudos – em tornar os indígenas em agricultores. Foi um processo demorado, que levou mais de dez anos para atingir resultados próximos daqueles previstos pelo Governo Federal quando criou o SPI. Estes relatórios, feitos a partir dos primeiros anos de experiência da pacificação, apontam informações de todo o trabalho agrícola, reformas no posto, construções realizadas, a saúde dos funcionários, as colheitas e um capítulo especial sobre os botocudos. Nele inclui os estados sanitários dos indígenas, óbitos e principalmente dados sobre seu comportamento. Tomaremos como exemplo o ano de 1916, sendo que em janeiro está registrada uma ocorrência desagradável, mas provavelmente um tanto trivial:

> [...] tendo reinado a maxima cordialidade por parte dos indios que chegavam a convidar muito amigavelmente todo o nosso pessoal para assistir á solenidade. Só depois da retirada, dias depois de uma parte do grupo, permanecendo no Posto os outros, conhecidamente os mais intrataveis, recomeçaram as suas antigas manifestações hostis. Assim planejaram desta vez, por mais de uma vez, incendio proposital de um dos grandes galpões, por nós construídos, estabelecer uma grande confusão da qual poderia previr, de quando julgaram um descuido de defesa por nossa parte, do qual com bom exito, o utilizariam. Aparentaram elles grande pavôr e desespero, dando alarme com brados ensurdecedores cercando todos elles o galpão que estava sendo impediosamente devorado pelas chamas, exigindo que nossa turma fosse "socorrel-os", levando água para extinguir o fogo. Elles porem nada faziam n'este sentido, procurando unicamente ocultar as suas armas que todos tinham promptas ás mãos, á luz das lanternas que phantasticamente os illuminava.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> Foi por demais grosseira a toda esta farça para um conhecedor de sua psycologia como é o encarregado do Posto, e portanto absolutamente nada conseguiram, á não ser que toda a turma olhasse com a maior atenção aquelle sinistro, mas falso espetáculo.[13]

Este episódio possivelmente foi fruto de uma tentativa de chamar a atenção daqueles que estavam ocupados com as festividades acontecidas em um outro acampamento. Podemos sugerir, com a leitura deste relato, que os indígenas praticantes deste falso acidente não eram benquistos pelo resto da comunidade. Como se sabe a partir do que está escrito em um destes relatórios é que a maioria dos botocudos, após dois anos de contato com os funcionários do SPI, de certa forma aceitou a permanência destas pessoas de cultura diferente, assim como absorveram alguns de seus hábitos. Como por exemplo, esta observação sobre os indígenas menos adaptáveis: [...] *são estes que constantemente não só se limitam em procurar infringir o regime estabelecido no Posto, como também ainda procuram, por todos os meios, insubordinar os demais, já um tanto affeiçoados a nós [...]*[14]. Porém nota-se também que dentro de um grupo amistoso sempre existiram indivíduos não dispostos a aceitar esta nova realidade proposta pelo SPI e, portanto tentavam com freqüência mudar a opinião da maioria. Eduardo deixou claro, no relatório do mês de janeiro, que repreendeu os indígenas de maneira rígida, dizendo-lhes que se quisessem novos galpões eles mesmos teriam de construí-los. E adiante justificou sua atitude: [...] *pois uma mera repreensão de nada teria valido, dado a insistência dos botocudos, que d'esta maneira não teriam a mínima hesitação em pôr a cinzas todo o Posto.*[15]

Em quatro anos de contato os botocudos ainda apresentavam resistência aos trabalhos agrícolas e iam no posto apenas para pedir suprimentos necessários para a sua subsistência. Todos os trabalhos realizados no posto na maior parte do ano eram feitos pelos funcionários do SPI, a fim de garantir seu sustento e também o dos botocudos. Poucas vezes está descrita no relatório de 1918 a participação ativa nos trabalhos por parte dos indígenas. Estes só trabalhavam mediante várias promessas feitas pelo encarregado do posto, conforme podemos observar:

> Como houve neste mez sobre-carregamento de trabalho nas rocas, e vendo o Encarregado que dispondo so da turma não conseguiria por termo as colheitas em

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> tempo, principalmente à de feijao, que com mais alguns dias de chuva corria risco de perder-se inteiramente, viu-se na emergencia de recorrer ao auxilio dos indios. Sabia o Encarregado que elles não se tinham retirado dos arredores do Plate. Foi ter com os mesmos e não obstante as difficuldades, conseguio que comsigo voltassem ao Posto. Ahi fez-lhes ver claramente que se não auxiliassem as colheitas se perderiam fatalmente, o que reverteria em seu proprio prejuizo. Com habilidades e boas promessas conseguio mais o Encarregado, que os botocudos accedessem aos seus pedidos, promptificando-se a ajudar-nos no trabalho. [...] Tornou-se assim possivel fazer toda a colheita do feijao com os indios, que o bateram e limparam na roca, transportando-o logo em seguida para o Posto. Evitou-se desta forma a perda irremediavel de oitenta saccos deste cereal. Alem disto houve ainda a vantagem de harmonizar os indios pouco a pouco com o nosso pessoal, reatando assim novamente, no decorrer de algum tempo, a velha amisade.[16]

Nos meados do mês de maio os botocudos justificaram a sua ausência nos dias restantes do corrente, ao argumentarem que precisariam fazer os preparativos de sua festa anual. Novamente estariam eles distanciados dos afazeres no posto. Não hesitaram em pedir ao encarregado que lhes desse todos os mantimentos possíveis para que nada lhes faltasse no escoar de seus festejos. Um grupo de homens faria os cochos necessários para a fabricação da bebida alcoólica consumida em seus ritos, enquanto que outro se encarregaria de buscar mel e demais ingredientes para a confecção da mesma. Sobre estas reivindicações não poderíamos de deixar de registrar a insatisfação de Eduardo:

> Sendo os botocudos intransigentes no que diz respeito a esta festa, deixou o Encarregado de contrarial-os com insistencias inuteis, satisfazendo aos seus pedidos. Assim, pois, ausentaram-se os indios do Posto, não podendo ser aproveitados nos affazeres agricolas deste mez.[17]

A festa citada neste relatório era considerada a mais importante para os botocudos, pois nela aconteceria o tradicional rito de perfuração do lábio inferior dos meninos com aproximadamente três anos de idade. Traço cultural que caracterizou este grupo e deu origem ao nome utilizado neste texto. Esta celebração durava cinco dias e nela havia aqueles que cometiam excessos alimentares, ocasionando, com isso, algumas mortes. Os cochos eram utilizados para a maturação da bebida alcoólica, feita a partir de ervas, xaxim e mel. Os meninos sujeitos à perfuração de seus lábios eram

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

embriagados e sacudidos a fim de potencializar o efeito da bebida e não sofrerem muito com a dor iminente[18].

Nem sempre havia resistência dos indígenas em trabalhar nos campos agrícolas. Às vezes havia a conscientização – ao considerar que se dispuseram a viver sedentariamente – de ajudar no plantio e na colheita, assim como nos demais afazeres existentes no posto. Este relato poderá nos mostrar com maior clareza o cotidiano mensal do Posto Indígena Plate:

> [...] Conseguio o Encarregado, com relativa facilidade, a cooperacao dos indios pois que com o tempo, já se convenceram da real utilidade do cultivo do milho, que para elles hoje é a maior base de sua alimentacao. Comprehendem agora os botocudos que por falta de cuidado se diminuisse a produccao de milho no Posto, inevitavelmente passariam fome. E´ de notar que os indios botocudos, vendo a pequena planta de milho se compenetram de que esta lhes dara o alimento e, carecendo estas plantinhas de zelo para que as hervas damninhas não impecam o seu crescimento e consequentemente a producao, dispoem-se elles com certa facilidade a um esforco para cuidal-as. O mesmo já não se da com as colheitas, pois que ahi ao exemplo por nos dado supplanta o velho habito nomade de nada armazenar para o futuro. Habito este que simplifica a questao, pois entendem elles que se colhe so no momento em que se precisa.[19]

Entretanto, o trabalho do SPI em Santa Catarina continua sendo um objeto de estudo especial. No momento não temos o conhecimento da existência de algum outro chefe de posto, em nível nacional, que tenha permanecido no cargo por quarenta anos, como foi o caso do SPI catarinense. Por quarenta anos houve críticas de diversos lados, mortes, fracassos, sucessos e a ausência de atenção necessária dos governos estadual e federal para manter a mentalidade de integração pacífica do SPI. Pois, com a falta de apoio destes governos, a idéia inicial de proteção aos indígenas foi possivelmente se distorcendo com o passar dos anos. Aqueles que em um primeiro momento estavam preocupados em manter a comunidade para que esta fosse capaz de se auto-sustentar, foram aos poucos se distanciando desta mentalidade. De acordo com Sílvio dos Santos, em uma entrevista realizada no mês de julho de 1999, o Serviço de Proteção aos Índios estava apenas preparado para o primeiro momento do contato, conforme já foi escrito.[20] Passado isso, sua sobrevivência só foi possível graças aos esforços e aos improvisos realizados pelos funcionários do Posto Indígena Duque de

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Caxias. Esta realidade pode nos fazer pensar que o SPI não foi apenas uma fachada para agradar os nacionalistas e as autoridades internacionais horrorizadas pelo extermínio legalizado. O Governo Federal levou anos para perceber os feitos do SPI em Santa Catarina. Seu apoio financeiro demorou a aparecer e era sempre iminente a sua interrupção. Como pôde analisar o editor do jornal *Der Urwaldsbote* em 1923, Eugen Fouquet, ao nos deixar registrado seu parecer aos trabalhos prestados pelo SPI: *O que o Sr. Hoerhan conseguiu, não apenas beneficiou os índios, mas também aos colonos, que desde então trabalham despreocupados, vivendo em paz. Se os botocudos, que viviam em pé de guerra, não tivessem sido pacificados, a colonização do alto Itajaí não teria progredido tanto nos últimos dez anos*[21].

Porém, aproveitou o momento para denunciar a falta de ajuda financeira do governo:

> Mas agora, o serviço ao índio está enfrentando um período crítico por culpa do governo, que não lhe repassa as verbas necessárias. Há muito tempo os pagamentos estão sendo feitos de forma irregular e às vezes nem chegam, e isto está resultando numa grande desordem. Para o sustento da estação, o governo federal concedeu uma verba de cinco Contos e o governo estadual um complemento de três Contos anuais. A soma não é muito alta, considerando a desvalorização da moeda. Apenas serve para o mais urgente, como o modesto salário do dirigente da estação, os salários dos empregados, que são em média doze, o abastecimento de mantimentos, vestimentas e utensílios para os índios, que somam trezentas pessoas, e o que é necessário para a conservação do empreendimento[22].

O SPI nunca possuiu a ajuda necessária para atender os pedidos requisitados e isso gerava revolta entre os indígenas, os quais ameaçavam, com freqüência, matar todos os funcionários do posto. O pensamento dos líderes do Serviço de Proteção aos Índios era integrá-los à sociedade, então foi preciso adaptá-los à vida sedentária. Sedentarismo exige ao menos a prática da agricultura, e conforme os relatórios, foi muito difícil convencer os indígenas a se adaptarem ao novo meio de vida. Raramente encontra-se nos relatos registrados, principalmente entre os anos de 1916 a 1918, a colaboração completa nas atividades diárias do posto. Os indígenas sempre encontravam algum motivo para não fazer as solicitações. Se não estavam disponíveis a auxiliar na colheita de milho, argumentavam que precisavam coletar pinhões; quando não queriam ajudar nas construções necessárias,

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

diziam que era a época de realizar os preparativos para algum evento ritual. Não era de se estranhar tal comportamento, pois há milhares de anos eles viveram praticamente imutáveis na sua forma de conviver com a natureza. As poucas mudanças que ocorreram em sua cultura durante este período foram, de acordo com estudos arqueológicos, decorrentes de adaptações climáticas e não por imposição de uma outra cultura, como aconteceu no início do século passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E DOCUMENTOS

- FOUQUET, Eugen. A decadência da prestação do serviço ao Índio em Blumenau. Publicado originalmente no jornal *Der Urwaldsbote* 28/7/1923. In: Blumenau em Cadernos. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau. Trad. Annemarie Fouquet Schünke. 1999.

- GENSCH, Hugo. *Die Erziehung eines Indianerkindes – Praktischer Beitrag zur Lösung der südamericanischen Indianerfrage*. Berlin. 1908.

- GOMES, Manoel. Memória Barriga-Verde. Florianópolis: Lunardelli, 1990.

- HOERHANN, Eduardo. Carta a Luiz Bueno da Horta Barboza. Paginação irregular. 1921.

- HOERHANN, Eduardo. Relatórios do Serviço de Proteção aos Índios. 1916 e 1918.

- SANTOS, Sílvio C. dos. Os índios Xokleng – Memória Visual. Florianópolis: ed. UFSC e Itajaí: ed. UNIVALI. 1997.

- SANTOS, Sílvio C. A Integração do Índio na Sociedade Regional. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 1969.

ENTREVISTAS

- HOERHAN, Edmar. Entrevista concedida a Eliana de Mendonça; 1980.

- SANTOS, Silvio C. dos. Entrevista concedida a Rafael C. L. S. Hoerhann, 1999.

OBS: Ambas entrevistas podem ser encontradas no Laboratório de História Oral da Universidade Federal de Santa Catarina.

[2] SANTOS, Sílvio C. dos. Os índios Xokleng – Memória Visual. Florianópolis: ed. UFSC e Itajaí: ed. UNIVALI. 1997. Informação descrita no marcador da capa deste livro.

[3] GOMES, Manoel. Memória Barriga-Verde. Florianópolis: Lunardelli, 1990, p.68.

[4] Entendemos como fricção interétnica o contato direto de duas culturas distintas.

[5] SANTOS, Sílvio C. A Integração do Índio na Sociedade Regional. Florianópolis: Imprensa da UFSC, 1969.p.17.

[6] idem.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

[7] "Eram palavras do vocabulario do Dr. Gensch, colligidos por elle, e que Eduardo tinha estudado inteiramente de cór, formando com estes vocábulos, pequenas phrases, em lingua dos indios botocudos." Nota de Eduardo Hoerhan presente no fim do texto.

[8] HOERHAN, Eduardo. Carta a Luiz Bueno da Horta Barboza. Paginação irregular. 1921.

[9] GENSCH, Hugo. *Die Erziehung eines Indianerkindes – Praktischer Beitrag zur Lösung der südamericanischen Indianerfrage.* Berlin. 1908.

[10] HOERHAN, Edmar. Entrevista concedida a Eliana de Mendonça. 1980.p.12. Edmar de Lima e Silva Hoerhan, antropólogo e historiador formado pela Universidade de Brasília, é filho mais novo de Eduardo Hoerhan.

[11] Grupos de batedores do mato, geralmente aparentados entre si; eram contratados pelas companhias colonizadoras e o governo regional a fim de resolver este problema, matando os indígenas.

[12] SANTOS, Silvio C. dos. Entrevista realizada em 23 de julho de 1999 por Rafael Hoerhann. Encontra-se no Laboratório de História Oral da UFSC.

[13] HOERHAN, Eduardo. Relatório do Serviço de Proteção aos Índios. Mês de janeiro, 1916.

[14] Idem. mês de abril, 1916.

[15] Ibidem. Mês de janeiro, 1916.

[16] HOERHAN, Eduardo. Relatório do Serviço de Proteção aos Índios. Mês de março, 1918.

[17] Idem. Mês de maio, 1918.

[18] HOERHAN, Eduardo. Carta...Documento citado.

[19] HOERHAN, Eduardo. Relatório citado. Mês de agosto.1918.

[20] SANTOS, Sílvio C. dos. Entrevista citada.

[21] FOUQUET, Eugen. A decadência da prestação do serviço ao Índio em Blumenau. Publicado originalmente no jornal *Der Urwaldsbote* 28/7/1923. In: Blumenau em Cadernos. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau. Trad. Annemarie Fouquet Schünke. 1999, p.9.

[22] idem.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O debate acerca do espiritismo na imprensa de Blumenau em 1952

Luiz Cláudio Altenburg[1]

Artigos

No presente artigo, queremos trabalhar com os escritos de Boaventura Kloppenburg, bispo da Ordem dos Franciscanos Menores (O.F.M) que, nas décadas de cinqüenta e sessenta, esteve à frente de uma campanha contra as religiões mediúnicas.

Iremos utilizar alguns dos seus artigos que foram publicados em Blumenau. Mais precisamente do ano de 1952, com o jornal "A Nação".

Nesse trabalho, em particular, iremos analisar os artigos de Kloppenburg sobre o espiritismo de Allan Kardec.

Um ano antes, em 1951, era criada a CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Frei Boaventura ingressou na tarefa de escrever sobre as religiões mediúnicas, numa forma de esclarecimento aos fiéis católicos.

Mas até que ponto esses artigos influenciaram os católicos e espíritas? Aqui em nossa cidade, os Franciscanos, através da pessoa do Frei João Binder, publicavam os artigos de Boaventura

[1] Bacharel e licenciado em História pela FURB. Este artigo é um capítulo modificado do trabalho de conclusão de curso, intitulado "Lobos em pele de cordeiro: o discurso católico sobre espiritismo na imprensa blumenauense de 1952".

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

na coluna católica do jornal "A Nação".

Com a continuada aparição dos referidos artigos no jornal, surgiu um pouco depois a coluna espírita. Essa segunda coluna, com artigos em sua maioria da escritora catarinense Castorina Lobo de São Thiago, também passou a ser publicada regularmente e, em pouco tempo, as colunas católica e espírita estavam "conversando entre si".

Quais os argumentos que os católicos utilizaram para falar sobre a doutrina espírita? Quais os assuntos que eles mais criticavam dentro do espiritismo? Poderiam estes ter influenciado os espíritas a escrever? Como eram os artigos espíritas?

* * *

Frei Boaventura, ao escrever os seus artigos sobre a doutrina espírita, estudou e fundamentou-se para a sua tarefa. Mas a sua preparação esteve baseada nas obras básicas da doutrina espírita, ou a codificação, como podemos conferir na introdução[2] da obra *Espiritismo – Orientação para católicos*, escrita na década de oitenta.

Em vários dos seus trabalhos, cita algumas das obras básicas, como o Livro dos Espíritos, o Livro dos Médiuns, O que é o Espiritismo e Obras Póstumas. Nesses livros estão contidas as idéias principais do espiritismo. A codificação representa o trabalho de compilação e estudo de Allan Kardec. O nosso referido Frei, então, ao preparar-se para combater o espiritismo, procurou, nas obras mais importantes para se conhecer a doutrina, subsídios para criticá-la.

Curioso notar que, mediante estudo de algumas obras de Kardec, podemos encontrar relatos de que ele mesmo era criticado por padres já no seu tempo. Ao responder para os seus perseguidores, o codificador do espiritismo sempre dizia que para se criticar algo é necessário conhecê-lo a fundo, estudando as suas obras principais, analisar detidamente, para só então traçar uma crítica. Foi o que o Padre Boaventura fez, passados quase cem anos da publicação do primeiro livro da codificação, "O Livro dos Espíritos".

Em seus artigos, escritos com bastante erudição, Kloppenburg fornece ao fiel católico ou simpatizante, informações necessárias para se conhecer o espiritismo.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Por exemplo, quem foi Allan Kardec? Ele responde:

> A religião espírita tem também um fundador. Seu nome é Leão Hipólito Rivail. É francês. Nasceu em Lião no ano de 1804. Morreu em 1869. É mais conhecido como Allan Kardec. (...) Foi em 1854, quando ouviu falar sobre as mesas giratórias, que despontaram nele as primeiras idéias espíritas. Em 25 de março de 1856, teria descido sobre ele o espírito de verdade, o Consolador, prometido por Jesus Cristo. Foi então que ele teria recebido a missão de "abalar e transformar o mundo inteiro" (veja Obras Póstumas de Allan Kardec, 10ª ed, p. 244-255).[3]

Mais adiante, no mesmo artigo, aparecem novas informações sobre o espiritismo.

> (...) O dia 18 de abril de 1857 é considerado como a data de fundação do espiritismo, porque nesse dia saiu a primeira edição do " O Livro dos Espíritos", a primeira obra espírita de Allan Kardec. Outros livros mais coroam a grande, tenaz e paciente atividade do Pai do espiritismo.
>
> Em 1859: "O que é o espiritismo"; em 1861: "O Livro dos Médiuns"; em 1864: "O Evangelho segundo o espiritismo"; em 1865: "O céu e o inferno"; em 1868: "A Gênese"; e, afinal em 1890, apareceram as suas "Obras Póstumas". São as obras clássicas do espiritismo. Todas elas foram traduzidas para o português e estão espalhadas pelo Brasil afora. É delas que me servirei para ir expondo a doutrina espírita.[4]

Num outro trabalho, Boaventura escreve sobre Jesus, redenção, purgatório, pecado original, estabelecendo o que significa cada um desses itens para os católicos e para os espíritas. Talvez no intuito de mostrar uma possível incoerência na doutrina espírita, esse artigo, em especial, fornece ao leitor católico uma compreensão do que os espíritas entendem por esses temas.

> Quando nós falamos do Divino Jesus ou "Messias Divino", entendemos que Cristo é verdadeiramente Deus, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade – para os espíritas, o "Messias Divino" não passa de simples "enviado de Deus", com extraordinários dons mediúnicos, negando eles de pé junto a Divindade de Cristo: há nisso sem dúvida uma enorme diferença de doutrina, com conseqüências práticas de imprevisível alcance."
>
> (...) Quando nós falamos em purgatório, entendemos um estado intermediário e

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> temporal entre o céu e o inferno, no qual as almas dos justos, que ainda não fizeram a sua expiação plena, são purificadas, antes de entrar definitivamente para o céu – para os espíritas, "purgatório" é essa nova vida que levamos aqui sobre a terra.
>
> (...) Quando falamos em "anjo", entendemos um espírito puro criado por Deus e que após determinada provação, recebeu o prêmio do céu – para os espíritas o "anjo" é uma alma humana purificada pelo processo das reencarnações.[5]

Sem o perceber, Boaventura, no afã de alertar os católicos contra o estratagema propagandístico do espiritismo, permitiu que os mesmos tivessem uma idéia do pensamento da doutrina de Kardec. Pois ao comparar os pontos doutrinários sob o ponto de vista católico e espírita, o padre estava também ensinando espiritismo. E, embora o caráter muitas vezes taxativo que Kloppenburg sugeria aos espíritas, analisando mais de perto os seus trabalhos, poderemos ver o cuidado que ele tinha em explicar corretamente o que a doutrina católica dizia de tal assunto e o que os espíritas acreditavam sobre o mesmo.

Sem nos esquecermos de que o intuito dele era o de prevenir os católicos, os seus escritos contra o espiritismo se tornaram uma propaganda em favor dos espíritas. Embora se refira ao espiritismo como uma heresia e aos seus adeptos como lobos em pele de cordeiro, ao entrar nos pontos doutrinários da doutrina que combatia, Boaventura não escreveu mentiras. Como já foi dito, ele estava fundamentado nas obras principais. Poderia ter deturpado o espiritismo, mas não o fez. Escreveu sobre a doutrina de acordo com as obras de Kardec.

Em outros artigos publicados no jornal "A Nação", entre os dias 19 e 28 de junho de 1952, o referido padre escreve um longo trabalho intitulado "Catálogo das heresias espíritas", no qual cita quarenta artigos de fé católicos que têm um significado diferente para o espiritismo. Ora, para alguém que tivesse curiosidade em saber o que os espíritas pensavam sobre determinado dogma católico, que melhor forma de saciar o seu interesse, do que através dessa série de artigos?

Vejamos alguns deles.

> 1) O católico sabe que o homem tem uma inteligência limitada e que Deus é infinitamente sábio, podendo por conseguinte comunicar-nos verdades que a nossa capacidade racional não consegue atingir: o católico admite a possibilidade do

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mistério; o espírita proclama que absolutamente não há mistérios e que é necessário que a inteligência humana possa sondar todos os dogmas, todas as revelações divinas que a nossa razão possa tudo analisar, tudo elucidar antes de nada aceitar.

(...)

8) O católico crê que em Deus há Três pessoas iguais e realmente distintas: O Pai, o Filho e o Espírito Santo; o espírita ou silencia ou simplesmente nega o mistério da Santíssima Trindade;

(...)

16) O católico crê que Deus criou seres espirituais mais perfeitos que as almas humanas, chamados anjos; o espírita nega a existência desses seres espirituais e dogmatiza que todos os espíritos eram almas humanas;

(...)

17) O católico crê que uma parte dos anjos (ou demônios) se revoltou contra Deus, sendo punidos com a expulsão do céu e a condenação ao inferno; o espírita teima em negar a existência dos demônios;

(...)

19) O católico crê que o homem é uma criatura racional, essencialmente composta de alma e corpo; o espírita nega essa união substancial entre alma e corpo, acrescenta-lhe um terceiro elemento, que ele chama de perispírito, e declara que a vida normal da alma é a separada do corpo;

(...)

23) O católico crê que os descendentes de Adão e Eva nascem todos eles (excetuada apenas Maria Santíssima) com o pecado original; o espírita propala que esse pecado original seriam os pecados cometidos em encarnações anteriores;

(...)

29) O católico crê na ressurreição da carne, isto é, que no fim do mundo o corpo e a alma voltarão a unir-se e ficarão juntos por toda a eternidade; o espírita nega essa ressurreição final;

(...)

33) O católico crê na liberdade, misericórdia e bondade de Deus; o espírita decreta que Deus não pode criar dois espíritos dissemelhantes; não pode conferir privilégios nem favores que não sejam o prêmio do mérito; segundo ele, tudo é pesado na

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> balança da justiça rigorosa;
>
> (...)
>
> 35) O católico crê que Jesus Cristo instituiu sete sacramentos, sinais sensíveis e eficazes da graça, para santificar as nossas almas e ajudar-nos na luta pela perfeição cristã; o espírita dogmatiza que a crença na eficácia desses sinais externos é nula e que Cristo nada instituiu;
>
> (...)
>
> 39) O católico crê que a confissão é um sacramento instituído por Cristo para perdoar os pecados cometidos depois do batismo; o espírita dogmatiza que Deus não perdoa pecados, mas que cada um precisa refazer o mal por meio de novas encarnações;[6]

Do ponto de vista da doutrina católica, estes itens estão corretos. Do ponto de vista da doutrina espírita, estão igualmente certos. Então onde está a crítica? Poderíamos chamar mais acertadamente um esclarecimento, do que um ataque contra o espiritismo.

O mesmo aconteceu com a coluna espírita. Intitulados "Por que sou espírita", os escritos de Castorina, aproveitando a oportunidade que o jornal dispensou para os espíritas, continham explicações sobre a mediunidade, a reencarnação, o pensamento de Jesus, entre outros assuntos.

Assim se posiciona a autora sobre o intercâmbio entre os vivos e os espíritos.

> (...) Jesus confabulou com os chamados mortos, como já tive ocasião de provar com o auxílio do Evangelho. Portanto, o espiritismo é uma doutrina essencialmente cristã. As proibições de intercâmbio entre encarnados e desencarnados, anteriores ao Cristo de Deus, caducaram, como caducou o "olho por olho, dente por dente". A explorada proibição da lei mosaica não teve outra finalidade que a de evitar abusos, invocando espíritos, com fins inconfessáveis e criminosos, como se fazia então.
>
> Os mentores do espiritismo desaconselham e condenam expressamente a invocação de espíritos, para que sejam evitadas as mistificações. Só nas macumbas, impropriamente consideradas de baixo espiritismo, se pratica a invocação de espíritos.[7]

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Na coluna espírita, igualmente não aparecem meias palavras sobre a doutrina. Já que o espaço estava aberto para a manifestação de seus adeptos, a autora e outros espíritas que escreveram na coluna, procuravam esmiuçar conteúdos do espiritismo que estavam sendo criticados pela coluna católica. Não houve receio por parte dos autores dessa religião em nossa cidade. Percebemos que nas colunas espíritas analisadas, todos os principais apostolados do espiritismo são explicados e muitas das idéias que as pessoas tinham sobre a doutrina foram desmistificadas.

No final desse artigo, Castorina escreveu uma poesia espírita para os seus leitores. Nessa, por exemplo, a autora fala um pouco da vida dela e da segurança que a doutrina lhe traz.

Eu sou feliz e nada mais desejo
Além daquilo que alcancei na vida
Por vezes, tropecei perdendo o ensejo
Dos louros conquistar nesta subida

São coisas que acontecem a toda gente
Ao galgar os degraus duma alta escada
E ninguém, por mais forte e sapiente,
Realiza, sem tropeço, uma escalada

Mas, sou feliz por ter vivido, assim,
Sem fausto e sem vitória retumbante:
Como flor, muito humilde, em seu jardim

Sou feliz com a esperança de alcançar
Nesses mundos etéreos cintilantes,
Da longa caminhada descansar.[8]

Fatos curiosos aconteciam naqueles meses de 1952. Ao se abrir um exemplar do jornal "A Nação" ou "Cidade de Blumenau", o leitor encontraria, primeiramente, a coluna espírita, com os seus comentários sobre o espiritismo, escritos de forma apaixonada por Castorina Lobo. E na última página, quem continuasse a ler ia se deparar com os escritos de Boaventura Kloppenburg, também escrevendo apaixonadamente sobre a religião que combatia.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Continuando a análise dos escritos da autora, ela assim escreve em outra coluna espírita intitulada "Por que sou espírita".

> Porque o Espiritismo é uma concepção profundamente filosófica, que vem se impondo pelos seus princípios de elevada moral. Ele não precisa de propaganda, nem de iludir para angariar adeptos. Só interessam à Nova Revelação os que cultuam a humildade e a tolerância, exemplificadas pelo Cristo. Esses vêm espontaneamente ao encontro do espiritismo, que conservou até hoje os ensinamentos do Divino Messias, na sua simplicidade e pureza. São canteiros preparados através de sucessivas etapas terrenas, e preferidos pelo Divino Agricultor para a sementeira do Bem.[9]

Pelas mãos de Castorina, a mediunidade ganha uma nova visão[10]. Deixa de ser apenas um livre canal de expressão dos demônios que conduziam para a apostasia, como vinha mostrando a coluna católica até então, para, de acordo com os apostolados espíritas, tornar-se uma maneira de adquirir mais confiança em Deus e ter uma fé maior. São os dois lados da moeda.

Assim escreve a escritora sobre o intercâmbio mediúnico.

> (...) Hoje, vivo confiante e satisfeita com a certeza do meu destino e com a esperança confortadora de rever os meus caros, que me precederam na vida espiritual.
>
> E como adquiri essa convicção?
>
> Pela manifestação dos que voltam para dizer-nos que não morreram, mas simplesmente, deixaram a veste grosseira da carne para viver a verdadeira vida do espírito, que é eterno.
>
> A lagarta, que se arrastava no pó da Terra, fez a sua metamorfose e agora, qual borboleta irrequieta, pode cindir o azul do firmamento nas manhãs esplendentes de sol.
>
> (...) Eu, na fé da verdade, apesar de professar o espiritismo há 40 anos, nunca vi um espírito, porque não possuo a graça de vidência espiritual e nunca tive a oportunidade de assistir a uma sessão de materialização. Mas, acredito nas experiências e no testemunho de sábios como Allan Kardec, Wallace, Flamarion e respeitados pela sua idoneidade moral. Esses sábios, depois de experiências rigorosamente controladas, vieram dizer ao mundo que a fenomenologia espírita era uma realidade incontestável.[11]

Castorina, longe de criticar os católicos, lançou-se numa campa-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

nha de esclarecimento doutrinário. Sua linguagem remete o leitor a uma atmosfera confortante, pois a autora queria mesmo passar a imagem da doutrina espírita como sendo consoladora. Não é à-toa que o espiritismo é conhecido por seus adeptos como o Consolador Prometido, do qual falou Jesus.

Da mesma forma que Boaventura Kloppenburg tinha todo o cuidado ao atacar a mediunidade e a reencarnação[12], procurando dar a elas uma aparência inconcebível com a fé católica, Castorina, trinta anos mais velha que o frei, procurou dar o aporte científico para a mediunidade, assim como as materializações, e também procurou, através dos conhecimentos consoladores do espiritismo, mostrar que a mediunidade nada tinha de sobrenatural.

Qual o resultado disso tudo? Estudos doutrinários de grande valor, a religião espírita estar ganhando espaço nos jornais da cidade e um maior esclarecimento por parte do espiritismo.

No mês de agosto de 1952, o Centro Espírita Fé Amor e Caridade, que já existia desde 1934 e que era o centro mais antigo de Blumenau, inaugurou a sua sede própria na Rua Joaçaba, transversal da Rua São Paulo e que é próximo da praça Fritz Müller. Aproveitando a visibilidade dos jornais, Castorina divulgou essas informações, num primeiro momento, fazendo um convite para a comunidade comparecer ao encontro festivo[13]. Depois, fazendo uso da coluna espírita, escreveu um artigo falando de como as festividades aconteceram, dos representantes espíritas de diversas cidades catarinenses que estiveram presentes, e da alegria e emoção que rodeavam a todos.[14]

Pelo que observamos nos artigos reunidos, pelo menos na cidade de Blumenau, durante o ano de 1952, o combate empreendido por Frei Boaventura contra o espiritismo teve uma repercussão, mas não talvez como ele imaginasse. O espiritismo, longe de ser encarado como uma heresia ou uma religião nociva, passou a ser encarado como mais uma religião, cujos preceitos atraíam seguidores a cada ano.

Embora Castorina, a representante espírita no duelo de colunas religiosas, tenha tecido algumas críticas contra o catolicismo, a sua mensagem, que procurou passar, era de um teor conciliador. Ao invés de escrever criticando essa ou aquela religião, o espaço foi aproveitado para falar sobre a tolerância entre elas e dos ensinamentos de Jesus, que os espíritas tam-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

bém aceitam e reconhecem a sua contribuição.

A esse respeito, assim se expressa a escritora.

> A doutrina espírita tem por norma a máxima tolerância. Jamais se inculcou detentora da verdade e o único caminho que conduz à salvação. Pelo contrário, ela proclama que todas as religiões, alicerçadas na crença em um Deus onipotente e criador do universo infinito, podem levar as criaturas à conquista da felicidade eterna, quando praticadas com sinceridade.
>
> Não é, a religião que professamos, o passaporte para o reino da paz e da felicidade.
>
> O que nos eleva para Deus é o sentimento do bem e dos nossos semelhantes. O amor é a alavanca poderosa que rege o universo. Deus é amor e depôs no coração de cada uma das suas criaturas, uma pequenina centelha desse grande e divino sentimento, para que se atraiam umas para as outras e se congreguem na apoteose sublime da redenção.
>
> Todas as religiões têm um fundo moral e elevado e cada uma delas possui o roteiro da longa jornada do progresso.[15]

Castorina e outros representantes procuraram refletir sobre assuntos que a Igreja Católica colocou como verdades inquestionáveis e artigos de fé únicos da sua crença. Como no caso de um outro artigo seu, ao escrever que os milagres não passam de fatos naturais, produzidos através da mediunidade e com o auxílio da fé[16].

O espiritismo é uma doutrina filosófico-religiosa-científica e não se filia a nenhuma ideologia política, escreveu nossa autora espírita no dia 24 de agosto.

Num outro estudo, ela escreveu um poema intitulado "Ser Espírita".

> Ser espírita – é ser clemente
> É ter o coração de crente
> É guardar bem na memória
> Os bons conselhos e a glória
> De Jesus de Nazaré.
> É perdoar a injúria
> De quem já não tem o pão.
> É se tornar complacente
> Para se o inimigo insolente,
> Tendo por lema – o perdão.[17]

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Por tudo isso, a autora, quebrando a idéia que se tinha de uma religião se arvorar no direito de explicar todas as outras, como a Católica vinha fazendo, tratou de dar legitimidade ao espiritismo, mostrando que essa era uma religião muito diferente daquela pintada por Boaventura Kloppenburg.

O nosso frei franciscano estava apenas começando. Nascido em 1919, ele usou toda a década de 50 e metade dos anos da década de 60 para escrever artigos e palestras sobre o espiritismo, a umbanda e o candomblé.

Em Blumenau, não houve nenhum caso de proibição da crença espírita. O que acontecia era que os espíritas não tinham a infra-estrutura dos católicos. Geralmente as pessoas tomavam conhecimento do centro espírita através do famoso "boca a boca". No final da década de quarenta, outro centro foi organizado, o Centro Espírita Fé Cristo e Caridade e, juntamente com o Fé Amor e Caridade, permaneceram até a década de noventa como os dois únicos centros espíritas de Blumenau.

Mas em nenhum momento, até onde se tem notícia, esses centros religiosos fecharam as suas portas por falta de participantes. Sempre houve espíritas militantes, preocupados com a divulgação doutrinária.

No que já vínhamos falando até então, das críticas da coluna católica como propaganda positiva ao espiritismo de Kardec, podemos até lançar a hipótese de que mais pessoas se interessaram sobre a doutrina depois dos artigos católicos.

O Centro Espírita Fé Amor e Caridade está localizado hoje na Rua Maranguape, nª 199. No ano de 2004, esse centro completa 70 anos de trabalhos.

Castorina Lobo de São Thiago faleceu em 1974, no ano em que completaria 90 anos, em Blumenau.

Pelas últimas informações que recolhemos sobre Frei Boaventura, ele reside atualmente em Novo Hamburgo, no Estado do Rio Grande do Sul, aposentado dos serviços religiosos, com a idade de 84 anos. Ele, até a década de noventa, esteve atuante dentro da Igreja Católica, escrevendo livros e exercendo as funções de bispo franciscano.

Encerramos esse trabalho com um trecho de um artigo do padre

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Boaventura, quando escreveu sobre uma das táticas do espiritismo.

> É outra tática muito usada pelos espíritas para produzir e aumentar a confusão religiosa na cabeça do nosso bom mas ignorante povo: propagar que todas as religiões são boas; que todas elas levam, por diversos caminhos, para o mesmo fim; que a vida do homem não depende daquilo que ele crê, mas daquilo que ele pratica; que basta exercer a caridade e não praticar o mal e por aí afora. É o que se chama de liberalismo religioso. É a conseqüência lógica daquele outro princípio, freqüentemente inculcado pelo Mestre Kardec, de que o homem tem um direito absoluto e ilimitado não apenas à liberdade de consciência, mas ainda ao livre exame em matéria de fé.[18]

NOTAS DE FIM

[2] KLOPPENBURG, Boaventura. Espiritismo: orientação para católicos. São Paulo: Edições Loyola, 1986. p. 12.

[3] Coluna católica do dia 17 de junho de 1952. "A Nação" – Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva".

[4] Na mesma coluna.

[5] *Palavras cristãs – idéias espíritas*. Coluna católica do dia 6 de agosto de 1952. AHJFS.

[6] Extraído de diversas colunas católicas publicadas entre os dias 19 e 28 de junho de 1952. Jornal "A Nação" – AHJFS.

[7] Coluna espírita do dia 15 de agosto de 1952. Jornal "A Nação" – AHJFS.

[8] Idem.

[9] Coluna espírita do dia 19 de agosto de 1952. Jornal "A Nação" – AHJFS.

[10] Para a doutrina espírita, os mortos ou espíritos desencarnados podem se comunicar, através de um médium que é uma pessoa viva, ou encarnada. As comunicações podem se dar das mais diversas formas, destacando aqui a psicografia (mensagens escritas) e a psicofonia (mensagens orais). Para mais informações sobre a mediunidade dentro do espiritismo, consultar a obra de Kardec O Livro dos Médiuns. Tradução de Guillon Ribeiro – 71° edição – Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2003.

[11] Coluna espírita do dia 20 de agosto de 1952. Jornal "A Nação" – AHJFS.

[12] A reencarnação dentro do espiritismo é o retorno dos espíritos num novo corpo físico. Segundo os espíritas, não seria possível aprender todos os conhecimentos e vencer todas as imperfeições em apenas uma existência. Por isso a necessidade da reencarnação. Encontram-se melhores e maiores explicações sobre o assunto numa das obras de Allan Kardec, O Livro dos Espíritos. Tradução de Guillon Ribeiro – 83° edição – Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.

[13] Coluna espírita do dia 23 de julho de 1952. Jornal "A Nação" – AHJFS.

[14] Coluna espírita do dia 6 de agosto de 1952. Jornal "A Nação" – AHJFS.

[15] Coluna espírita do dia 22 de agosto de 1952. Jornal "A Nação" – AHJFS.

[16] Coluna espírita do dia 23 de agosto de 1952. Jornal "A Nação" – AHJFS.

[17] Coluna espírita do dia 26 de agosto de 1952. Jornal "A Nação" – AHJFS.

[18] Coluna católica do dia 31 de agosto de 1952. Jornal "A Nação" – AHJFS.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O Crucifixo

Alfredo Scottini[1]

Memórias

Rodeio é um município de colonização italiana. Está situado no Vale do Rio Itajaí, a uns 40 km de Blumenau. Por volta de 1875, chegaram as primeiras levas de imigrantes itálicos, vindos de Trento e alguns do Vêneto. Vinham de uma região muito montanhosa e gostaram das montanhas que viram por aqui. Ganhavam uma colônia, um lote, com 200m de frente e com 1000m de fundo, ou seja, duzentos mil metros quadrados. A estrada geral fazia a divisa da frente dos terrenos. Quando algum vale corria contra as montanhas, entrava uma estradinha, dividindo os lotes. Esses caminhos eram chamados de Paes, ou usando o termo germânico de tifa.

Na parte final do Vale de São Pedro Velho foi construída uma capela, local de reuniões e rezas, pois a fé que não fosse natural, era imposta pelos padres. O domingo era sagrado e todos deviam ir à missa, caso não quisessem ir para o inferno, se morressem naqueles dias. A religiosidade era muito forte em muitas famílias, sobretudo, onde a mulher dirigia as orações. Orava-se sempre antes

1

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

das refeições e, à noite, antes de ir para a cama, era obrigatório rezar o terço. Os homens eram um pouco avessos a muitas rezas, mas as mulheres rezavam muito e obrigavam os filhos a fazerem o mesmo. Não seria por pouca reza que alguém iria sentir o fogo do inferno. Era raro o sermão dominical que não aludisse aos terrores dos fogos infernais. E o pecado estava em toda parte. Tudo era pecado. Tudo levava ao inferno. Portanto, o jeito era rezar sempre.

Lá, bem no fundo dos anos, havia um senhor de nome Giovanni, tio de minha avó, que rezava, mas nem tanto. Rezava, contudo, queria que Deus lhe desse as bênçãos e logo. Não aceitava que devesse ficar rezando e Deus nada fizesse. Era pensamento dele que Deus devia mostrar o quanto ama os filhos e os socorresse sempre que necessário. Ele plantava milho, batatas-doces, aipim, fumo, abóboras, inhame, taiá, arroz, café sombreado, árvores frutíferas e verduras. O clima, porém, por vezes, era ingrato. Na época, houve uma estiagem muito forte. A água dos riachos diminuía dia a dia. Não se via nenhuma nuvem de chuva, nem o orvalho da noite para regar as plantações. Tudo era seca e mais seca. Fizeram procissões. Fizeram promessas. Rezavam dois terços por dia e Deus não lhes ouvia as preces. A seca estava matando todas as plantas e, naquele ano, por certo, faltaria comida. Faltaria polenta, faltaria arroz, faltariam as batatas e tudo o mais. Todos temiam a fome, pois a conheciam da Itália e da viagem para chegar ao Brasil. Suportavam qualquer coisa, mas sentiam um medo muito grande de enfrentar a calamidade da fome. O padre havia sugerido que se fizessem as rogações. Eram três dias de procissões, nas quais se rezava em Latim, pedindo a atenção de Deus. Todas as três manhãs, cedo, cinco horas da madrugada, eram feitas as rezas. Suplicava-se a Deus com intensidade e abjurava-se o demônio e seus poderes nefastos. Essas rogações vinham da Idade Média, mas eram o grande remédio para males maiores. Pois, também foram feitas. No entanto, nada aconteceu. A seca continuou e até se intensificou. Parecia que Deus havia abandonado o povo bom e devoto da localidade.

Um dia, desesperado, Giovanni olhou para o crucifixo, o qual estava em todas as salas das casas dos imigrantes italianos e lhe disse: "E tu,

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

o que fazes ali parado, preso nessa cruz? Afinal, és nosso salvador, ou estás apenas a rir de nossa desgraça? Vamos, fala, cramenta!"

Como o crucifixo não se manifestasse, arrancou-o da parede e o jogou ao solo. Furioso, colocou-lhe os pés em cima, dizendo: "Vamos, cramentona, aprende. Tu achas que não precisas fazer nada e que nós somos os teus palhaços e ainda rezamos para ti". Arrastou a peça religiosa pela casa e, volta e meia, dava uma pisada. A madeira resistiu bem, mas o metal ficou torto. Para finalizar, atirou o objeto para o canto da sala e o deixou lá. Estava exausto e revoltadíssimo. Em seguida, o jeito foi pegar o garrafão de pinga e tomar algumas doses para acalmar os nervos. Ele tremia todo e a esposa e os filhos choravam sem parar. Incomodado com o choro, foi para o mato, a fim de acalmar-se.

A esposa, apavorada, pegou o crucifixo com muito cuidado. Limpou a sujeira e procurou ajeitar as dobraduras. Rezando com os filhos, repôs a imagem no local de sempre. Depois, ajoelhou-se ante o Cristo Crucificado e rezou pela salvação do marido. Com tal pecado, ele estaria, sem dúvida, no fogo do inferno. Era um tipo de pecado para o qual não existia perdão. Pobre Giovanni, devia estar ficando louco. Em seguida, fez o almoço.

A notícia do pecado do Giovanni, logo, correu de boca em boca. Todos esperavam o momento no qual um raio viria exterminá-lo, com satanás pronto, de garfo em punho, a fim de levá-lo para as profundezas do inferno. O menos preocupado era ele. Afinal, a sua preocupação era a comida, o alimento para a família. Todavia, como por encanto, choveu bastante e as lavouras ficaram verdes. A colheita prometia ser farta. Lá no fundo, Giovanni pensava que valera a pena a surra que dera no crucificado. Parecia que a normalidade voltara àquela casa.

À noite, era feita uma polenta muito grande, pois as bocas eram muitas e famintas. O tacho, o parolo, cheio de água com sal, fervia. Ali a esposa começou a pôr fubá, fazendo o sinal da cruz, em cima da farinha, com a mescola (pá de madeira para mexer a polenta). Em seguida, durante uns 45 minutos foi mexendo, virando e revirando a massa. No fundo do tacho, aos poucos se iam formando as crostas douradas. Logo o odor se

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

espalhou pela casa toda. A fome aumentou em todos. Havia crianças se babando de vontade de comer. Todos estavam com muita fome. Seria polenta com leite, ou queijo. Não havia nenhuma comida melhor do que aquela. Após um grande trabalho na colheita do milho, Giovanni havia chegado da roça com os filhos maiores, entre 10 e 13 anos. Passaram uma água nos pés, nas mãos e no rosto. Naqueles tempos, exceto devido à chuva, o banho só era tomado aos sábados, se não fosse muito frio. A polenta era cortada com uma linha, presa a uma das extremidades da madeira (tabiel), sobre a qual era jogada. Ele pegou da linha e cortou a polenta. Ficou estático. Escorria sangue como se dera uma facada no coração de algum porco que estava a matar. Ele viu o sangue. Chamou a mulher. Esta ficou pálida, desmaiou. As crianças nada viam e comiam com muito apetite. No dia seguinte foram ter com um homem considerado santo. Este lhes explicou que era o castigo pelo sacrilégio que Giovanni cometera, ofendendo a Jesus Cristo. Devia confessar-se e pedir perdão a Deus. As crianças eram inocentes e não seriam prejudicadas com a visão do sangue. Giovanni chorou e pediu perdão a Deus. Fez um jejum de três dias. Assim que o padre chegou ao local, confessou-se e recebeu uma longa penitência, para expiar o grande pecado. Devia jejuar uma vez por semana, isto é, ficar um dia inteiro sem comer, durante um ano.

Nunca mais cortou a polenta. Esta era a tarefa das crianças, as quais estavam livres do tremendo castigo. Converteu-se, de certa maneira. Todavia, sempre que bebia algumas pingas, blasfemava e lembrava ao Cristo do que ele era capaz. Muitas pessoas juram que a história é verídica. A vida será sempre tecida com muitas palavras e cenas para que seja parte da tragicomédia humana. O ser humano muda a vestimenta, mas nunca perde os vícios, nem troca as maldades de que é capaz para se promover.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Pioneiros da arte fotográfica

Alberto Baumgarten[1]

Memórias

Alfred Hermann D'Escragnole Baumgarten era jornalista, editor do jornal Blumenauer Zeitung e fotógrafo. Foi também vereador do Partido Integralista em 1934, foi preso por duas vezes, uma delas em 1938, na fracassada tentativa de golpe contra Getúlio Vargas. Alfred aposentou-se no ano de 1943, quando passou definitivamente para o filho mais velho, Hans, seu ateliê fotográfico. Alfred fez do jornalismo e da fotografia a grande missão da sua vida.

Hans Joachim Baumgarten nasceu em Blumenau em 12/08/1910. Profissão: fotógrafo. Fazia parte da terceira geração Baumgarten nascida no Brasil. Casou-se com Aracy Zimmermann em 1935, tiveram dois filhos, 5 netos, e 5 bisnetos completam sua descendência.

É dele, deste "retratista", que vamos falar um pouco, dos desafios, das tarefas sérias e também dos episódios engraçados de sua vida dentro da arte fotográfica. Na revolução de 1930, Getúlio Dornelles de Vargas havia perdido as eleições para a Presidência da República.

[1] Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Inconformado, ele duvidou da veracidade da contagem dos votos e resolveu tomar à força o poder. Veio a notícia de que o Rio Grande do Sul estava em estado de guerra. Por sua vez, o Exército convocou os reservistas do país. Também aqui, em nossa cidade, os jovens reservistas teriam que ser convocados.

Os ex-soldados do Tiro de Guerra não estavam dispostos para ir à luta. Ignoraram a convocação e não se apresentaram. O Exército tomou providências enérgicas, e militares vieram a Blumenau e quase pegaram a laço os nossos jovens. Entraram no cinema e levaram os faltosos que lá estavam assistindo a um filme.

Indignado com tal gesto, o instrutor do Tiro de Guerra aconselhou os que tinham escapado a procurarem um abrigo pelas matas da redondeza. Uma turma, da qual fazia parte Hans, escolheu o Spitzkopf para se abrigar durante algumas semanas. Levaram alimentos, cobertores e lanternas para sobreviverem.

O tempo foi passando e a revolução demorando a terminar. Não se tinha muitas notícias. Certo dia, os pais chamaram seus filhos de volta. Acharam que seria melhor se apresentarem. No dia 23 de outubro, a família de Hans se reuniu para as despedidas. Foi uma noite de tristeza, noite de despedidas, todos com lágrimas nos olhos, os pais, irmãos e noiva. No dia seguinte, pela manhã, Hans saiu de casa para cumprir seu dever pátrio. Mas, que felicidade... A guerra havia terminado. Getúlio estava no Rio de Janeiro para tomar posse do Brasil...

Meu pai era considerado, em Blumenau e na região, um dos pioneiros na arte de "tirar retratos". Documentou a vida da cidade como nenhum outro o fez. Tornou-se popular e benquisto no meio social, político, esportivo e também no religioso, pois era o "retratista" dos casamentos, comunhões e batizados.

Seu primeiro ateliê fotográfico foi na cidade de Brusque, nos anos 40. Estava localizado na Avenida Cônsul Carlos Renaux. Naquela cidade, ficou trabalhando aproximadamente três anos, documentando tudo que de importante acontecia, inclusive revelando e copiando filmes de alguns afortunados que na época possuíam máquinas fotográficas.

Lá pelos idos de 1942, muitas famílias do interior de Brusque (Ribei-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

rão do Ouro) faziam seus pagamentos, após os serviços executados por meu pai, com pequenos frascos de vidro com tampas de borracha (vidros de penicilina), cheios de ouro em pó, que meu pai posteriormente trocava por dinheiro com o dentista Dr. Erich Karmann, em Blumenau. Dr. Karmann usava o precioso metal nos seus serviços profissionais, pois era moda naquela época as pessoas do interior possuírem na arcada dentária alguma coisa em ouro.

Em 1943, Hans retornou à sua cidade natal, vendeu seu estúdio fotográfico em Brusque para o amigo e também fotógrafo Theobaldo Scharf. Em Blumenau assumiu o ateliê que o pai Alfred estava lhe passando, pois Alfred estava se despedindo da profissão. Após muito trabalho e dedicação, o novo fotógrafo de Blumenau, além do trabalho de rotina, conseguiu se tornar o fotógrafo exclusivo da prefeitura municipal.

No ano de 1950, centenário da cidade, o Sr. Guilherme Busch Jr., prefeito na época, juntamente com o Sr. Hercílio Deeke, presidente da Comissão de Festejos, mandaram imprimir um livro sobre Blumenau. Neste livro, muitas das fotos ali inseridas são de execução de meu pai. Era o fotógrafo dos grandes clássicos em ocasiões esportivas, quando jogavam entre si as equipes de G.E. Olímpico, Palmeiras E.C., Guarani, Vasto Verde, Amazonas e o Tupi de Gaspar. Época maravilhosa esta, quando aconteciam estes duelos emocionantes e sensacionais.

Pelos anos de 1950, num jogo de futebol entre as equipes do Olímpico e Palmeiras, estava o Olímpico vencendo o duelo por 2 X 0 no primeiro tempo. O fotógrafo Hans foi até o lado oposto da arquibancada grená para tirar umas fotos da entusiasmada e furiosa torcida alviverde. Quase foi agredido pelo advogado Dr. Luiz N. Stotz, o grande chefe da torcida farroupilha, sempre empunhando seu inseparável guarda-chuva, fizesse chuva, fizesse sol.

Na sua vida profissional, outro caso interessante foi quando Hans foi convidado a efetuar um trabalho para a extinta Estrada de Ferro Santa Catarina. Teve que vestir uma roupa de escafandro e descer a uns 6 a 7 metros, aproximadamente, de profundidade no Rio Itajaí-Açu, para fotografar o fundamento dos pilares da Ponte dos Arcos. Esta ponte foi construída em 1948 para que o trem pudesse atravessar de uma margem para outra. Quando minha mãe soube deste episódio, quase foi à loucura.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Durante muitos anos consecutivos foi o fiel fotógrafo da família das "Gaitas Hering". A cada dia 24 de dezembro, lá estava ele, às 17h, véspera do Natal, na residência de Da. Alice Hering, a matriarca da família. Da. Alice, sua grande amiga, todos os anos reunia filhos, netos e bisnetos para o Natal em família. Pelas 16h o carro da Sra. Alice, um Chevrolet negro, chegava em nossa casa para buscar meu pai.

A seção de fotos terminava pelas 19h, e o nosso fotógrafo chegava em casa, feliz com seu presente e seus apetrechos fotográficos embaixo do braço, para aí então, começarmos a festejar o nosso Natal.

Hans também era solicitado para eventos militares. Eram registrados pelas objetivas de suas máquinas fotográficas os desfiles de 7 de Setembro, competições e comemorações internas do quartel no Dia do Soldado e festividades no Dia da Bandeira.

Certa vez fora convidado pelo Ten. Villar para fotografar um acampamento na cidade de Indaial, onde os militares iriam fazer uma simulação de ataque e defesa. Saiu de casa de madrugada, inclusive com roupas especiais, iguais às que os soldados usavam. Passou o dia tirando fotos, escutando tiros de festim e granadas. Chegou em casa à noite, sujo, cheio de picadas de mosquitos e maruins e muitas ferroadas de marimbondos.

Por ser considerado um ótimo profissional, muitos dos que tinham aptidão e vocação para serem futuros fotógrafos passaram pelas mãos de meu pai: Luiz Carlos Althoff, Mareck, Vítor (Fotofia) e também o saudoso e inesquecível Hélio (Foto Hélio). Todos os acima citados tornaram-se ótimos profissionais no ramo fotográfico.

Em 1948, a convite do Aeroclube local, foi contratado para realizar uma série de fotos aéreas da cidade. Deparou-se com um novo desafio, mas encarou o trabalho. Nunca havia voado. Vestiu um macacão de aviador por cima do traje civil e um pára-quedas, lá foi ele junto com uma aviadora chamada Lia Pereira, considerada na época uma ótima piloto. Sobrevoaram Blumenau por longo tempo em um teco-teco amarelo a fim de tirarem as referidas fotos. Algumas das fotos realizadas estão no Livro do Centenário de Blumenau.

Outro fato que merece ser lembrado da vida profissional deste fotógrafo foi o que vou citar a seguir. Certo sábado, ao entardecer, bateram

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

à nossa porta e meu pai foi quase que intimado a comparecer a um determinado endereço para tirar fotografias.

Lá chegando, ficou surpreso e chocado. O cenário era um velório e o recém-viúvo queria que sua mulher, falecida horas antes, fosse fotografada em diversos ângulos. Lembro-me até os dias de hoje dessas fúnebres fotos.

Hans Baumgarten também era o fotógrafo de muitas indústrias de Blumenau e de outras cidades. Antigamente os mostruários dos artigos fabricados eram feitos em catálogos fotográficos. Algumas das indústrias que trabalhavam com meu pai foram: Fábrica de Brinquedos Sander, Chocolates Saturno, Cristais Hering, Porcelana Condessa, Fábrica de Chapéus Nelsa, Porcelana Schmid e Malharia Thiemann.

Além de sua profissão como fotógrafo, Hans tinha outra "cachaça": a pesca do robalo em nosso Itajaí-Açu. Quase que diariamente, de outubro a abril, junto com seus mais chegados amigos, o cunhado Luiz Medeiros, Fredy Benthien, Eugênio Baumgarten, Rodolfo Buch, Eugênio Soutinho, Ulmer Lafront e o conhecido alfaiate Leitis, Hans atravessava a Rua 15 de Novembro, e ia para a barranca do rio. Se não fizesse isto, o dia não estava completo e ele não realizado.

Hans Baumgarten, proprietário do Foto Baumgarten, um dos pioneiros da arte fotográfica da cidade de Blumenau, exerceu a profissão até 1959. Realizou seus estudos primários no Grupo Escolar Luiz Delfino. Posteriormente, pelos anos de 1922, fez o ginásio no Colégio Santo Antônio.

Em 1924 foi para São Paulo, onde estudou na Real Deutsche Schule. Em 1932 fez cursos de especialização sobre fotografia na Alemanha. Uma das características mais notáveis de meu pai era a capacidade em colorir fotos de paisagens e de casamentos. Nesta época não havia os recursos existentes dos dias de hoje, as fotos coloridas.

Importava com dificuldade da Alemanha tintas a óleo especiais para fotografias em preto e branco e, com o auxílio de palitos e algodão, fazia maravilhas para a época.

Faleceu em Florianópolis, no Hospital Celso Ramos, em 23/06/1985, após morar com a filha Marina, por muito tempo, em Blumenau e Biguaçu. Deixou-nos como herança o que de melhor pode existir: saudades e as melhores lembranças.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Almanaques e revistas publicados em alemão em Blumenau entre 1900 e 1965

Méri Frotscher[1]

História & Historiografia

Fontes para pesquisa

O presente artigo tem como objetivo apresentar alguns resultados de um projeto que teve, como um de seus propósitos, realizar a indexação dos almanaques e revistas publicados em alemão, em Blumenau, entre 1900 e 1965.[2] Tal intento demandou um grande esforço, tanto na leitura e indexação do conteúdo dos periódicos, como na alimentação de um banco de dados, dotado de um sistema de busca por título, autor e assunto, que deverá ficar à disposição dos interessados no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - AHJFS, depositário dos almanaques e revistas pesquisados. Além de indexar os almanaques e revistas, formulando-se palavras-chave que permitissem perceber os principais assuntos contidos no material publicado nos almanaques, também foi objetivo do projeto a tradução dos títulos dos artigos.

Um dos principais motivos de termos escolhido indexar os almanaques e revistas publicados em língua alemã, em Blumenau, foi o fato de que muitos pesquisadores não dominam

[1] Doutora em História pelo Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (2003). Professora do Colegiado de História da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Campus de Marechal Cândido Rondon).

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

a língua alemã, o que dificulta o acesso ao conteúdo destas ricas fontes de pesquisa. A maioria deste material permanece inacessível ao grande público, em primeiro lugar, devido à barreira da língua e, em segundo lugar, devido à dificuldade de localizar material, pela falta de qualquer tipo de índice dos periódicos, a não ser os índices de cada almanaque, publicados no final de cada edição.

Acredita-se que a criação deste banco de dados será de grande valia para o desenvolvimento de pesquisas, não somente sobre assuntos locais, uma vez que tais almanaques e revistas contêm artigos sobre os temas mais variados, relativos também ao Brasil e ao mundo.

O trabalho de leitura e indexação se ateve aos seguintes almanaques e revistas, existentes no acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva:

Data	Edição	Editores	Periodicidade	Título	Páginas
1900	única	Der Urwaldsbote	Edição única	Der Urwaldsbote. Kalender für die Deutschen in Südbrasilien. Herausgegeben zum 50 Jährigen Bestehen der Kolonie Blumenau.	177
1914	?	Typographia Baumgarten	?	Blumenau´s Illustrierter Familien-Kalender für das Jahr 1914 (Blumenau)	160
1933 - 1938	primeira a sexta	Nietsche & Hömke	Anual	Blumenauer Volkskalender	de 255 a 336 cada
Ago. 1935 a jul. 1936	primeira a décima primeira	Krystall Verlag	mensal	Deutschbrasilianische Jugendzeitung	20
1934 e 1935	Primeira e segunda	Otto Wlle	Anual	Wille's Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens	368 e 304, respectivamente
1938 e 1939	Quinta e sexta	Otto Wille	Anual	Wille's Deutscher Kalender für Brasilien	302 e 366, respectivamente
1940	Sétima	Otto Wille	Anual	Almanaque Wille Kalender	330
1952 a 1960	Oitava à décima sexta	Otto Wille	Anual	Almanaque Wille Kalender	de 272 a 348 cada
1961 a 1965	Décima sétima à vigésima primeira	Otto Wille	Anual	Almanach Wille	312, 312 e 256, respectivamente

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

É preciso destacar que a coleção de almanaques pesquisada infelizmente não está completa, como se percebe através da tabela acima. Faltam os almanaques Wille relativos a 1936 e 1937.

Com relação à *Deutschbrasilianische Jugendzeitung*, não se pode dar certeza se a última edição publicada corresponde à última edição existente no acervo do AHJFS. Referente ao *Blumenauer Volkskalender*, provavelmente a última edição encontrada no acervo do AHJFS corresponde à última edição publicada (1938), tendo em vista o direcionamento ideológico do almanaque, o envolvimento político do editor e a Campanha de Nacionalização, que proibiu a circulação de tais periódicos. Com relação ao almanaque *Der Urwaldsbote*, publicado em 1900, é necessário sublinhar que trata-se de uma edição comemorativa, por conta dos 50 anos da Colônia Blumenau, não de um almanaque publicado anualmente. Quanto ao segundo almanaque listado, o seu título (*Blumenau's illustrierter Familien Kalender für das Jahr 1914* - Calendário ilustrado para a família blumenauense para o ano de 1914) deixa entender que a intenção era publicá-lo anualmente. Existe apenas este número no acervo do AHJFS. Provavelmente foi o único, tendo em vista que em meados de 1914 iniciou a Primeira Guerra Mundial, quando publicações em língua alemã foram proibidas no Brasil.

Pede-se aos leitores que souberem da existência dos almanaques faltantes indicados, ou de outras edições de que não tivemos notícia, que comuniquem o Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, para que assim possa completar as coleções existentes e para que possamos também incluí-los em nosso banco de dados.

Práticas de leitura em alemão no município de Blumenau: algumas informações

Na primeira metade do século XX havia significativa circulação de literatura e de periódicos em língua alemã no município de Blumenau, antiga colônia alemã fundada em 1850, às margens do rio Itajaí-Açu. Esta circulação não acontecia apenas privadamente, pois havia também diversos espaços criados especialmente para o depósito e o empréstimo de livros e periódicos ao público interessado, como, por exemplo, a Biblioteca Alemã, junto à Escola Alemã,[3] a Biblioteca Escolar da localidade de Altona-Blumenau (atual bairro Itoupava Seca) e a biblioteca mantida pela Associ-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ação Escolar de Santa Catarina, também localizada em Blumenau.

Diversas livrarias e papelarias, como as de Carl Wahle, Gustav Artur Koehler, Starke & Co., Eugen Currlin, entre outras da região, ofereciam livros e revistas em língua alemã, fazendo propaganda de novas aquisições nas páginas dos periódicos locais.[4]

Havia também círculo de livros entre os moradores, que facilitava a leitura na cidade. Algumas pessoas em Blumenau faziam inclusive parte de programas de leitura incentivados por instituições alemãs de intercâmbio, como o programa *Leserpatenschaft*, intermediado pelo DAI – Deutsches Auslandinstitut (Instituto Alemão para o Exterior), de Stuttgart, ou através do *Institut für Auslandskunde, Grenz- und Auslandsdeutschtum*,[5] de Leipzig, através do qual um alemão-padrinho enviava um livro para um interessado fora da Alemanha, com o qual também mantinha correspondência. Estes programas visavam a divulgação da língua alemã fora da Alemanha,[6] através da literatura, assim como divulgavam entre os descendentes de alemães no exterior a idéia de que pertenceriam a uma comunidade racial e nacional alemã.

Além dos livros, circulavam diversos periódicos em língua alemã, publicados em Blumenau e em outros municípios e estados do Brasil, assim como no exterior. Entre tais periódicos havia os *Kalenders* (almanaques), espécie de periódico anual, com uma variedade de temas e gêneros, cuja circulação era muito grande em áreas de colonização alemã no Sul do Brasil, desde 1890.[7] Nestes almanaques publicavam-se artigos, contos, poesias, peças teatrais, memórias, informações úteis ao cotidiano, retrospectivas, anúncios, fotos, calendários, etc, e os temas eram os mais diversos. Com relação aos almanaques, é importante destacar que além dos publicados em Blumenau, circulavam outros almanaques publicados em outras localidades do Estado e do Brasil, como, por exemplo, o *Kalender für die Deutschen im Südbrasilien* (Almanaque para os alemães no Sul do Brasil), publicado pela Editora Rotermund, de São Leopoldo, e o *Serra-Post* (Correio da Serra), publicado em Ijuí, também no Rio Grande do Sul, entre diversos outros. É importante destacar o papel destes almanaques na educação popular, devido à grande quantidade de artigos informativos, sobre os mais variados temas. Certamente tais almanaques constituíam um complemento à educação escolar também nas áreas rurais do município. Em

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

alguns sótãos de casas antigas localizadas na área rural da região, esta pesquisadora pôde constatar a presença de tal tipo de periódico, em meio a outros livros e pertences antigos das famílias.

Para fins deste trabalho, nos detivemos mais precisamente aos almanaques e revistas editados em Blumenau, em língua alemã. Tais periódicos faziam parte da esfera pública literária[8] em língua alemã de Blumenau, formada sobretudo pela imprensa e espaços formadores de opinião.

Em 1900 e em 1914 saíram duas edições de almanaques em Blumenau. Entretanto, foi nos anos 30 que houve o aparecimento de não somente um, mas de três almanaques de publicação anual, editados e impressos na cidade, fato digno de destaque. Era um momento de revigoramento do nacionalismo alemão, o que pôde ser percebido no conteúdo de diversos artigos publicados, sobretudo no *Blumenauer Volkskalender* e na *Deutschbrasilianische Jugendzeitung*. Além destes, que circulavam apenas na década de 30, começou-se a publicar nesta década o almanaque *Wille,* em 1934.

É importante perceber que o único que continuou a circular, mesmo nos primeiros anos da Campanha de Nacionalização, iniciada oficialmente em 1938, foi o almanaque Wille. Este vai deixar de ser publicado no início dos anos 40, quando ocorrem os anos em que mais forte foi a perseguição a estrangeiros e descendentes em Santa Catarina, por conta da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Sua publicação foi, entretanto, retomada na primeira metade dos anos 50, num momento em que se começavam a reabrir instituições culturais, depois do período traumático da nacionalização.

Além destes, também nos anos 30 foi publicado um almanaque em língua portuguesa em Blumenau. A grande penetração dos almanaques escritos em alemão, entre a população do Vale do Itajaí, observada pelo jornalista José Ferreira da Silva, deu-lhe a idéia de publicar um periódico mais ou menos no mesmo estilo, mas em língua portuguesa, o *Calendário Blumenauense*. Foram publicados, entretanto, somente almanaques relativos aos anos de 1934 e 1935.

A popularização dos almanaques talvez se deva ao seu colorido conteúdo, caracterizado pela presença de uma série de gêneros e temáticas. A circulação dos almanaques publicados em língua alemã certamente con-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tribuía para a prática da leitura em alemão, tanto nos centros urbanos, como também na área rural, guardadas as maiores dificuldades de aquisição dos mesmos, por conta da distância em relação aos centros distribuidores. Alguns dos artigos encontrados nos almanaques eram publicados em dialeto, tanto local quanto dialetos da Alemanha. A presença de artigos em dialeto, falados em diferentes regiões da Alemanha, assim como de artigos escritos no alemão falado em diferentes regiões no Brasil, com a presença de expressões ou palavras em português, o que revela as mudanças lingüísticas ocorridas, nos mostra como estes almanaques fazem perceber a multiplicidade cultural e lingüística nas áreas brasileiras onde havia presença de alemães.

Infelizmente os almanaques não apresentam informações relativas à tiragem de exemplares, com o que seria mais fácil avaliar o grau de sua penetração. Também não temos informações sobre o número de almanaques que eram vendidos fora do município e do Estado de Santa Catarina.

Sobre os almanaques e revistas indexados e seu conteúdo: algumas indicações

Ao se iniciar o trabalho de indexação, tivemos que adotar alguns critérios. Em primeiro lugar, decidiu-se traduzir os títulos dos artigos e indexar todo o conteúdo dos almanaques, com exceção dos anúncios (devido ao seu grande número e à limitação do tempo previsto para a indexação do material) e das páginas iniciais, que trazem os calendários mensais do ano respectivo, geralmente com informações astronômicas e meteorológicas, calendários agrícolas (o que e quando semear, plantar, podar, colher, etc.), e que sempre se repetiam nas edições dos almanaques. Com relação à indexação por assunto, também não foram indicados os assuntos dos inúmeros contos, novelas e poesias, os quais foram indexados apenas sob palavras-chave "conto", "conto histórico", "novela", "poesia", "literatura".

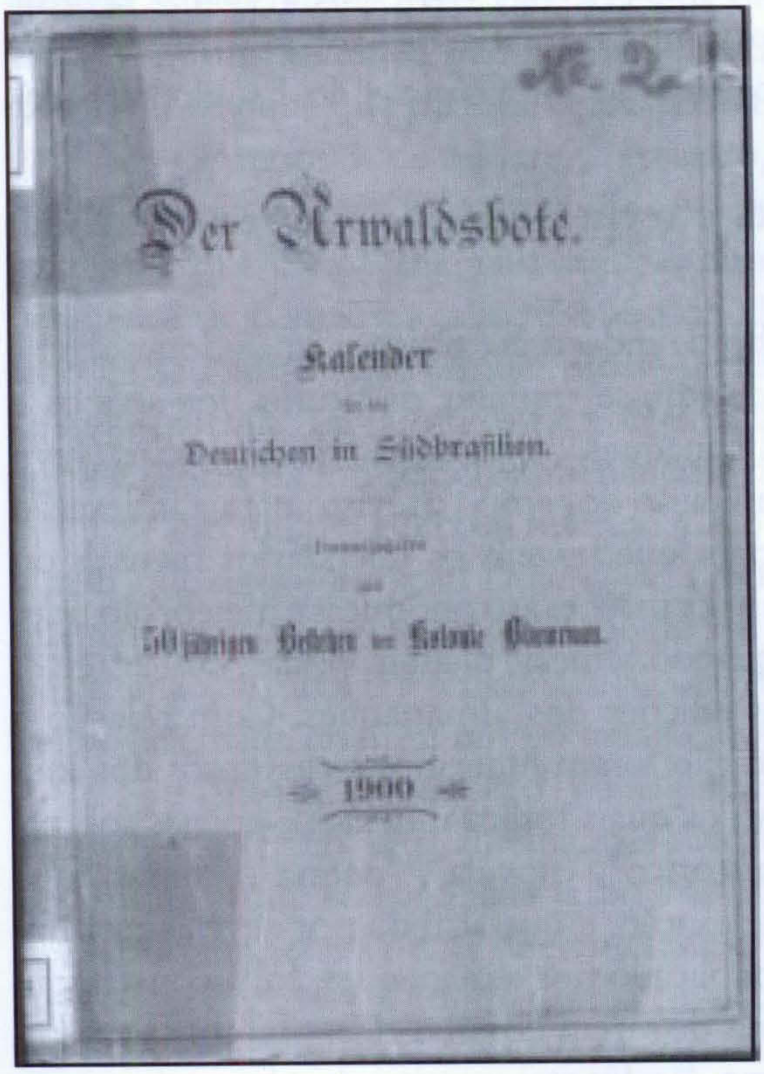
Uma dificuldade na indexação, e que acabou por revelar uma característica de muito material publicado nos almanaques, foi a constatação de que muitos deles eram difíceis de serem classificados, por conta da dificuldade de distinguir seu gênero. As fronteiras entre história e literatura muitas vezes não eram nítidas, não se podendo ter certeza algumas vezes

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

se os fatos descritos eram fragmentos de memórias vivenciadas ou anedotas e estórias fictícias, muito embora não se tenha a ilusão de que as memórias sejam o espelho da realidade ocorrida no passado. Além disto, há que se ater à riqueza dos contos, poesias e novelas, os quais também permitem ao historiador trabalhar com os imaginários ou representações da época.

Com relação ao conteúdo destes periódicos, serão aqui apontados apenas alguns temas recorrentes, bem como serão desenvolvidas apenas algumas formulações sobre aspectos que nos chamaram atenção. Uma pesquisa mais aprofundada sobre tais fontes ainda está por ser feita.

O almanaque *Der Urwaldsbote,* publicado em 1900, por ocasião do cinqüentenário da Colônia Blumenau, era uma edição comemorativa. Em virtude disto, traz diversos artigos sobre história local e história do Brasil (por conta da comemoração dos 400 anos do descobrimento), assim como artigos sobre a realidade local (entre eles, educação escolar, igreja evangélica, agricultura e a prática da ginástica). Além disto, chama a atenção a presença de diversos artigos de conteúdo panger-manista. São publicados um artigo sobre a liga Pangermânica (*AllDeutsche Verband*), assim como os seus estatutos, mais os de diversas outras sociedades alemãs (Estatutos da Sociedade da Marinha Alemã, da Sociedade Geral Escolar para a Conservação da Germanidade no Exterior, da Sociedade Central de Geografia Comercial para o Incen-


Der Urwaldsbote.

Kalender

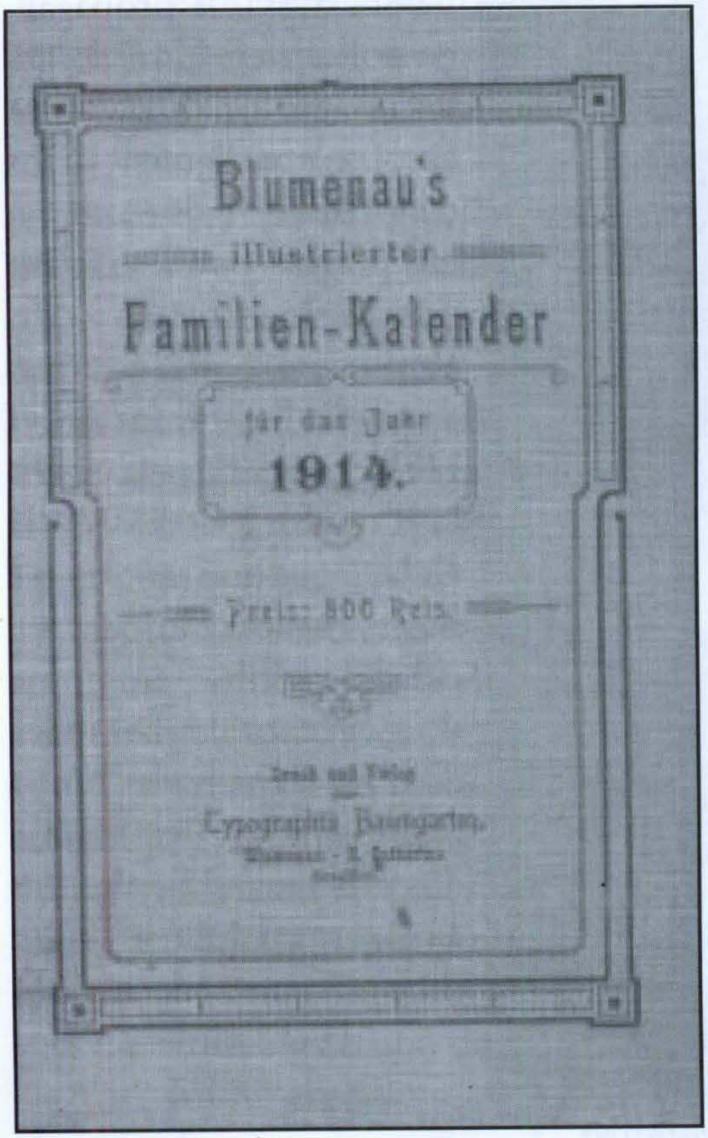
1900

Der Urwaldsbote, almanaque comemorativo, publicado em 1900.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tivo aos interesses Alemães no Exterior, da Sociedade Colonial Alemã, da Sociedade Geral da Língua Alemã e da Sociedade Geral Evangélica para o Emigrante Alemão). Neste almanaque foram publicadas também diversas poesias e outros gêneros da literatura.

O *Blumenau´s illustrierter Familien-Kalender für das Jahr 1914* foi publicado pela Tipografia Baumgarten, e era dirigido para a família blumenauense. Além de literatura e curiosidades, este almanaque publicou diversos artigos relativos ao município e ao Vale do Itajaí, sobre economia, indústria, agricultura, pecuária, energia elétrica, colonização, imigração, história, transportes, enchentes, cultivo de erva mate, assim como assuntos gerais, não relativos propriamente ao município, como jardinagem, educação, saúde e dicas para a alimentação na infância, entre outros.



Capa do *Blumenau´s illustrierter Familien-Kalender für das Jahr 1914*

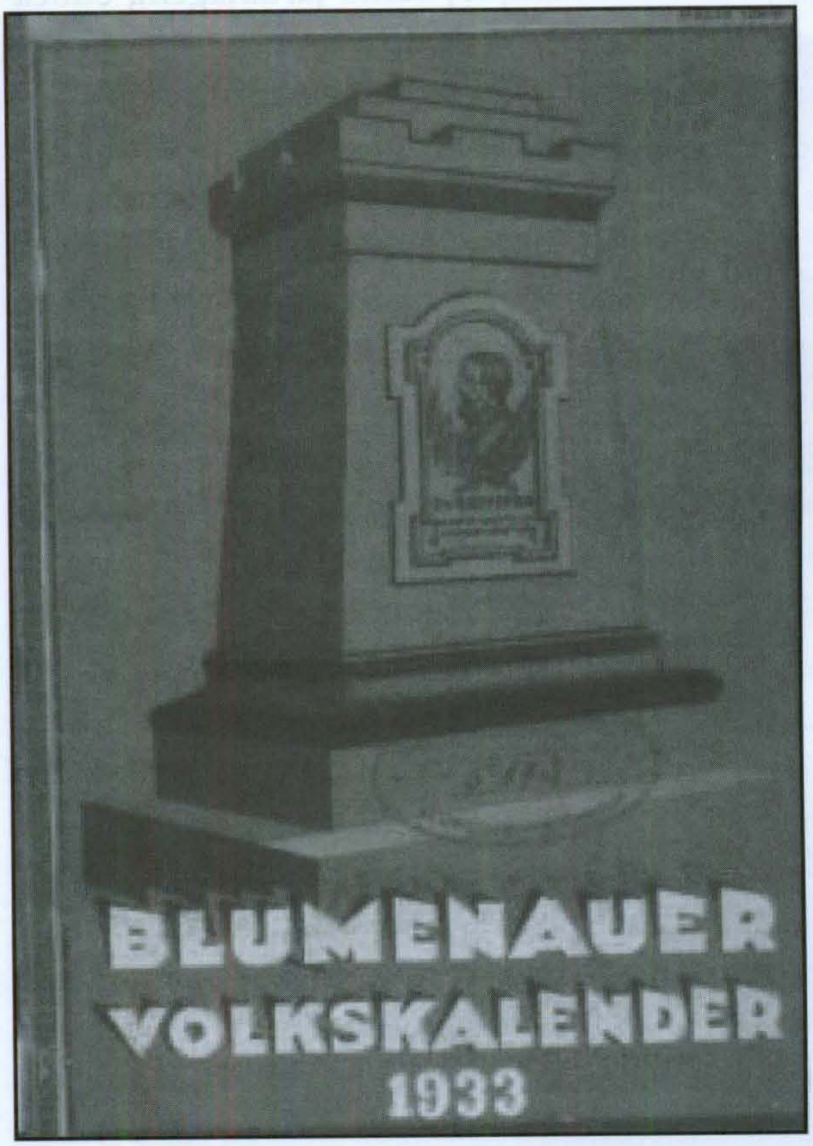
O *Blumenauer Volkskalender* publicou almanaques relativos aos anos de 1933 a 1938, através da Empreza Graphica, de Blumenau. Seus editores eram Nietsche & Hömke, tendo na primeira edição, como agente de vendas, Otto Wille, que um ano depois, em 1934, começou a editar o seu próprio almanaque.

Este almanaque tinha como objetivo, conforme o seu primeiro editorial, alcançar desde "as crianças em idade escolar, ávidas pelo saber, até a avó", tanto o "colono como o habitante da cidade, o intelectual e o artesão, assim como todos os camaradas economicamente ativos".[9]

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Um dos editores do *Blumenauer Volkskalender*, Nietsche, foi integrante e chefe do grupo local do NSDAP[10] (Partido Nacional-Socialista Alemão), em Blumenau, tendo ainda publicado o jornal *Mitteilungsblatt der NSDAP*, informativo do grupo local do partido, cujos exemplares existentes encontram-se depositados no Arquivo Histórico de Blumenau.

Os acontecimentos ocorridos em 1933, como a vitória eleitoral nacional-socialista, são alvo de destaque no editorial do almanaque relativo ao ano de 1934, no qual ainda se percebe um discurso de forte identificação com a ideologia e o governo nacional-socialista alemão, materializando muitas vezes tal direcionamento nas expressões utilizadas, características do discurso nacional-socialista. A propaganda política em prol do governo nacional-socialista aparece em alguns outros editoriais, artigos e mesmo em poesias publicadas em outras edições do almanaque, como é o caso da poesia intitulada "Adolf Hitler", escrita pela poetisa e oradora alemã Maria Kahle, que um ano antes havia visitado Blumenau e cidades vizinhas, em nome do governo alemão, para divulgar a chamada "Nova Alemanha".[11] Em alguns dos artigos publicados no almanaque também se percebe um conteúdo anti-co-



Capa do *Blumenauer Volkskalender* relativo ao ano de 1933

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

munista e anti-semita, o que, deve-se lembrar, não era característica única deste periódico, mas também de muitos outros periódicos em língua alemã e inclusive em língua portuguesa no Brasil, naquela época.

Chamam a atenção os inúmeros artigos sobre a Alemanha,[12] muitos deles também sobre sua história, com destaque para artigos sobre guerras. Dignos de nota são os editoriais, que fazem uma longa retrospectiva político-econômica do que ocorreu no Brasil, em Santa Catarina, na Alemanha e no mundo, no ano anterior, e que são interessantes fontes de pesquisa histórica, podendo-se avaliar não só que acontecimentos e processos são lembrados, como também a forma como estes são interpretados pelos editores.

Este almanaque publicava muito material literário, assim como artigos sobre os mais diversos assuntos e gêneros, objetivando alcançar um público muito variado. Impossível descrever todo o conteúdo neste pequeno artigo. Vale destacar, contudo, o grande número de artigos sobre Blumenau e região, o que já se percebe no próprio título do almanaque. A maioria destes artigos focaliza principalmente temas como história, imigração, colonização, religião, economia, educação escolar, saúde, associativismo, agricultura, fruticultura, pecuária, alimentação animal (estes últimos geralmente trazendo dicas para o agricultor), entre muitos outros temas. Tais artigos revelam a forte potencialidade do Vale do Itajaí, naquela época, para a agricultura e a pecuária e a grande demanda por informações úteis ao agricultor. A publicação de calendários agrícolas e dicas para a agricultura é uma evidência disto.

Também há muitos artigos sobre saúde, dando dicas para a automedicação, através de plantas medicinais e remédios caseiros, assim como tratamento de primeiros socorros, entre outros. Ao final de cada almanaque, ainda publicavam-se sempre informações básicas de direito civil, sobre registro civil, divulgação de prazos de vencimento de impostos, preços de linhas de transporte, de tarifas postais, etc; e outras informações úteis, o que certamente também ajuda a explicar o interesse de muitas pessoas na leitura deste tipo de periódico.

Muito embora sejam poucos, há alguns artigos relativos a mulheres, que chamam a atenção pelo forte conteúdo moralista, como os relativos à educação feminina e ao casamento. Há ainda alguns artigos sobre

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

economia doméstica e culinária, destinados ao público leitor feminino, dignos de nota para quem trabalha com relações de gênero.

Destacáveis ainda são os artigos rememorando práticas de ocupação territorial pelos europeus no Sul do Brasil, assim como notícias sobre projetos de colonização contemporâneos à época, no Alto Vale do Itajaí e no Norte do Paraná. Estes são apenas alguns temas de pesquisa que podem ser vislumbrados por pesquisadores interessados.

Publicada na mesma década, a *Deutschbrasilianische Jugendzeitung* (Revista para a Juventude Teuto-Brasileira), como o próprio título dá a perceber, tinha como objetivo atender a um tipo específico de público leitor, a juventude teuto-brasileira. Todos os números da revista pesquisados foram publicados na letra gótica impressa. A revista era publicada pela Krystall Verlag e tinha como chefe de edição Alice von Moers. A proprietária da editora, Anni Brunner, havia emigrado da Alemanha para o Brasil, tendo fixado residência em Blumenau. Ali publicou, através da editora, também diversos livros de sua autoria,[13] muitos dos quais romances, inclusive um sobre imigração alemã para o Sul do Brasil (*Die Stimme der Heimat*).

Capa da *Deutschbrasilianische Jugendzeitung*

A revista não segue os mesmos padrões dos almanaques, a começar pela

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sua periodicidade. Ela começou a ser publicada mensalmente, a partir de agosto de 1935. O Arquivo Histórico de Blumenau possui todos os exemplares até julho de 1936. Menos informativa, tinha mais característica de revista de entretenimento.

Chama a atenção que a maioria do material publicado é de autoria de Anni Brunner e pertencem a algum gênero da literatura, sobretudo poesias, novelas e contos. Também algumas peças teatrais são publicadas. A autora usava sua editora para publicar o que escrevia, seja a revista, sejam seus livros.

A preocupação da autora em atingir a juventude se reflete na capa, assim como no conteúdo de muitos artigos, como destaque para artigos sobre esporte, lazer, assim como artigos permeados por preocupações de cunho moral, como um que destaca a importância dos trabalhos manuais para moças, e matérias com conselhos de comportamento. Muitos dos artigos contendo conselhos à juventude fazem parte de uma coluna presente em todas as edições da revista, chamada "Palavras e pensamentos de pessoas experientes". Também diversos são os artigos e poesias que fazem referência à tradição, como datas comemorativas da Cristandade, como o Natal, a Páscoa, o Pentecostes, e outros, como o Dia do Colono, o Dia das Mães, etc., investindo num constante lembrar-se de tais "lugares da memória".

Em alguns artigos, inclusive de gênero literário, transparece um forte conteúdo nacionalista, como no artigo "A esportista ou 'Ser alemão significa ser fiel'!",[14] ou no artigo "Alemão, tua pátria te saúda",[15] ou mesmo nas poesias "A voz da pátria"[16], "Saudações à pátria"[17] e outras. Mesmo em artigos sobre esporte, a importância para o cultivo do corpo aparece associada, nas entrelinhas, a um projeto de eugenia nacionalista, tão característico do período.

Na análise da revista, percebe-se uma preocupação da editora com o cultivo da língua alemã e de valores da cultura alemã, divulgando também ela, assim como o *Blumenauer Volkskalender*, a idéia de que os descendentes de alemães fora da Alemanha, como era o caso, pertenceriam a uma comunidade racial e nacional alemã (*Volksgemeinschaf*). Relacionando tal característica com o público-alvo da revista, percebe-se o objetivo claro de evitar que tais novas gerações perdessem tal sentimento, ao mesmo tempo

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

em que se investia num reavivamento da idéia de pertencimento à pátria, no caso, a Alemanha, entre os jovens.

Com relação ao almanaque Wille, que também começou a circular em Blumenau nos anos 30, este era editado em Blumenau por Otto Wille, muito embora a sua impressão fosse feita em Curitiba, nas oficinas da Impressora Paranaense. Como anteriormente referido, o editor foi distribuidor comercial do *Blumenauer Volkskalender*, relativo ao ano de 1933. Nas edições seguintes deste periódico, entretanto, não aparece mais como agente comercial, pois um ano depois Otto Wille começa a publicar o seu próprio almanaque. Dignas de nota são as primeiras frases do editorial do primeiro almanaque publicado por Otto Wille, relativo ao ano de 1934. Ali justifica o editor: "'Mais um novo almanaque!', talvez assim alguns dirão, quando este pequeno livro vier aos seus olhos. Nós então respondemos: 'Positivo, pois nós ainda não temos o [destacado em negrito pelo próprio editor] almanaque que melhor corresponda às nossas circunstâncias".[18]

Os motivos de tal fato, entretanto, não ficam claros, o que poderia ser motivo de maior investigação. Ao se comparar ambos almanaques, percebe-se que Otto Wille não seguia o direcionamento chauvinista e politicamente tendencioso, característico do *Blumenauer Volkskalender*, muito embora seu almanaque também fosse direcionado para um público leitor de língua alemã. Tal fato mostra, portanto, a diferença de posicionamentos entre editores na imprensa blumenauense nos anos 30.

No mesmo editorial referido, Otto Wille afirma que o objetivo do almanaque seria "servir ao *Deutschtum*" (germanidade) no Brasil, na medida que tem como tarefa mostrar "como no Sul do Brasil o espírito empreendedor alemão, a força e a tenacidade alemãs, associados ao trabalho incansável dos alemães, criaram tudo o que até hoje se produziu".[19]

Muito embora Otto Wille publique muitos artigos relativos a Blumenau e região, seus almanaques são dirigidos aos três estados do Sul do Brasil, o que se evidencia já no seu título. Já em 1935 deixou de ser publicado em letra gótica, diferentemente do outro almanaque publicado na mesma década, em Blumenau, já citado, o *Blumenauer Volkskalender*, que até seu último volume, o de 1938, foi publicado com este tipo de fonte.

Quando, no final de 1937, o Exército já se movimentava para iniciar a Campanha de Nacionalização na região do Vale do Itajaí, os editores

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

das duas publicações já haviam preparado os almanaques para o ano de 1938, publicando-os. Entretanto, somente o almanaque Wille continuou a ser publicado até 1940, enquanto que o *Blumenauer Volkskalender* saiu de cena, devido provavelmente ao seu forte direcionamento ideológico. O fim de sua existência, em 1938, coincidiu com o início da Campanha de Nacionalização e a proibição de partidos estrangeiros no Brasil.

A continuidade da publicação do almanaque Wille certamente foi garantida por conta de algumas mudanças. O número relativo ao ano de 1939 deixou de se chamar como os anteriores (*Wille´s Kalender für die Südstaaten Brasiliens* – Almanaque Wille para o Sul do Brasil), para se chamar *Wille´s Kalender für Brasilien* (Almanaque Wille para o Brasil). Como conseqüência da Campanha de Nacionalização, a partir do almanaque de 1940, metade do conteúdo do almanaque é publicado na língua portuguesa. Alguns destes artigos são traduzidos para o alemão e publicados no mesmo volume. Neste número ainda se publica nas primeiras páginas o Hino Nacional Brasileiro. Também neste ano muda-se o seu título, que passa a se chamar *Almanaque Wille Kalender.* Mesmo assim, deixou de ser publicado no ano seguinte.

Capa do *Wille's Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens,* relativo ao ano de 1934

Em 1950, por ocasião dos festejos do

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Centenário de Blumenau, Otto Wille retorna à cena publicando o Guia Público Wille - Município de Blumenau, uma edição comemorativa do centenário, fonte indispensável para pesquisadores que queiram ter informações sobre a cidade naquela época, contendo, além de diversos artigos informativos, um extenso índice das indústrias, do comércio e das profissões no município.

Depois da Segunda Guerra, a continuação da publicação do almanaque Wille, contudo, vai se efetuar somente dois anos mais tarde (edição relativa ao ano de 1952). Em alguns trechos de artigos publicados no almanaque Wille após a Segunda Guerra Mundial, nos anos 50 e 60, se percebe, diretamente ou nas entrelinhas, a força com que a perseguição a estrangeiros e descendentes e a Campanha de Nacionalização se deram. A referência à guerra aparece em alguns artigos relativos ao Dia do Colono, festejado no dia 25 de julho, e relativos a entidades responsáveis pela comemoração de tal data. A lembrança da guerra é acionada num momento em que se buscava revigorar entidades culturais que haviam sido alvo da Nacionalização. Aliás, este renascimento ou revigoramento de entidades culturais é perceptível nas páginas deste almanaque nos anos 50 e 60. Chama a atenção, inclusive, o fato de que a partir da edição relativa a 1961 o almanaque volta a ter um título alemão (*Almanach Wille*). Apesar disto, desde o primeiro número publicado depois da guerra, a maioria dos anúncios era publicada na língua portuguesa.

O editor do almanaque havia nascido na Alemanha, tendo imigrado para o Brasil em 1904 (Hansa-Hamônia, no Alto Vale do Itajaí), tornando-se comerciante e envolvendo-se em atividades de colonização, abertura de estradas e construção de serrarias. Nos anos 20 mudou-se para Curitiba, onde se empregou na Estrada de Ferro São Paulo–Rio Grande. Em 1928 retornou a Blumenau como representante comercial de uma grande firma.[20] Tais fatos ajudam a explicar a inserção em seus almanaques de inúmeros artigos sobre o Estado do Paraná, assim como de anúncios de empresas daquele Estado, bem como o fato dos mesmos serem impressos em Curitiba.

Todos os almanaques trazem nas primeiras páginas calendários mensais, um em cada página, com o calendário católico ao lado do evangélico, indicação das fases da lua, horário do nascer e por do sol, outras informações astronômicas, previsões do tempo para o mês respectivo, assim

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

como um calendário agrícola. Nos primeiros almanaques dirigidos ao Sul do Brasil, tais calendários agrícolas apresentam-se especificados conforme o Estado (RS, SC e PR), de modo que o agricultor soubesse o que semear, plantar, colher, etc., naquele mês. Nos almanaques até início dos anos 40 ainda se reserva um espaço, ao lado de cada calendário mensal, para o leitor fazer suas anotações.

Otto Wille publicava constantemente propaganda e artigos relativos à venda de terras por empresas colonizadoras, sobretudo do Oeste de Santa Catarina, no Paraná e no Mato Grosso. Os artigos sobre atividades colonizadoras nos anos 30 se referem mais à venda de terras no Oeste de Santa Catarina, Norte do Paraná – região denominada em alguns artigos como "Califórnia brasileira", "Jardim do Éden", etc., - havendo alguns poucos sobre o Vale do Itajaí. Nos anos 50 e 60, a maior parte dos artigos relatando novas experiências de colonização se refere ao Paraná e Mato Grosso. Alguns dos relatos de viagens que o próprio editor empreendeu a estas colônias, como o caso da Gleba Arinos, no Mato Grosso, muito citada em artigos e anúncios de vendas de terras, foram publicados em seus almanaques, revelando como seu conteúdo também era determinado pelos seus interesses comerciais, ligações pessoais e contatos.

Tais artigos geralmente são permeados pela idéia de desbravamento, progresso e desenvolvimento que os colonos estariam ali empreendendo. Na abertura destas novas frentes de ocupação, o passado quase não aparece, apenas as atividades de um passado muito colado ao presente, sobressaindo principalmente a referência a um futuro promissor.

Em alguns artigos relatando experiências de colonização, mostra-se inclusive a presença de conterrâneos de blumenauenses em áreas de ocupação territorial do Sul do país e do Mato Grosso. Artigos sobre a presença de alemães e descendentes em distintos lugares do Brasil revelam ainda como estes almanaques contribuíam na aproximação de lugares, mesmo que geograficamente distantes.

Além destes temas, uma variedade de outros pode ser encontrada neste almanaque, o que não será detalhado aqui, em virtude do limite de tal espaço. Espera-se, entretanto, que através da indexação deste e dos demais almanaques e revistas, tenha-se contribuído para a visualização do colorido de seu conteúdo, assim como para a abertura de diversos caminhos de pesquisa.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

NOTAS DE FIM

[2] Trata-se do projeto de pesquisa intitulado "Práticas de leitura em alemão: almanaques e revistas publicados em Blumenau entre 1900 e 1965", desenvolvido junto à Unioeste. Agradecemos aqui a colaboração da aluna do Curso de História da mesma instituição, Márcia Wickert, que auxiliou nos trabalhos de alimentação do banco de dados.

[3] Esta biblioteca contava, em 1936, com 1.464 volumes (conforme relação de bibliotecas com literatura alemã no Brasil, consultada pela autora no Arquivo Nacional de Koblenz, Pasta R 57/68).

[4] A relação destas livrarias encontra-se no seguinte documento: REICHSTELLE FÜR DAS AUSWANDERUNGSWESEN. Deutsche Vereine, Schulen, Kirchengemeinden und sonstige Anstalten und Einrichtungen in Südamerika. Reichsverlagsamt, Berlin, 1935, p. 24.

[5] Em 1938, cerca de 3.000 pessoas participavam do programa de leituras de literatura alemã, incentivado por este instituto. Numa nota de uma edição do *Urwaldsbote*, pedia-se para que os integrantes do programa confirmassem o recebimento do material e mantivessem o contato via correspondência com seus "padrinhos" na Alemanha. Quer dizer, o jornal investia na manutenção destes laços. Betreuung für die Auslandsdeutschen. Der Urwaldsbote, Blumenau, 28 jan. 1938, p. 02.

[6] Os esforços em se incentivar a leitura de livros em alemão no original e traduzidos na América Latina faziam parte da política cultural alemã para o exterior, durante a República de Weimar. Sobre isto ver Capítulo VI da tese de doutoramento de RINKE, Stefan. "Der letzte freie Kontinent": deutsche Lateinamerikapolitik im Zeichen transnationaler Beziehungen. 1918-1933 ("O último continente livre": política alemã para a América Latina nas relações transnacionais entre 1918 e 1933). Stuttgart: Verlag Hans-Dieter Heinz, Akademischer Verlag, 1996.

[7] Sobre isto ver SEYFERTH, Giralda. Principais aspectos da literatura teuto-brasileira: os almanaques. In: Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis: FCC Edições, 1981, p. 107-124.

[8] Sobre o conceito de esfera pública ver: HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução: Flávio Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

[9] An unsere Leser. Blumenauer Volkskalender, Blumenau, 1933, n. 01.

[10] Sobre o grupo local do NSDAP em Blumenau ver tese de doutoramento de MORAES, Luis Edmundo de Souza. Konflikt und Anerkennung: die Orstsgruppen der NSDAP in Blumenau und in Rio de Janeiro. Berlin, 2002. Tese (Doutorado em História) – Zentrum für Antisemitismusforschung, Technische Universität zu Berlin.

[11] KAHLE, Maria. Adolf Hitler. Blumenauer Volkskalender, v. 3, 1935, p. 42.

[12] As imagens que o almanaque traz sobre a Alemanha estão sendo pesquisadas no momento

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

através de um projeto de iniciação científica intitulado " Imagens da Alemanha nas páginas dos almanaques em língua alemã de Blumenau nos anos 30", junto à Unioeste, sob minha orientação.

[13] No Arquivo Histórico José Ferreira da Silva encontram-se os seguintes livros, de autoria de Anni Brunner: Der Blumenstrauss, Heimaterbe, Deifchen die zweite Blume, Die Stimme der Heimat, Wir wollen vertrauen zueinander haben, Der weisse Palast, Leben ist Kampf, Weihestunde, Der Edelfalke.

[14] BRUNNER, Anni. Das Sportgirl oder Deutsch sein, heisst treu sein. Deutschbrasilianische Jugend Zeitung. Blumenau, v. 1, n. 1, p. 13-16, ago. 1935.

[15] BRUNNER, Anni. Deutscher, dich gruesst dein Vaterland! Deutsch-brasilianische Jugend Zeitung, Blumenau, v. 2, n. 1, p. 11, jan. 1936.

[16] BRUNNER, Anni. Die Stimme der Heimat. Deutsch-brasilianische Jugend Zeitung, Blumenau, v. 2, n. 2, p. 15, fev. 1936.

[17] BRUNNER, Anni. Gruss an die Heimat, Deutsch-brasilianische Jugend Zeitung, Blumenau, v. 2, n. 3, p. 07, mar. 1936.

[18] Zum Geleit. Deutscher Kalender für die Südstaaten Brasiliens. Blumenau, 1934, n. 1. (Tradução livre da autora)

[19] Idem. (Tradução livre da autora).

[20] Otto Wille. Almanach Wille. Curitiba, 1962, n. 18, p. 294 e 296.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Etimologia do termo Itajaí

Lino João Dell'Antonio[1]

Pesquisa & Pesquisadores

As diversas suposições sobre o significado do termo Itajaí, que, no passado, ocuparam espaço considerável na revista Blumenau em Cadernos, e também em outras revistas regionais, revelam que estamos longe de um consenso. A discussão sadia sobre o assunto continuará, sem dúvida.

O desenvolvimento científico e as recentes descobertas arqueológicas alteram significativamente o conhecimento que tínhamos dos índios e nos obrigam a modificar as variáveis de muitas hipóteses de pesquisas indigenistas no nosso Estado de Santa Catarina.

Sabemos que os índios costumavam crismar os lugares por onde passavam com aquilo que fosse abundante na natureza. Na América do Sul, este costume sadio se manifesta sabiamente em mais de cinco mil topônimos.

Tendo por rumo este indiscutível princípio da sabedoria indígena e por base científica as recentes descobertas arqueológicas, pretendemos alterar o contexto histórico e geográfico das suposições anteriores sobre o significado do termo Itajaí.

[1] Professor da UNIDAVI – Campus Taió

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O tupi-guarani é uma língua de aglutinação, de difícil compreensão e que sofreu, no decorrer do tempo, a influência de outras culturas. Apesar desta estratificação lingüística é possível determinar o pensamento indígena sobre a toponímia, trabalhando dedutivamente a realidade histórico-geográfica, a gramática e a realidade física. A priori, algumas suposições feitas sobre o significado do termo Itajaí possuem pouca viabilidade, pois não analisam conjuntamente estas três dimensões.

Todas as hipóteses até agora levantadas têm como variável o contexto geográfico do Litoral, onde o Rio Itajaí vive seu ciclo adulto. Nesta fase de deposição aluvial, de equilíbrio, o pesquisador é levado ao inconseqüente, pois as características do rio, imperceptíveis, se transformam em terrenos de aluvião em diversos trechos, onde o gradiente do rio é mínimo, principalmente entre Blumenau e a foz. Os milhões de metros cúbicos de areia retirada do rio e o constante assoreamento do Porto de Itajaí revelam que diversos tipos de rochas são abundantes em todo o seu percurso.

Em determinadas pesquisas, o tempo histórico também é importantíssimo. A delimitação da ocupação indígena da região cem anos antes do descobrimento do Brasil delimitou a verdade que se procurava. Apenas análises sofisticadas dos isótopos estáveis de oxigênio das conchas de berbigão e dos isótopos de carbono e nitrogênio do colágeno dos ossos, permitiram recentemente confirmar em definitivo que, no Litoral de Santa Catarina, há um milênio, viviam povos indígenas que tinham a melhor qualidade de vida de todas as Américas, incluindo os emigrantes europeus. No topo do ranking está um povo indígena ceramista de tradição Itararé e Umbu, e o terceiro lugar coube a um povo sambaquiano, que precedeu ao povo guarani, também no Litoral de Santa Catarina. Estas conclusões de um grupo de 40 (quarenta) especialistas de vários países são relatadas no livro "The Backbone of History" (A Espinha Dorsal da História), editado no ano 2002, pela Cambridge University Press, e confirmam que o povo indígena do Litoral passou pelo Alto Vale e pelo Planalto (tradição Itararé e Umbu) e que, nos sete milênios de ocupação, tinha alcançado melhor nível de vida, no ano mil.

Por questão de justiça, nossos eminentes antropólogos Inácio Schmitz S. J. , Alfredo Rohr S. J. e Marco De Masi já tinham chegado a esta conclusão, evidentemente sem a intersubjetividade desta recente pesquisa internacional.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

As descobertas arqueológicas, desde 1959, revelam que os deslocamentos indígenas entre o Planalto e o Litoral eram freqüentes e confirmam as afirmações de Rui Diaz de Gusman, por ocasião do descobrimento, conquista e população do Rio da Prata, em 1612:

Mas adelante está la isla de Santa Catalina, uno de los mejores puertos de aquella costa (...). Fue esta isla muy poblada de indios guaranies, y en este tiempo está desierta, porque se han ido los naturales a tierra firme, y dejando la costa, se han metido dentro de los campos y pinales de aquella tierra... (SCHMITZ, 1.959, p. 271).

Os deslocamentos indígenas também aconteciam por motivo de segurança. Quando os bandeirantes tentaram escravizá-los, "muitos fugiam para o interior longínquo, para as bacias dos afluentes do Prata, onde se julgavam bem mais abrigados". (SCHMITZ, 1.959, p. 273).

As pesquisas arqueológicas do Planalto Catarinense, na década de 70, além de confirmarem estes deslocamentos, revelaram também que a ocupação do território se deu há mais de 3.000 anos, segundo datação de C14 do Museum Nacional de Washington. Alfredo Rohr, ao estudar esses sítios arqueológicos, é esclarecedor sobre culturas, tempo, deslocamentos e alimentação dos indígenas.

O número e a variedade dos monumentos arqueológicos, assinalados na região, sugerem do outro lado que, durante estes milênios, populações de cultura bastante diversas passaram por aquelas paragens. Algumas delas possuidoras de cerâmica; outras desconhecendo a cerâmica. Umas morando em abrigo sob-rocha; outras vivendo em casas subterrâneas (...); outras de todo nômades e errantes (...) . A zona litorânea (...) pela riqueza de pescado e abundância de moluscos e crustáceos, oferecia ao homem primitivo condições ecológicas ideais. (...) A região serrana (...) tinha a oferecer o pinhão, alimento rico, forte e sadio, (...). De mais a mais, havia na região abundância de caça (...). Tal profusão de alimentação não deixaria de exercer atrativo poderoso sobre povos caçadores e coletores, que, por períodos mais ou menos longos, demorar-se-iam naqueles sertões. (ROHR, 1971, p. 10-11).

Em 1996, o arqueólogo Rossano Lopes Bastos, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), ao registrar o complexo arqueológico da Serra do Mirador como oficina lítica indígena, esclarece que "o homem já ocupava o Vale do Itajaí há pelo menos a 6.000 anos, e

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

como as grutas do Mirador estão localizadas no maciço que separa o Litoral da serra, provavelmente foram habitadas pelas mais antigas civilizações do Vale do Itajaí". (LIBERATO, 1.996 p. 6).

Bem recente, sítios encontrados no interior confirmam migração dos índios guaranis, que, segundo o coordenador do grupo de arqueólogos da UNISUL, Marco De Masi, contraria pesquisadores que "acreditavam que a tribo vivia somente no Litoral". (MARCELO, 2.002, p. 26)

Esta é a síntese das recentes descobertas arqueológicas. Concluindo esta parte essencial do nosso trabalho, podemos afirmar que o homem indígena, vivendo em contato permanente com a natureza, assimilando por tradição oral conhecimentos milenares e adquirindo notável acuidade dos sentidos, revela qualidades surpreendentes, que o conhecido escritor português Jaime Cortezão assim as sintetiza: "(...) índios, munidos de varas, traçavam na areia fina das praias, perfeitos mapas da região (...). Certos riachos descritos nestas cartas eram infalivelmente encontrados nos pontos assinalados". (THIAGO, 1948, p. 14).

A expressão toponímica atual Itajaí é resultante de adaptações e modificações impostas pela vernaculização. Todavia, seus valores semânticos foram preservados, porque as características que ainda hoje se mantêm são constantes em toda a bacia do rio: muitas pedras. O termo Itajaí é a síntese de três idéias: ita, já e y, que, respectivamente significam pedras, muitas e rio. A expressão indígena que provoca discussão é o infixo ja. Através de análises comparativas, deduzimos que este infixo, no termo Itajaí, traduz a idéia específica de quantidade. Quando o já é sufixo, como no topônimo Itajá, é sinônimo genérico de lugar, terra (terra de pedras). Em ambos os casos carrega sempre a idéia de abundância. Portanto, Itajaí significa rio de muitas pedras, ou simplesmente, rio pedregoso.

Onde estão as características físicas do nome? O rio Itajaí e seus principais formadores drenam a região limítrofe entre as rochas sedimentares do extremo Alto Vale e as rochas basálticas do Planalto, na região de maior altitude do Estado. As rochas sedimentares, que predominam desde a escarpa da Serra Geral até a foz do rio Lontras, oferecem uma resistência bem menor à erosão, provocada principalmente pelas águas. Como decorrência deste fenômeno geológico, os formadores do rio Itajaí em épocas remotíssimas, de afluentes da Bacia Platina, passaram a formar a Atlântica. A declividade, de início, é violenta. São muitas as cachoeiras. A partir de

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Lontras, onde a formação geológica é de rochas metamórficas, que oferecem consistência maior à erosão, as características de rio pedregoso se manifestam de forma mais nítida, principalmente em épocas de estiagem. As características de rio pedregoso são constantes em quase toda a extensão. Nas imediações da ponte do Salto, em Blumenau, está a última cascata que a erosão e o tempo transformaram em correnteza.

Quando o indígena por aqui passou, batizou o principal rio da região de Itajaí. Dar nomes aos lugares, principalmente aos rios, era uma necessidade para a sua comunicação oral e para a luta pela sobrevivência. E o fez sempre de modo inteligente: uma realidade descritiva admirável.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Cláudio. Banquete pré-histórico. Folha de São Paulo, 20 out. 2002, Mais Ciência, p. 16-17.

BUENO, Silveira. Vocabulário tupi-guarani-português. 6. ed.São Paulo: Éfeta Editora, 1998

CARDOSO, Armando Levy. Toponímia brasileira. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961

GUASCH, Antônio SJ. Diccionario castellano-guarani y guarani-castellano. 5. ed. Assuncion: ediciones loyola, 1950

ITAJÀ. Availlable: http://cabugi.globo.com/rnonline/mun-resp-int.asp?codigo-cidasde=54, acesso em 19/03/04

LIBERATO, Guarim. Arqueólogo pesquisa as cavernas de Ibirama. Jornal de Santa Catarina, Blumenau, 26 e 27 mai. 1996. Geral, p. 6 B

MARCELO, Cláudia. Sítios mostram migração dos índios. Diário Catarinense, Floriaópolis, 31.10.2002. História p. 26

PERALTA, A J; OSUNA, T. Diccionário guaraní-español y español-guaraní. 2. ed. Buenos Aires: Tupã, 1951

ROHR, João Alfredo SJ. Os sítios arqueológicos do Planalto catarinense, Brasil. São Leopoldo: Instituto Anchietano de pesquisas, 1971

SAMPAIO, Theodoro. O tupi na geografia nacional. 4. ed. Salvador, 1955

SCARDELLI, Paulo. Índios viviam na costa catarinense há 910 anos. Diário Catarinense, Florianópolis, 12 jul. 1999, Arqueologia, p. 4-5.

SCHMITZ, Inácio SJ. A cerâmica guarani da Ilha de Santa Catarina e a cerâmica da base aérea. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquizas, 1959

STELLA, Jorge Bertolaço. AS LÍNGUAS INDÍGENAS DA AMÉRICA. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, vol. XXVI, 1929

THIAGO, S. Arnaldo. TOPONÍMIA INDÍGENA. O Vale do Itajaí, Blumenau, abr./mai. 1948.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Uma paixão trintenária: O "Contestado"

*Enéas Athanázio**

Autores Catarinenes

Nilson Thomé completa trinta anos de pesquisas a respeito do tema que o apaixona e ao qual tem dedicado o melhor de seus esforços – o "Contestado." Desde 1974, através de incansáveis exames de velhos documentos, leituras sem fim, entrevistas e pesquisas de campo, publicações e palestras, seu nome se associou de tal forma ao tema que se tornaram inseparáveis. Vencendo as resistências iniciais ao seu propósito de "dar **status** ao termo 'Contestado', até então por estas plagas vinculado às tristes lembranças da Guerra do Contestado", ele verifica hoje, com íntima satisfação, o crescente interesse que o assunto desperta em todas as áreas, o que mais o estimula ao prosseguimento desse trabalho tão árduo quanto desafiante. Esse receio provocado pelo tema foi uma espécie de **tabu**, tanto que eu próprio, nascido e criado no território do Contestado, jamais ouvia falar nele. As poucas referências eram feitas à "revolta dos jagunços", com desprezo e desdém, como coisa menor, organizado por gente atrasada e que se opunha à "ação civilizadora da Cia. Lumber". Hoje, a

* Escritor e advogado. Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pobreza generalizada da região mostra por si só como ela foi sugada pela multinacional e nada recebeu em troca. E isso confirma o quanto Thomé estava certo no direcionamento de suas pesquisas.

Para comemorar o acontecimento, ele está publicando mais um livro que vem se somar aos inúmeros outros, inclusive opúsculos, que já constituem uma biblioteca especializada. Trata-se de "Uma Nova História para o Contestado" (Edição da UnC/Caçador e Museu do Contestado), espécie de súmula de seu pensamento como historiador, técnicas de pesquisa empregadas e rumos traçados para o futuro, além de um completo balanço sobre o acervo hoje existente, em todas as áreas, a respeito do assunto. Para a construção dessa **nova história do Contestado**, concluiu ele pela necessidade da "condução dos trabalhos em duas frentes, simultâneas e paralelas. Uma, mais imediata, marcando o início da construção da nova história do Contestado, através de pequenas publicações, enfocando variados aspectos do Contestado, com o aproveitamento, ainda que parcial, da nossa bagagem acumulada, para disseminar o conhecimento a curto prazo. Outra, mais paciente, pelo aprofundamento de estudos sobre determinados e relevantes temas, eleitos como problemas que exigiam mais tempo e dedicação à pesquisa, assim provocando nosso retorno às fontes primárias, tanto às conhecidas como à busca de outras" (pág. 28). Note-se que suas pesquisas se estendem à **região** e à **guerra**.

O livro se divide em duas partes, ambas densas e ricas de conteúdo, o que pode fazer dele, também, uma boa iniciação no assunto, com uma completa relação de fontes para estudo. Na primeira delas – "A Construção da Nova História do Contestado" – o autor expõe um glossário histórico do termo Contestado, esclarecendo seu significado e afastando confusões, definindo o que sejam **território**, **região** e **guerra** do Contestado, em geral envoltos numa nebulosa impenetrável. Esclarece depois vários outros aspectos, inclusive a respeito do Homem do Contestado, a ferrovia do Contestado, instituições ligadas a ele e muitas outras informações que buscam clarear o entendimento dos interessados. Descreve, em seguida, o que seja o "Projeto Resgate da Memória do Contestado", as dificuldades encontradas na sua implantação e o longo trabalho por ele realizado, como jamais havia sido feito. "Durante muitos anos - escreve –, como ninguém fez até

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

hoje, percorremos toda a região, quando entrevistamos quase uma centena de caboclos remanescentes da guerra para, pacientemente, dar ouvidos à sua versão. É impossível relatar por inteiro nossas profícuas atividades nas matas, nos campos e nas cidades – nosso **habitat** –, quando conhecemos todos os lugares marcados na história como redutos de combates e de moradias, andamos pelos antigos caminhos de tropeiros, acampamos em grutas e cavernas, alimentamo-nos com comidas típicas, participamos de festejos populares, caçadas e pescarias, saboreamos frutas e animais silvestres e reviramos prateleiras, armários e baús" (pág. 26). Foi assim, andando, especulando, olhando, cheirando e apalpando que esse misto de cientista social e aventureiro transformou o Contestado num verdadeiro projeto de vida, tão ambicioso como o próprio projeto do Contestado. Nesse ponto, seu livro comove pela dedicação integral, pelo interesse no mínimo pormenor, pela decisão de fundamentar na realidade, passada ou presente, tudo que afirma e expõe.

Mostra, na seqüência, como a história do Contestado forçou as portas da Academia, antes trancadas a sete chaves para ela, culminando com a criação da própria cadeira, cujo titular não poderia ser outro se não ele. Graças a isso, a juventude acadêmica passou a se conhecer melhor e a entender um passado por longo tempo varrido para baixo dos tapetes. Propõe, em seguida, um resgate do esquecido, sem esquecer o conhecido, como forma de traçar o mapa histórico, tão completo quanto possível, sem brechas ou falhas. "A região do Contestado – diz ele – ainda não tem sua história construída. Tem passado e tem histórias." E nessa empreitada solitária, às vezes incompreendida ou ignorada, se lançou ele, levantando pedra por pedra a nova história regional. Propõe ainda uma reflexão crítica nos estudos históricos, exercitando a dialética, pesquisando as mudanças, questionando, analisando e interpretando a sociedade para que o Homem do Contestado de hoje "tenha meios para que adote uma posição mais crítica em face da realidade" (pág. 49). Fechando a parte inicial, propõe um olhar à floresta e não apenas às árvores, no sentido de ampliar as pesquisas, antes focalizadas no episódio da guerra, e, portanto, muito estreitas. Lembra o abandono da região, distante de ambas as capitais (Florianópolis e

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Curitiba), cuja população viveu, e em parte ainda vive, à margem de tudo, esquecida e entregue à própria sorte. Note-se que só agora, em maio de 2004, é inaugurada a chamada "Estrada da Amizade", ligando Caçador-Calmon-Matos Costa e Porto União, omissão que constituía autêntico escândalo administrativo. E conclui, relacionando os objetivos de seus estudos (pág. 66).

Na segunda parte – "Estudos sobre a Guerra do Contestado" – o autor relaciona a bibliografia e o patrimônio artístico-cultural existentes sobre o tema. Creio que se trata do mais completo levantamento até hoje feito do que se deu a público a respeito desse movimento revolucionário que abalou o Sul brasileiro. Ele comenta as obras mais significativas, desde as primeiras tentativas de apresentação de referências bibliográficas impressas, e depois agrupa, segundo o gênero ou a origem, todas as obras surgidas: obras de militares que participaram do conflito, obras dos pioneiros ou construtores da história do Contestado, ensaístas que produziram no rigor científico ou com visão religiosa, autores de romances, novelas e poesias com temática calcada no Contestado, depoimentos pessoais, trabalhos jornalísticos, jurídicos, monografias, dissertações, teses, trabalhos inseridos em livros de história geral, regional e local, tanto dados a lume em nosso Estado como no Paraná e em outras regiões do país. Avoluma-se aí, como é natural, a vasta produção do próprio autor, uma das maiores contribuições ao tema. É curioso observar a riqueza da iconografia contida no livro, reproduzindo as capas das obras mais importantes, inclusive muitas de acesso quase impossível. Embora eu não seja historiador e nem me dedique de forma específica ao assunto, constatei com satisfação minha presença em vários lugares, em prefácios, orelhas e comentários, além do roteiro para leituras que procurei organizar por sugestão de amigos. Muitas obras ali reunidas foram por mim comentadas na imprensa. É hoje copiosa a bibliografia sobre o tema, permitindo o aprofundamento das pesquisas pelos interessados, e ela não cessa de crescer, atestando o interesse cada vez maior pela "insurreição xucra."

No capítulo destinado ao patrimônio artístico-cultural o autor registra os murais concebidos por artistas plásticos, oratórios e peças teatrais,

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

o Museu do Contestado, montado numa réplica da antiga estação ferroviária, na cidade de Caçador, contando com amplo acervo e com trinta anos de existência, os marcos arquitetônicos, o Contestado no cinema, na televisão, em CDs, figuras do episódio vistas por chargistas e caricaturistas, turismo histórico, grupos de estudo e, por fim, a bandeira do Contestado, cujo tamanho, desenho, forma e cores foram regulados por lei. Além disso, perpassando todo o livro, a presença decisiva da Universidade do Contestado (UnC), através de seus **campi**, batalhando pela difusão da região e pela cultura em geral.

Trata-se, enfim, de um livro que é um marco na região do Contestado e sua história, registrando o trabalho incansável de um abnegado e contribuindo para que nosso Estado, tão dividido em regiões, passe a se entender melhor e, em conseqüência, lutar em conjunto pela Terra Catarinense. (Contatos com o Autor: Rua Poeta J. Amazonas, 3 3 – Santelmo – 89500-000 – CAÇADOR – SC).

O TREM

Criado em Porto União, mais importante entroncamento ferroviário do Estado, na época, o trem faz parte de minha vida. Desde criança sovei os bancos da velha RVPSC (Rede Viação Paraná-Santa Catarina), que os maldosos traduziam como "restaurante vagabundo pastéis sem carne" ou "Rosa viu Pedro sem calças", tanto em percursos longos como curtos. Fui diversas vezes a São Paulo, martelando por três dias e três noites os velhos trilhos, Curitiba e Joinville, esta última na época em que estudava em Florianópolis. Com mais freqüência, porém, para ir a Joaçaba e dali a Campos Novos, nos velhos ônibus do Tessaro, e para Calmon, onde meu padrasto foi funcionário da célebre Companhia Lumber, uma das causadoras da guerra do Contestado, e por longos anos. Calmon dista cerca de sessenta quilômetros de Porto União, percurso que o trem misto levava quatro horas para percorrer, quando não atrasava, na vertiginosa velocidade média de quinze quilômetros por hora! Em compensação, a paisagem é linda, revelando-se em campos, matos, rios e montanhas, e o trecho tinha vários

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

túneis, pontes e serras íngremes nas quais as velhas marias-fumaças resfolegavam muito para subir. Havia ainda os célebres bolinhos do ponto de café, em Matos Costa, a velha São João dos Pobres, onde o capitão Matos Costa foi trucidado pelos jagunços. Essa cidade, outrora reduto de negros, só muito mais tarde recebeu outras etnias. Suspeito de que fosse, em tempos recuados, um quilombo em terras catarinenses. Durante a guerra, a velha São João dos Pobres foi incendiada, restando pouca coisa. Em Calmon, a serraria da Lumber também foi incendiada e as chamas arderam por dias e noites seguidas, iluminando o sertão em derredor.

Além dos trens mistos, únicas ligações possíveis entre as localidades à margem da ferrovia, que foram o transporte normal do comum dos mortais, havia os trens diretos, ligando Porto Alegre a São Paulo, que na verdade nada tinham de diretos. Havia ainda o internacional, trem de luxo que só parava em cidades maiores, desprezando as pequenas, pelas quais passava exibindo pose e circunstância. Seus vagões de aço, blindados e reluzentes, continham cabines, sala de fumar (os mais sofisticados diziam **fumoir**), restaurante (ou **buffet**), bar e jornaleiro. Ligava Buenos Aires a São Paulo, percorrendo os trilhos hoje abandonados e entregues ao vandalismo. Nas pequenas vilas, em especial à noite, sua passagem constituía um espetáculo que muita gente não perdia, dirigindo-se à estação para contemplar por fugazes instantes o monstro negro que passava roncando, num rolo de fumaça, para desaparecer no primeiro corte, deixando atrás de si o matraquear das rodas e o apito oitavado da grande locomotiva.Tudo isso, porém, é coisa do passado, restam poucas ferrovias e o Brasil optou pelo estradismo e a conseqüente dependência do petróleo. Mas essa é outra história.

Escrevi isso tudo por uma razão: neste ano o trem completa dois séculos de existência. Foi em 1804, portanto há duzentos anos, que o inglês Richard Trevilthick testou com sucesso a primeira locomotiva movida pela alta pressão do vapor e puxou um vagão com nove toneladas de peso. Desde então o trem não cessou de evoluir, surgindo locomotivas a lenha, carvão, elétricas e a diesel. Surgiram trens-bala, suspensos e subterrâneos. Em 30 de abril de 1854 é inaugurada a primeira linha ferroviária brasileira, a

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Estrada de Ferro de Petrópolis, da qual disse um repórter: "Mais veloz que uma flecha, do que o vôo de uma andorinha..." Exageros à parte, o trem começava a circular no Brasil pelas mãos do Barão de Mauá, ainda que sem grande futuro.

A revista "Terra", do mês de abril, publicou excelente reportagem sobre trens, trilhos, obras de arte ferroviária e muita história, não faltando o saudosismo de muitos e o abandono desse patrimônio construído a tão duras penas.

Homenagem a Pablo Neruda

Nascido em Parral, no Chile, "região virginal de frios e tempestades", transformou-se num nome universal, conhecido e lido em todo o mundo, com obras traduzidas e declamadas nas mais estranhas línguas. Creio que nenhum escritor latino-americano foi tão querido e aclamado, tanto que se dizia que os leitores o carregavam no coração. E a confirmação da "intelligentsia" mundial veio com o Prêmio Nobel, em 1971. Filho de um ferroviário, enfrentou ingentes dificuldades até se transformar em cidadão do mundo. Diplomata, senador, conferencista, doutor "honoris causa" de grandes universidades, foi acima de tudo poeta, a única condição a que realmente aspirou e alcançou como poucos. Viveu com intensidade a vida de escritor, publicando, participando, viajando, declamando, recebendo prêmios e distinções. Tornou-se verdadeiro mito e sua vivenda, na "Isla Negra", com as coleções de livros, brinquedos, caravelas, objetos pessoais e artísticos, moluscos e escritos provocou a admiração mundial. A publicação de suas memórias, "Confesso que Vivi", um dos trabalhos mais lidos no gênero, e, recentemente, o aparecimento do romance "O Carteiro e o Poeta", de António Skármeta, depois vertido para o cinema, reforçaram o interesse por ele e sua obra.

Batizado Ricardo Eliezer Neftalí Reyes y Basoalto, em outubro de 1920 adotou o nome de Pablo Neruda pelo resto de seus dias e como tal ficou conhecido. Desde cedo seus poemas caíram no gosto do público e da crítica, conquistando invulgar popularidade, não apenas no país natal, mas

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

também em toda a comunidade de língua espanhola e se estendendo ao mundo inteiro, inclusive ao Brasil, onde tem incontáveis leitores. Os livros "Canto Geral", reunindo uma seleção de suas mais sentidas poesias e o mais extenso de todos, "Cem Sonetos de Amor" e "Residência na Terra" estão entre os mais admirados. O primeiro do trio foi leitura obrigatória de inúmeras gerações de brasileiros, mas tudo que escrevia, em poesia ou prosa, era consumido com interesse pelo público leitor. Tinha grande admiração pelo nosso país, onde esteve diversas vezes, e privou da amizade de Jorge Amado, de cuja casa foi hóspede, e de outros brasileiros. Homem de irradiante simpatia e palavra calorosa, a figura do poeta contribuiu de forma decisiva para a veneração que lhe era tributada. Candidato à presidência do Chile, desistiu da candidatura para apoiar Salvador Allende, falecendo doze dias após o golpe militar que derrubou o presidente, como se o destino o poupasse das barbaridades que viriam em seguida sob o tacão de Pinochet.

Nascido em 12 de julho de 1904, completa-se neste ano o centenário de nascimento do poeta. Celebrações, eventos e publicações acontecerão em todo o mundo para lembrar a data. A Espanha, país que ele cantou em célebre poema, organiza e mega-exposição "Neruda no Coração", reunindo muito dele e de sua produção literária. Entre nós, trabalhos serão publicados e eventos diversos celebrarão sua memória. Antecipando os festejos, a Editora Bertrand Brasil publicou, no ano passado, o volume "Pelas Praias do Mundo", antologia de crônicas, contos e artigos, organizada por Jaime Quezada, que dá bem uma mostra da alma e do talento do poeta. Em 2001, editado por Vergara & Riba Editoras, apareceu o belíssimo livro-álbum "Presente de um Poeta", com pensamentos e versos de Neruda, traduzidos por outro grande poeta, o amazônico Thiago de Mello, ilustrado pela pintora grega Daeni Amecke-Tzitzivakos. Ambos constituem agradáveis reencontros com Pablo Neruda, em verso e prosa.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R$ 80,00
- Exemplares avulsos: R$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
  R$ 15,00 (anos 60)
  R$ 20,00 (anos 50)
- Encadernação R$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

( ) Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de 2004 (Tomo 45). Anexo a este cupom, a quantia de R$ .....,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

( ) Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos

( ) Depósito no BESC – conta 77.995-2 – Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

( ) Cheque - Banco: ..... Número do Cheque: .....

Dados do Assinante:

Nome:_____

Endereço:_____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____-_____ Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

_____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015–010 - – Fone: (47) 326-6990 – Fax (47) 222-2259

Blumenau (SC) – E-mail: funculbl@terra.com.br

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos

TOMO XLV
Julho/Agosto de 2004
Nº 7/8

Apoio Cultural:

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert *(in memoriam)*

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hildegard Rossmark Schramm

43 S/A Gráfica e Editora

Idealizada pelo pesquisador e historiador José Ferreira da Silva o primeiro exemplar de Blumenau em Cadernos foi editado em novembro de 1957. Foi declarada pela Lei nº 1.895(15.12.1972) de utilidade pública. Após o falecimento de Ferreira da Silva (1897-1973), a família doou todos os direitos da revista à Fundação Cultural de Blumenau.

Em 1997 a revista passou por reformulações acatando as sugestões feitas pelo Conselho Municipal de Cultura, as quais foram inseridas no Plano Municipal de Cultura. No novo projeto gráfico e impressão off-set, adequou-se a revista às novas linhas de pesquisa.

A análise dos textos é feita pelo Conselho Editorial conferindo maior cientificidade. Premiada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, ao conferir em 1998, o Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux História e a Academia Catarinense de Letras que concedeu o Prêmio Destaque 2002.

Ao longo destas décadas, Blumenau em Cadernos, teve o apoio de muitas colaboradores (assinantes,patrocinadores, articulistas, tradutores, revisores e mesmo aqueles que no anonimato desempenharam e ou desempenham funções para fazer chegar às mãos dos leitores esta revista.. A estes personagens desta história somos gratos!

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense